



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

SILVANE LUCELI DE ANDRADE ALVES

**PERSPECTIVAS PARA O ENSINO ESCOLAR
DA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
MANUSCRITOS PARANAENSES DO SÉCULO XVIII**

Londrina
2012

SILVANE LUCELI DE ANDRADE ALVES

**PERSPECTIVAS PARA O ENSINO ESCOLAR
DA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
MANUSCRITOS PARANAENSES DO SÉCULO XVIII**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Joyce Elaine de Almeida Baronas

Londrina
2012

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca
Central da Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

A474p Alves, Silvane Luceli de Andrade.

Perspectivas para o ensino escolar da história do português brasileiro :
manuscritos paranaenses do século XVIII / Silvane Luceli de Andrade
Alves. – Londrina, 2012.

146 f. : il.

Orientador: Joyce Elaine de Almeida Baronas.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade
Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2012.

Inclui bibliografia.

1. Língua portuguesa – História – Teses. 2. Linguagem –
Estudo e ensino – Teses. 3. Livros didáticos – Avaliação. 4. Linguística – Teses.
5. Filologia portuguesa – Teses. 6. Manuscritos – São Luiz de Guaratuba (PR) – Estudos
diacrônicos – Teses. 7. Manuscritos – Antonina (PR) – Estudos diacrônicos –
Teses. 8. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. I. Baronas, Joyce Elaine de
Almeida. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências
Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU

SILVANE LUCELI DE ANDRADE ALVES

**PERSPECTIVAS PARA O ENSINO ESCOLAR
DA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
MANUSCRITOS PARANAENSES DO SÉCULO XVIII**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Joyce Elaine de Almeida Baronas
UEL –Londrina - PR

Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho
USP

Prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera
UEL –Londrina - PR

Prof.^a Dr.^a Rosane de Andrade Berlink
UNESP – Araraquara - SP

Prof.^a Dr.^a Fabiane Cristina Altino
UEL –Londrina - PR

Londrina, ____ de _____ de 2012.

***Aos meus pais, Sebastião e Geni,
e ao meu irmão Moacir,
eternos amores que tanto fizeram por mim,
mas não puderam estar aqui
para comemorar comigo mais esta conquista.***

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus Pai e Deus Filho, a quem devo tudo que tenho e tudo que sou e a Nossa Senhora Aparecida, que nunca me faltou com suas intercessões.

À professora Dr.^a Joyce Elaine de Almeida Baronas, que incansavelmente e com total disponibilidade me mostrou o caminho a seguir com muita seriedade, paciência e confiança.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.

Aos professores Doutores Ataliba Teixeira de Castilho e Vanderci de Andrade Aguilera que, por ocasião do Exame de Qualificação, trouxeram valiosas contribuições para este estudo.

A CAPES, que me concedeu condições financeiras para que eu pudesse me dedicar somente aos estudos.

Aos amigos do Projeto PHPP, em especial, à Prof.^a Dr.^a Fabiane Cristina Altino, que muito contribuíram para o meu conhecimento.

Ao meu marido Alexandre que, pacientemente, dividiu comigo muitos momentos difíceis e sempre esteve ao meu lado me incentivando e fazendo-me acreditar que tudo daria certo.

Às minhas filhas, Nicole e Yasmin, que carinhosamente dividiram comigo a mesa de estudo e esperaram que eu terminasse logo e pudesse dedicar mais atenção a elas.

Aos meus pais Sebastião e Geni, que me ensinaram a ser perseverante e a lutar dignamente por meus objetivos.

A toda minha família, pelo apoio e incentivo e, principalmente, ao Moacir, irmão querido, que sempre torceu por mim.

E a todos os amigos, em especial à Letícia e a Soraia, que, nas horas difíceis, ao longo do curso, contribuíram com palavras férteis de encorajamento e fé.

ALVES, Silvane Luceli de Andrade. **Perspectivas para o ensino escolar da história do português brasileiro**: manuscritos paranaenses do século XVIII. 2012. 146f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2012.

RESUMO

Nos últimos tempos, a linguagem paranaense tem sido objeto de estudo e tem trazido resultados relevantes para análise e descrição do português do Brasil no que tange a dados sincrônicos e diacrônicos. Nesse aspecto, a análise de manuscritos tem contribuído para a elucidação de questões históricas ligadas às variantes linguísticas. Este trabalho se baseia em dois *corpora*, sendo um atual e outro antigo, a saber: i) 15 coleções de livros didáticos aprovados pelo PNLD do Paraná e utilizados nas escolas públicas no período de 2011 a 2013; ii) 5 manuscritos do século XVIII pertencentes à Vila de Guaratuba – PR, os quais compõem a obra *Scripturae nas Villas de São Luiz de Goaratuba e Antonina: manuscritos setecentistas e oitocentistas* (AGUILERA; ALMEIDA BARONAS, 2007). O trabalho se divide em três partes: primeiramente apresenta-se a fundamentação teórica pautada nos estudos sobre História da Língua Portuguesa, Variação Linguística, Arcaísmos e Variação e Ensino; em seguida, apresenta-se a análise das coleções de livros didáticos do ensino fundamental, aprovadas pelo PNLD/2011 – Plano Nacional do Livro Didático, a fim de verificar o conteúdo sobre a variação linguística histórica disponível nessas coleções; finalmente, propõem-se atividades didáticas voltadas para atender ao público do ensino fundamental do 6º ao 9º ano; nesta seção, foram elaboradas cinco unidades, compostas por atividades que abordam aspectos textuais, lexicais, semânticos, morfológicos e sintáticos da língua portuguesa.

Palavras-chave: Livros didáticos. Manuscrito. Ensino de língua portuguesa.

ALVES, Silvane Luceli de Andrade. **Prospects for school education in the history of Brazilian Portuguese: Paraná manuscripts of the eighteenth century.** 2012. 146f. Dissertation (Master's degree in Studies of the Language) – State University of Londrina, Londrina. 2012.

ABSTRACT

In recent times, the paranaense language has been the object of study and it has brought important results for analysis and description of the Portuguese of Brazil concerning to synchronic and diachronic data. In this aspect, the analysis of manuscripts has contributed for the elucidation of historic questions connected to the linguistic variants. This work bases itself in two *corpora*, one is actual and the other is ancient, that is: i) 15 collections of didactic books approved by PNLD of Paraná and used in the public schools in the period 2011 to 2013; ii) 5 manuscripts of the eighteenth century pertaining to Villa Guaratuba – PR, which compose the opus *Scripture in the Villas of São Luis de Goaratuba and Antonina: eighteenth century and nineteenth century manuscripts* (AGUILERA; ALMEIDA BARONAS, 2007). The work shares itself in three parts: Firstly presents itself the theoretical foundation ruled on studies about History of Portuguese Language, Linguistic Variation, Archaisms, Variation and Teaching. Then, it presents itself the analysis of the collections of the didactic books of the fundamental teaching, approved by PNLD/2011 – National Plane of Didactic Book, in order to verify the contents about the historic variation linguist disposable in these collections; finally, it proposes didactic activities focused to attend the public of the fundamental teaching of the sixth to the ninth year; in this section, five unities were elaborated, composed by activities that board textual, lexical, semantical, morphologic and syntactic aspects of the Portuguese Language.

Key-words: Didactic books. Manuscript. Teaching of portuguese language.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	11
2.1 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> ATUAL	11
2.2 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> ANTIGO.....	12
3 BASE TEÓRICA NORTEADORA	14
3.1 A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL	14
3.1.1 Um Perfil Histórico.....	14
3.1.2 A Língua do Brasil no Século XVIII	21
3.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	25
3.2.1 Variação Geográfica ou Diatópica.....	27
3.2.2 Variação Social ou Diastrática.....	30
3.2.3 Variação Estilística	32
3.2.4 Variação Diamésica e de Canal	34
3.2.5 Variação Histórica ou Diacrônica	36
3.3 ARCAÍSMOS.....	37
3.3.1 O Processo de Arcaização das Palavras	39
3.4 VARIAÇÃO E ENSINO	48
4 ANÁLISE DOS <i>CORPORA</i>	57
4.1 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> ATUAL.....	57
4.1.1 Descrição e Análise dos Dados.....	59
4.1.1.1 Coleção “A aventura da linguagem”	60
4.1.1.2. Coleção “Diálogo”	69
4.1.1.3 Coleção “Língua Portuguesa – linguagem e interação”.....	72
4.1.1.4 Coleção “Linguagem – criação e interação”	74
4.1.1.5 Coleção “Para viver juntos – português”	77
4.1.1.6 Coleção “Português – a arte da palavra”.....	79
4.1.1.7 Coleção “Português – ideias e linguagens”	81
4.1.1.8 Coleção “Português – uma proposta para o letramento”.....	85
4.1.1.9 Coleção “Português – linguagens”	87

4.1.1.10 Coleção “Projeto Eco – Língua Portuguesa”	88
4.1.1.11 Coleção “Projeto Radix – Português”	89
4.1.1.12 Coleção “Trabalhando com a linguagem”	91
4.1.1.13 Coleção “Trajetórias da palavra – Língua Portuguesa”	94
4.1.1.14 Coleção “Tudo é linguagem”	95
4.1.1.15 Coleção “Viva Português”	96
4.2 Proposta de Atividades	102
4.2.1 Atividades	103
Unidade 1	105
Unidade 2	114
Unidade 3	122
Unidade 4	130
Unidade 5	137
CONCLUSÃO	139
REFERÊNCIAS	142

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a linha de pesquisa que atua sobre os estudos da linguagem tem ganhado significativo espaço no que diz respeito à análise do português do Brasil, tanto do ponto de vista sincrônico quanto do diacrônico. Estudar a evolução da língua em seu processo histórico permite a compreensão das transformações e variações do português do Brasil e sua aplicação no contexto social.

Nesse âmbito, consideramos fundamental ampliar as propostas de ensino da variação linguística direcionadas para o material didático utilizado na escola, de forma a estudar a aplicabilidade dessa variação e entender a maneira como crianças e jovens fazem uso da linguagem.

Durante a fase escolar, o aluno se insere em círculos de convivência diferenciados, passa por diversas etapas de desenvolvimento pessoal e utiliza a linguagem tanto como forma de intercâmbio social quanto para a criação de conceitos particulares da linguagem.

Pensando na riqueza que o ambiente escolar pode conter, no que diz respeito à variação da língua aliada à mudança linguística ao longo do tempo, objetivamos: (i) analisar o atual estado do ensino da variação linguística apresentado por manuais didáticos; (ii) sugerir atividades didáticas sobre a variação histórica que possam ser úteis para o estudo no contexto escolar.

Para concretizar tal proposta, apresentamos três etapas de trabalho, a saber: (i) pressupostos teóricos; (ii) análise de manuais didáticos; (iii) propostas didáticas. Na primeira parte, a preocupação recai sobre o aprofundamento em leituras concisas de pesquisadores que versam a respeito do estudo da Língua Portuguesa, da variação linguística, dos arcaísmos e da relação entre a variação e o ensino.

Sobre a história da Língua Portuguesa, apresentamos sinteticamente, momentos de sua evolução no Brasil desde o período de influências indígenas, africanas e europeias, até o século XVIII, com o objetivo de apreender seu processo histórico evolutivo. Sobre o conceito de variação linguística, traçamos um panorama das formas de variação e os diferentes enfoques sobre a mudança da língua. Quanto aos arcaísmos, explicitamos concepções de termos e causas que

favorecem o aparecimento deste fenômeno e, para finalizar nosso posicionamento teórico, oferecemos um lugar dedicado ao estudo da variação linguística e sua complexa relação com o ensino institucionalizado da língua Portuguesa no Brasil.

Num segundo momento, apresentamos ao leitor a análise das coleções de livros didáticos aprovadas pelo Plano Nacional do Livro Didático – PNLD/2011¹ e utilizadas atualmente no ensino fundamental, do 6º ao 9º anos, nas escolas públicas do Paraná.

Por fim, na fase final, com base em cinco cópias digitalizadas de manuscritos setecentistas, intencionamos construir um conjunto de atividades didáticas voltadas para os níveis de ensino fundamental, do 6º ao 9º anos. Trata-se de sugestões e possibilidades de ensino da variação histórica da Língua Portuguesa, com ênfase nos aspectos textuais, lexicais, semânticos, morfológicos e sintáticos.

¹ **Guia de Livros Didáticos PNLD 2011.** Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/pnld-guia-do-livro-didatico/2349-guia-pnld-2011>>.

2 METODOLOGIA

Para análise dos documentos do século XVIII, na perspectiva da variação, o presente estudo se baseia nos pressupostos teóricos da Sociolinguística, além dos conceitos relativos à história da língua portuguesa, à Linguística Histórica e à noção de arcaísmos do português brasileiro.

A dissertação fundamenta-se em dois *corpora*:

- i) 15 coleções de livros didáticos utilizados nas escolas públicas do Paraná;
- ii) 5 cópias digitalizadas de manuscritos do século XVIII pertencentes à Vila de Guaratuba-PR, que compõem a obra *Scripturae nas Villas de São Luiz de Goaratuba e Antonina: manuscritos setecentistas e oitocentistas* (AGUILERA; ALMEIDA BARONAS, 2007).

2.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* ATUAL

O *corpus* atual deste trabalho constitui-se de quinze coleções de livros didáticos de língua portuguesa, aprovadas pelo PNLD/2011, com o enfoque nas propostas didáticas de ensino da variação linguística histórica.

Como iniciativa do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e com o apoio da autarquia federal Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o PNLD foi criado em 1995 com o intuito de prover as escolas públicas do país com materiais didáticos de qualidade, voltados para a educação do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Inicialmente, a avaliação do PNLD voltou-se para análise do material didático direcionado aos anos iniciais do Ensino Fundamental, da 1ª a 4ª séries. Em 1999, pela primeira vez, foram avaliados os livros destinados aos anos finais do Ensino Fundamental, das então 5ª a 8ª séries².

² Com a Lei n.º 11274/2006, o Ensino Fundamental passou a ter nove anos, considerando como anos iniciais, o ensino do 1º ao 5º anos, e anos finais, do 6º ao 9º anos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm>.

Para atender ao segmento dos três níveis de educação, a cada três anos, alternadamente, é executado o PNLD, que tem como maior objetivo analisar e selecionar as melhores coletâneas de livros didáticos que serão adquiridas pelo FNDE e distribuídas nas escolas públicas brasileiras. As escolas, por sua vez, recebem um Guia de Livros Didáticos com a síntese das análises feitas pelo processo avaliatório e escolhe, com autonomia, a coleção mais adequada ao planejamento pedagógico da instituição.

Em linhas gerais, entre as coleções de livros didáticos, do 6º ao 9º anos, que passaram pelo processo avaliatório, foram aprovadas pelo PNLD aqueles manuais que atendiam “aos parâmetros de qualidade fixados tanto por critérios eliminatórios comuns a todas as áreas, quanto os específicos para Língua Portuguesa” (BRASIL, 2010, p. 10). De acordo com o Guia do PNLD/2011, os critérios comuns referem-se aos seguintes itens:

Respeito à legislação, às diretrizes e às normas oficiais relativas ao ensino fundamental; Observância de princípios éticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social republicano; Coerência e adequação da abordagem teórico-metodológica assumida pela coleção, no que diz respeito à proposta didático-pedagógica explicitada e aos objetivos visados; Correção e atualização de conceitos, informações e procedimentos; Observância das características e finalidades específicas do manual do professor e adequação da coleção à linha pedagógica nele apresentada; Adequação da estrutura editorial e do projeto gráfico aos objetivos didático-pedagógicos da coleção. (BRASIL, 2010, p. 13-15)

Quanto aos critérios específicos de Língua Portuguesa, estão relacionados à natureza do material textual selecionado, ao trabalho com o texto, com a oralidade e aos conhecimentos linguísticos. Desses quatro eixos temáticos, destacamos os trabalhos relacionados à prática da oralidade e aos conhecimentos linguísticos, pela forma como abordam as variedades regionais e sociais da língua.

2.2 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* ANTIGO

O *corpus* antigo deste trabalho constitui-se de cinco cópias digitalizadas de manuscritos do século XVIII pertencentes à Vila de Goaratuba/PR.

Trata-se de documentos oficiais encontrados no Arquivo Público do Estado de São Paulo e são, em sua maioria, cartas de correspondência entre a Câmara dos vereadores das primeiras vilas fundadas no litoral paranaense com as autoridades da época, como governantes e bispos.

Os documentos fazem parte da obra *Scripturae nas Villas de São Luiz de Goaratuba e Antonina: manuscritos setecentistas e oitocentistas*, publicada pelo projeto de pesquisa “Para a História do Português Paranaense: estudos diacrônicos em manuscritos dos séculos XVII a XIX”. Criado em 2005, tal projeto está vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e se integra em um projeto maior, interinstitucional, intitulado “Para a História do Português Brasileiro – PHPB”, sob a coordenação do Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho.

3 BASE TEÓRICA NORTEADORA

3.1 A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Apresentamos, inicialmente, um breve perfil histórico da língua portuguesa no Brasil e, depois, mais especificamente, a língua do Brasil no século XVIII.

3.1.1 Um Perfil Histórico

Traçando um panorama da história da língua portuguesa no Brasil, podemos verificar como as mudanças ocorridas na língua no decorrer do tempo estão intrinsecamente ligadas à sociedade que se organizou no país.

Para entender as vicissitudes da evolução da língua portuguesa, é necessário compreender as relações entre língua e sociedade, tal como aponta Silva Neto (1970, p. 13):

As línguas são resultado de uma complexa evolução histórica e se caracterizam, no tempo e no espaço, por um feixe de tendências que se vão diversamente efetuando aqui e além. O acúmulo e a integral realização delas dependem de condições sociológicas, pois, como é sabido, a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou a lentidão das mudanças.

É relevante destacar ainda os critérios apontados pelo autor considerados essenciais para a compreensão da natureza e da estrutura da língua portuguesa do Brasil.

Trata-se de três fatores indispensáveis: o primeiro está relacionado à base demográfica que, segundo Silva Neto (1970), consiste no fato de que os colonizadores portugueses que vieram para o Brasil eram advindos de várias regiões de Portugal e não de apenas uma ou outra região, como se pensava. Há, também, a questão dos aloglotas, ou seja, as populações que deixaram de usar a língua materna para adotar o português; além disso, os primeiros descendentes dos imigrantes (italianos, alemães e japoneses), a partir do século XIX, falavam o

português do círculo social ou da região em que estavam inseridos. O segundo fator consiste na base social, que depende do grau de contato e interação dessas bases demográficas e da organização da sociedade. O último fator se refere à base literária, isto é, o português literário trazido pelos jesuítas e demais interessados na instrução colonial. De acordo com o autor, “essas bases humanas é que estabelecem a base lingüística.” (SILVA NETO, 1970, p. 522).

É preciso reconhecer que, no caso brasileiro, assim como em todas as outras colônias de Portugal, a língua oficial portuguesa, proveniente do latim, sofreu grandes modificações ao se relacionar com idiomas previamente existentes no país, como é o caso das línguas indígenas, além dos idiomas africanos que pisaram o solo brasileiro posteriormente.

Estima-se que, na época de Pedro Álvares Cabral, cerca de 340 línguas indígenas aqui conviviam. De acordo com Rodrigues (1986, p. 18-19), no Brasil, atualmente, falam-se cerca de 170 línguas indígenas; provavelmente, na época da chegada dos primeiros europeus ao Brasil, o número das línguas indígenas fosse o dobro do que é hoje. Todos esses falares tinham sua base no tronco tupi e Macro-Jê. Os índios do tronco tupi eram nômades e ocupavam todo o litoral brasileiro e os índios do tronco Macro-Jê viviam nos cerrados do Brasil central e não costumavam deslocar-se dessa região. Dentre essas duas famílias de línguas, o tronco tupi, mais especificamente o Tupinambá, da família linguística tupi-guarani, destaca-se por apresentar-se em maior extensão no território brasileiro e por ter características linguísticas muito semelhantes.

A esse respeito, Aryon Rodrigues salienta:

A família Tupí-Guaraní se destaca entre outras famílias lingüísticas da América do Sul pela notável extensão territorial sobre a qual estão distribuídas suas línguas. No século XVI encontram-se línguas dessa família sendo faladas em praticamente toda a extensão do litoral oriental do Brasil e na bacia do rio Paraná. [...]

Apesar dessa enorme dispersão geográfica, as línguas da família Tupí-Guaraní mostram muito pouca diferenciação. Uma pessoa leiga em lingüística, que conheça, por exemplo, um pouco de Guaraní, pode prontamente reconhecer a maioria das outras línguas da família como afins do Guaraní. (RODRIGUES, 1986, p. 32)

Ainda de acordo com o autor, essa grande extensão linguística do tronco tupi deu origem à expressão “*língua geral*”, termo usado inicialmente por portugueses e espanhóis para designar as línguas indígenas de grande propagação numa área. Esse termo, no entanto, não se aplicou à colônia de imediato, pois o “Tupinambá, que no século XVI era falado sobre enorme extensão, ao longo da costa atlântica [...], não teve consagrada a designação de ‘língua geral’ nos dois primeiros séculos da colonização” (RODRIGUES, 1986, p. 99). Os termos empregados para designar a língua aqui falada eram diversos. Padre Anchieta preferiu intitulá-la “língua mais falada na Costa do Brasil” e dela escreveu a primeira gramática. Outros autores, no entanto, preferiram chamá-la “língua do Brasil”, “língua da terra” e “língua do mar”. Mas, no século XVII, firmou-se com o nome “língua brasílica”.

O nome Tupinambá, como designação dessa língua, aparece tardiamente, no século XVIII [...]. Já o Tupi se torna usual somente no século XIX, quando já havia desaparecido a grande maioria dos índios Tupinambá [...] (RODRIGUES, 1986, p. 100).

Ainda a propósito do Tupinambá, discorre o autor:

Esta foi a língua predominante nos contatos entre portugueses e índios nos séculos XVI e XVII e tornou-se a língua da expansão bandeirante no sul e da ocupação da Amazônia do norte. Seu uso pela população luso-brasileira, tanto no norte quanto no sul da Colônia era tão geral no século XVIII, que o governo português chegou a baixar decretos (cartas régias) proibindo esse uso. (RODRIGUES, 1986, p. 21)

De acordo com o autor, duas línguas gerais aqui se desenvolveram: uma ao sul da colônia, chamada Língua Geral do Sul ou Língua Geral Paulista, e outra ao norte, chamada Língua Geral do Norte ou Língua Geral Amazônica. A Língua Geral Paulista se originou da língua dos índios Tupi de São Vicente e do alto do rio Tietê, no século XVI. Foi a língua usada pelos bandeirantes que saíam de São Paulo em expedição rumo a Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Sul do Brasil. Quanto à Língua Geral Amazônica, se desenvolveu na primeira metade do século XVII, nas regiões do Maranhão e do Pará. Segundo Rodrigues (1986), essa língua,

também conhecida como nheengatu, é falada ainda hoje e deixou fortes marcas na toponímia e na língua portuguesa amazônica.

Certamente a contribuição das línguas indígenas na formação do português brasileiro não poderia deixar de ter tamanha relevância. Segundo Castilho (2010), o tupi-guarani cedeu grande parte das contribuições léxicas para o português brasileiro. De acordo com o autor, são “cerca de dez mil vocábulos, constantes em sua maioria de topônimos e antropônimos, a que se somam substantivos comuns designativos de vegetais e de animais” (CASTILHO, 2010, p. 180). Além disso, há também a hipótese de o [ɲ] retroflexo, presente no falar caipira, ser herança dos índios do tronco Macro-Jê. O autor salienta que é uma questão ainda pendente e que carece de mais pesquisas, já que não se comprovou nenhum tipo de influência fonológica ou gramatical.

Quanto à contribuição africana, sabe-se que os muitos negros foram trazidos para a colônia logo após o descobrimento para trabalhar a terra e continuaram desembarcando aqui até 1855; embora, em 1850, tivesse sido promulgada a Lei Eusébio de Queiroz, que, oficialmente, marcou o fim do tráfico e da escravidão negra no Brasil. Não se sabe ao certo o número de escravos negros que foram trazidos para a colônia; sabe-se, no entanto, que o comércio do tráfico negreiro foi praticado por quase quatro séculos e representou uma atividade de extrema lucratividade e ascensão social.

Estima-se que, de 1538, época do início da colonização, até 1855, tenham desembarcado aqui cerca de 18 milhões de escravos. Esse número não é consensual entre os pesquisadores.

De acordo com Spina (1987), o afluxo de negros escravos vindos para o Brasil teve procedência de dois grandes grupos: “os ‘sudaneses’, oriundos da região compreendida entre o Golfo da Guiné, o Senegal e a Nigéria; e os ‘bântus’, originários do Congo, de Angola, de Moçambique e parte do sul africano” (SPINA, 1987, p. 25). Segundo o autor, as tribos que mais se destacaram do grupo Sudanês foram os *jorubas* (ou *nagôs*) e os *gês* e, secundariamente, os *haussás*, os *minas*, os *tapas*, os *bornus* e os *gruncis*. Ao chegarem, essas tribos foram incorporadas ao mercado de escravos da Bahia, estendendo-se depois para o Recôncavo. Já o grupo bântu, que corresponde aos *angolas*, os *congós*, os *cabindas* e os negros

moçambicanos, foram introduzidos no mercado de Pernambuco, estendendo-se depois para Alagoas, Minas, São Paulo e Rio de Janeiro.

Para Spina (1987, p. 26), “a influência lingüística do negro foi mais profunda que a dos índios”, pois, de acordo com o referido autor, o *loruba* deixou marcas indelévels nos falares da Bahia referentes a termos do candomblé e da culinária e o *quimbundo* contribuiu com o vocabulário mais geral. O pesquisador afirma:

Se as línguas indígenas deixaram marcas evidentes no português, especialmente no rol de denominações relativas a acidentes geográficos (montanhas, rios, baías), cidades, estados, à flora e à fauna, o negro contribui com denominações pertinentes à culinária, às suas crenças, à música e à farmacologia. (SPINA, 1987, p. 24)

Corroborando e complementando os apontamentos expostos por Spina, Castro (1995) é enfática ao discorrer sobre a questão da influência negra no Brasil. Segundo a autora, por ser este um país de complexa situação sociocultural, o Brasil participa de três espaços legítimos: espaço ocidental, dado seu domínio tecnológico e econômico; espaço sul-americano, pela sua geografia; e, espaço africano, devido à sua grande relevância no âmbito cultural, decorrente da própria história do Brasil. Para a autora, sendo a cultura um sistema de ideias, modo de ser, agir e falar de certa sociedade e apresentada como característica principal de identidade desse povo, ou de pelo menos parte dele, “conclui-se que o espaço africano é a matriz mais importante na configuração do perfil da nacionalidade brasileira ...” (CASTRO, 1995, p. 24).

De acordo com a autora, o avanço do componente africano no Brasil só foi possível porque as condições dos acontecimentos o favoreceram, dada a influência de interesses comuns e niveladores através do movimento de africanização do português e, no sentido contrário, do aportuguesamento do africano. Desde que houve a introdução do africano em substituição ao escravo indígena, o contingente populacional negro era muito superior em relação aos europeus. Segundo Castro (1995), conforme aponta o Censo de 1822, ano da Independência no Brasil, 75% da população era africana em oposição a 25% de portugueses e outros colonizadores europeus. Essa vantagem numérica acabou

resultando no desaparecimento da língua de base tupi, até então usada no Brasil, e cedeu amplo espaço para os falares africanos.

Castro (1995) destaca que, desde o fim do tráfico negreiro, em 1851, até 1888, ano da abolição, o tráfico interno se intensificou. Escravos da região do Nordeste foram levados para o Sul e Sudeste, ou vice-versa; também os do Centro-Oeste foram levados para a floresta Amazônica. Dada a amplitude geográfica, “o elemento negro foi uma presença constante em quase todas as regiões do território brasileiro sob regime colonial e escravagista” (CASTRO, 1995, p. 26) e, certamente, aliada a esse fenômeno está a dinâmica cultural e linguística. Sendo assim, no tocante à contribuição da cultura africana para o Brasil, a autora faz a seguinte afirmação:

É evidente o impacto da herança africana nas mais conhecidas manifestações culturais que foram legitimadas como autenticamente brasileiras e são utilizadas para projetar a imagem do Brasil no exterior, seja no samba, na capoeira, no traje da baiana, na cozinha à base de dendê, no Candomblé com suas danças e seus ritos. Além disso, a herança africana no Brasil tem sido fonte valiosa de criação artística e literária na promoção internacional de escritores, compositores, artistas plásticos, bailarinos, cineastas, fotógrafos, não só de nacionalidade brasileira. (CASTRO, 1995, p. 26)

Quanto ao sistema linguístico, Castro (2005) defende que os setores influenciados pelo africano são: o lexical, o semântico, o prosódico e o sintático; além disso, afirma que houve influência de maneira rápida e profunda na língua falada. De acordo com a autora, a interação linguística entre o português de Portugal e as línguas africanas, ainda que considerando a matriz indígena, redundou no português do Brasil.

Essa interação linguística, apoiada por fatores favoráveis de ordem sóciohistórica e cultural, foi provavelmente facilitada pela proximidade relativa da estrutura linguística do português europeu antigo e regional com as línguas negro-africanas que o mestiçaram. Entre essas semelhanças, o sistema de sete vogais orais (a, e, ê, i, o, ô, u) e a estrutura silábica ideal (CV.CV) (consoante vogal. consoante vogal), onde se observa a conservação do centro vocálico de cada sílaba, mesmo átona. Esse tipo de aproximação casual, mas notável, provavelmente possibilitou a continuidade do tipo prosódico de base vocálica do português antigo na modalidade brasileira, afastando-a, portanto, do português de Portugal, de pronúncia muito

consonantal. (Cf. a pronúncia brasileira *pi.neu, *a.di.vo.ga.do, *ri.ti.mo em lugar de pneu, ad.vo.ga.do, rít.mo). (CASTRO, 2005, p. 8)

Feitas as considerações acerca das influências indígenas e africanas na formação da sociedade brasileira, retomemos o ponto de partida, a língua portuguesa no Brasil.

Após a colonização do Brasil em 1532, povos de todas as regiões de Portugal migraram para a colônia das Américas e o contato com os nativos e a população negra foi aumentando o que, conseqüentemente, contribuiu para a mistura linguística característica da nação brasileira. Aqui, além de índios, negros também se misturaram aos brancos, criando uma população mestiça não apenas no tipo físico, mas também na linguagem.

Diante dessa mistura de línguas, uma entre as três deveria exercer supremacia. O idioma português foi se constituindo como língua oficial e socialmente aceita em função do prestígio que conferia aos brasileiros, uma vez que era a língua falada na metrópole. Em face dessa tríade linguística, a língua de destaque nas rodas da alta sociedade brasileira foi a portuguesa, ao passo que as línguas dos nativos e dos africanos eram vistos como língua de menor valor, utilizada pela população menos instruída ou do interior do país.

Sendo a língua oficial e de prestígio, era necessário ensinar português aos índios e negros, papel que, em primeira instância, coube aos padres jesuítas, cujo objetivo, além de catequizar, era ensinar o idioma da corte aos nativos. Com o decreto promulgado pelo Marquês de Pombal, o uso das línguas autóctones foram proibidas, mas continuou sendo usada na base da sociedade e nos espaços pouco circulados pelos europeus. Afinal, como bem adverte o professor Silvio Elia (2003, p. 123): “Claro que uma língua não se extingue por decreto”. A língua acabou se disseminando por todo o país e, em contato com outras culturas, criou correntes populares nos meios urbanos e rurais.

Quanto à proibição da língua geral, Teyssier (2004, p. 95) aponta:

Na segunda metade do século XVIII, porém, a língua geral entra em decadência. Várias razões contribuíram para isso, entre as quais a chegada de numerosos imigrantes portugueses seduzidos pela descoberta das minas de ouro e diamantes e o Diretório criado pelo Marquês de Pombal em 3 de maio de 1757, cujas decisões, aplicadas primeiro ao Pará e ao Maranhão, se estenderam, em 17 de agosto de 1758, a todo o Brasil. Por elas proibia-se o uso da língua geral e obrigava-se oficialmente o da língua portuguesa.

Dessa forma, pouco a pouco e depois de séculos de dominação portuguesa, a língua da corte europeia, oficial e de maior prestígio, foi uma das maiores heranças deixadas no Brasil e, por sua vez, acabou desconsiderando, ou ao menos deixando à margem, falares que não se adequavam ao contexto institucionalizado da língua oficial.

Diante de uma população inicialmente multilíngue, os governantes do Brasil Colônia se viram em meio a uma questão crucial: a uniformização da língua. O padrão estabelecido para comunicação dos falantes no Brasil foi a língua portuguesa falada em Portugal, haja vista as políticas de dominação da metrópole sobre a terra recém-descoberta.

Nesse cenário, o que se via frente a um retrato da sociedade local era o uso do português de Portugal apenas pelos brancos vindos da Europa, que conseguiram ascender social e financeiramente nas terras selvagens da colônia. Essa população residia, em sua maioria, no litoral e nas grandes cidades brasileiras e contava com um grau de instrução pertencente à minoria detentora de poder. Além de ser uma fala de maior prestígio, o português ficou estabelecido como língua escrita oficial.

O próximo tema abordado ainda neste capítulo procura situar a língua portuguesa no Brasil, mais especificamente no século XVIII, já que está relacionado aos documentos analisados em capítulo posterior.

3.1.2 A Língua do Brasil no Século XVIII

Historicamente, a língua portuguesa aportou em terras brasileiras no século XVI e, como é sabido, ao chegar deparou-se com outras línguas provenientes de grupos aborígenes que aqui viviam. O contato do homem branco colonizador com

essas línguas de base indígena deu origem à língua geral, língua esta que reinou na colônia portuguesa ao longo de dois séculos, até ser proibida. Em 1759, os jesuítas foram expulsos da colônia, e como eram os principais defensores da língua utilizada pelos índios, deixaram-na desprotegida e passível de extinção.

Certamente este processo de imposição da língua portuguesa não foi tão simples, pois a língua geral era usada para intermediar as relações políticas, administrativas e religiosas da época, servindo, assim, para estreitar os laços entre a diversidade cultural, étnica e linguística entre os povos. A língua geral caminhava lado a lado com o idioma europeu. As atividades na colônia resumiam-se à agricultura e o papel cultural e intelectual era limitado. Não havia universidade e os jovens mais abastados graduavam-se na Europa.

Morel Pinto (1988) salienta que a realidade linguística do Brasil setecentista é muito pouco conhecida, devido as circunstâncias histórico-sociais de colônia. “As atividades culturais eram escassas e os escritores, como documentam os críticos e historiadores da literatura, refletiam, muito de perto, as tendências literárias da Metrópole” (MOREL PINTO, 1988, p. 28). De acordo com o autor, para obter o conhecimento do estado da língua portuguesa no século XVIII, é necessário considerar duas fontes: “os trabalhos linguísticos então publicados e os textos literários, em prosa e em verso, dos autores setecentistas, portugueses e brasileiros.” (MOREL PINTO, 1988, p. 15).

No caso do Brasil, dada a circunstância de desfavorecimento da cultura letrada, os primeiros trabalhos resumiam-se ao léxico, principalmente de origem tupi, mas certamente mais adiante chegariam aos níveis da sintaxe e da morfologia. De acordo com Morel Pinto (1988, p. 29), “o mundo ‘exótico’, de habitantes primitivos e de fauna e flora específicas, ia pouco a pouco transparecendo em poemas de autores brasileiros e portugueses, que aportavam por aqui”.

Neste sentido, o autor destaca poetas como Basílio da Gama, com o poema bucólico *O Uruguai* (1769), o léxico das vagas cores da paisagem americana descrito por Fr. José de Santa Rita Durão, em *Caramuru* (1781), o arcadismo clássico nas obras de Cláudio Manoel da Costa (1729-1789), o vocabulário vivo na poesia lírica de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), o vocabulário afetivo de Silva Alvarenga (1749-1813), o lirismo singelo e impregnado de brasilidade de Caldas

Barbosa (1740-1800) e, para finalizar, o vocabulário vulgar, aos moldes da sátira, com vocábulos prosaicos ou chulos de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810) em *Cartas Chilenas*.

Para Elia (2003), o século XVIII é marcado por uma grande reviravolta no que se refere aos estudos linguísticos e aos métodos de ensino da metrópole. Portugal detinha todo o desenvolvimento intelectual enquanto o Brasil era desprovido de tipografias, imprensa e bibliotecas. Porém, existia aqui uma área muito bem estruturada chamada Humanidades, dirigido pelos Jesuítas. Esse método de ensino não deixava nada a desejar aos estudos europeus, mas como as universidades só chegariam ao Brasil mais tarde, esses títulos superiores deveriam ser conquistados na metrópole.

Os jesuítas foram responsáveis pelo ensino até 1759 e, com a expulsão desses religiosos, o ensino brasileiro foi reformulado. A recuperação do sistema educacional luso-brasileiro se deu em Portugal com a fundação do Colégio dos Nobres, em 1761 e, no Brasil, em 1798, com a institucionalização do Seminário de Olinda.

A este propósito, Kenneth Maxwell afirma:

Entre 1772 e 1783, haviam-se matriculado em Coimbra 300 estudantes nascidos no Brasil. Muitos deles tinham ido prosseguir estudos em França. De fato, nas duas décadas que precederam a revolução francesa, tinham-se matriculado 15 brasileiros na Faculdade de Medicina de Montpêller. (MAXWEL apud ELIA, 2003, p. 113)

Ainda de acordo com Elia (2003), as “ideias francesas” entravam no Brasil via Portugal, influenciavam as elites intelectuais da época e, aos poucos, foram surgindo subsídios para o desenvolvimento da cultura brasileira, a qual também teve como apoio as manifestações literárias advindas da Europa, que infiltravam seu estilo barroco, trazendo consigo um preciosíssimo vocabulário e construções frasais ornamentais.

No campo da ortografia, Elia (2003, p. 118) cita importantes trabalhos publicados que seguiam duas regras gerais: “a) ‘Devemos escrever como pronunciamos’ e b) ‘Devemos escrever com as letras etymologicas dobradas, etc., porque assim pronunciamos’.”

Quanto à primeira regra, os ortógrafos do século XVIII, devido à falta de um sistema ortográfico em Portugal, tornaram ao lema “escrever como se fala”. Havia, então, a preocupação com a pronúncia, já que esta seguia a evolução fonética da língua. Silvio Elia (2003) utiliza a expressão “tornaram ao lema” porque este período já tinha se findado no século XVI.

Coutinho (1976, p. 71), ao discorrer sobre o período nomeado fonético³, afirma:

Começa este período com os primeiros documentos redigidos em português e se estende até o século XVI. Apesar de certa flutuação que se observa na grafia das palavras, a preocupação fonética transparece a cada momento. A língua era escrita para o ouvido.

Já em relação à segunda regra, de acordo com Coutinho (1976), trata-se do período Pseudo-Etimológico, que teve início ainda no século XVI e estendeu-se até a publicação da *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana, em 1904. Esse período é caracterizado pelo “emprego de consoantes geminadas e insonoras, de grupos consonantais impropriamente chamados gregos, de letras como o y, k e w, sempre que ocorriam nas palavras originárias” (COUTINHO, 1976, p. 72).

Para Teyssier (2004, p. 95), somente “no decorrer do século XVIII que se documentam as primeiras alusões aos traços específicos que caracterizam o português falado no Brasil”. Segundo o autor, esses traços podem ser observados em alguns trabalhos da época, como é o caso dos dialetos ultramarinos (Índia, Brasil, etc.) que se destacam pelo uso de vocabulário exótico e arcaico relatados na obra de D. Jerónimo Contador de Argote; no *Compendio de Orthografia* (1767) de Frei Luís do Monte Carmelo, que trazem traços fonéticos brasileiros, como, por exemplo, a não distinção entre as pretônicas abertas e fechadas; observação de Jerónimo Soares Barbosa, em sua obra *Grammática Philosophica* de 1822, que os brasileiros não chamam os -s implosivos, a maneira de falar do personagem do tipo “mineiro”, que aparece em 1788 na peça *O miserável enganado*, e, também, os caracterizadores da língua da personagem da comédia *O periquito ao ar ou O velho*

³ De acordo com Massini-Cagliari (1998), o termo “fonético” só pode ser usado em oposição ao “etimológico”, pois é preciso considerar que a língua portuguesa não possui um sistema fixo, invariável na relação entre a letra e o fonema. Isso significa que, na língua portuguesa, uma letra nem sempre representa o mesmo fonema e, da mesma forma, um fonema nem sempre é representado por uma única letra.

usuário, de 1818 e de autoria de Manuel Rodrigues Maia, que marcam expressões como *mi diga* (me diga), *sinhorinho*, além do *você*, entre outros.

Com a chegada da família real ao Brasil, em 1808, o quadro geral na colônia começa a mudar e, em 1816, o então príncipe regente torna-se rei D. João VI e dá início ao processo de desenvolvimento brasileiro. “Faz do Rio de Janeiro a capital da monarquia de Bragança, abre o Brasil ao mundo exterior e toma iniciativas que irão acelerar o seu progresso material e cultural” (TEYSSIER, 2004, p. 96). Em 1821, D. João VI retorna a Portugal, mas, já neste tempo, o Brasil tinha desenvolvido às pressas e estava preparado para sua própria independência, fato este que culminou em 1822.

3.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

No Brasil, a língua de Portugal se alterou como resultado da miscigenação de três grandes etnias – a branca, a indígena e a negra –, formando um híbrido linguístico com variantes que incluem marcas particulares dessas três sociedades. Assim como em todas as línguas, a língua portuguesa do Brasil sofreu alterações com o decorrer do tempo e, dado o fenômeno da deriva⁴, formou-se o português brasileiro com suas características peculiares.

Após mais de cinco séculos de formação, a língua portuguesa do Brasil é uma realidade composta por um colorido dialetal que reflete a própria estrutura e formação da sociedade brasileira e se diferencia em muito do português europeu. Todas essas mudanças e influências ocorridas na língua, pode-se dizer, foi um fenômeno lento, muito complexo e gradativo. Neste sentido, Silva Neto (1970) salienta que a língua, de fato, está em perpétua mudança, mas esse fenômeno poderá somente ser observado em seu estado de repouso. De acordo com o autor, “a evolução explica-se, principalmente, pela descontinuidade da transmissão e pela própria constância do uso” (SILVA NETO, 1970, p. 15). Dessa forma, o autor defende a mudança sob o seguinte aspecto:

⁴ Deriva é uma tendência própria dos sistemas a se acomodarem, independentemente de continuarem em seu berço de origem ou serem transplantados para outros ambientes (CASTILHO, 1992, p. 243).

O fato mesmo de ser imprescindível instrumento de comunicação acarreta mudança à língua: as palavras mais freqüentemente usadas são também as que mais transformações sofrem. Grupos de palavras acabam por se aglutinar – e o desgaste vai provocando reações.

Por isso a todo instante surgem ‘inovações’, cujo destino vai depender da estrutura social, ou seja, no caso, da força com que a língua, como instituição se impõe aos indivíduos. (SILVA NETO, 1970, p. 15)

Pensar o processo de mudança da língua, principalmente em se tratando de uma sociedade multilíngue como o Brasil, é aceitar que a língua não é estática e está sujeita a sofrer mudanças no decorrer de seu desenvolvimento. As palavras podem tomar rumos diversos e sentidos variáveis.

Em situação de interação, o indivíduo tende a diversificar sua fala para adaptar-se ao contexto. Esse intercâmbio linguístico, por sua vez, reflete parte da identidade desse sujeito por meio de sua particularidade vocabular, além favorecer, ao longo do tempo, a aquisição de um rico e significativo repertório linguístico. Nas palavras de Silva Neto (1970, p. 27):

[...] todo indivíduo aprende e modifica a sua língua em contacto com uma série de outros indivíduos. Esta totaliforme e inevitável mistura lingüística cerceia, dentro de um grupo, a formação de diferenças significativas.

Para os estudos sobre a linguagem do ponto de vista sociolinguístico, além de considerar seu caráter interno, é necessário também considerar seus aspectos externos, tais como grau de instrução e nível cultural ou social do falante. Essas características externas refletem diretamente na fala do indivíduo que, por sua vez, acaba imprimindo determinadas particularidades em sua linguagem que o diferenciam de outros membros. De acordo com Camacho (1988, p. 29), esses membros

ligados por traços socioculturais, econômicos e políticos, tradicionalmente firmados, identificam-se e distinguem-se dos membros de outra pelo seu instrumento de comunicação, além, evidentemente, de outros traços até mais importantes.

Ainda em relação aos aspectos internos e externos da língua, Faraco (2005, p. 67) faz o seguinte apontamento:

Defender uma perspectiva que integre interno/externo não significa dissolver as especificidades do lingüístico no social. Significa, isto sim, reconhecer a língua como uma realidade essencialmente social que, correlacionada com a multifacetada experiência econômica, social e cultural dos falantes, apresenta-se, em qualquer situação, como uma realidade heterogênea, como um conjunto de diferentes variedades.

Significa também reconhecer que as mudanças nas relações sociais, fazendo entrecruzar de formas múltiplas a heterogeneidade lingüística e somando a isso fatores como atitudes sociais e características estruturais, criam condições para fazerem emergirem as mudanças linguísticas.

Pensando sob o ponto de vista da variação e seus desdobramentos sociais no que diz respeito às relações que permeiam a fala e para entender essas mudanças no limiar do tempo, é necessário conhecer os diferentes níveis de variação.

A seguir, apresentamos tipos de variação, de acordo com a classificação de estudiosos da área.

3.2.1 Variação Geográfica ou Diatópica

Considerando a vasta extensão do território brasileiro, a língua não poderia ser única tampouco homogênea diante de tantos espaços distintos.

De acordo com Camacho (1988), em uma extensa comunidade linguística de falantes do mesmo idioma, podemos encontrar variações na pronúncia dos sons, na sintaxe e no uso característico do vocabulário. Para o autor, essas particularidades linguísticas fundamentam as diferenças existentes no português brasileiro.

Essa diversidade lingüística espacial decorre do fato de que nativos de determinada localidade (cidade, estado ou região), orientados para um centro cultural, política e economicamente polarizador, constituem uma comunidade lingüística, geograficamente limitada, no interior de uma mais extensa (a nação), através do desenvolvimento

de um comportamento cultural próprio que os identifica e os distingue de outras comunidades. (CAMACHO, 1988, p. 31)

Camacho (2006) exemplifica o que caracteriza e diferencia a fala de nortistas e sulistas, como é o caso da abertura da vogal pretônica, comumente empregada na região nordestina e sistematicamente fechada no Sul. “Em certas regiões do sul do país, pronunciam-se como médias as vogais em posição átona final, como no sintagma nominal ‘leite quente’, que, em outras regiões, aparecem como altas, ‘leiti quenti’ ” (CAMACHO, 2006, p. 58). No nível morfológico, observa-se a alternância de sufixos derivacionais, que distingue o falar paulista do gaúcho, como é o caso de “salaminho” e “salamito”. Já no nível lexical, observa-se a alternância de vocábulos que identificam a origem regional do falante, como no exemplo de “jerimum” / “abóbora”; “macaxeira” / “aipim” / “mandioca”.

Ilari e Basso (2006) corroboram o posicionamento de Camacho ao discorrerem sobre o assunto, pois, de acordo com os autores, por variação diatópica “entendem-se as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países” (ILARI; BASSO, 2006, p. 157). Os autores salientam ainda que, ao estudarmos a variação diatópica da língua portuguesa como um todo, é preciso comparar as variedades do português falado na Europa, na África, América Latina e na Ásia, já que, por razões políticas e históricas, os estudos que têm sido feitos a este propósito procuram comparar as línguas das antigas colônias, inclusive o Brasil, à língua de Portugal.

Quanto ao português do Brasil, especificamente, se comparado à variação regional do português europeu, teríamos uma língua uniforme em todo seu território, já que “a variação não afeta aspectos substanciais do sistema fonológico e sintático da língua, e assim não admira que o gaúcho possa ser compreendido pelo amazonense, ou o mato-grossense pelo nordestino” (ILARI; BASSO, 2006, p. 160). No entanto, as grandes migrações internas de variedades linguísticas de procedências diferentes deram ao português brasileiro uma característica dinâmica que não é comum em outros países.

Ilari e Basso (2006) destacam alguns exemplos desse tipo de variação. No que diz respeito ao léxico, observa-se o uso de vocábulos diferentes

para designar o mesma coisa, conforme a região, como em: “lanternagem / funilaria”, “negócio / venda”, “geléia de frutas / chimia”; e o uso de palavras idênticas com sentidos distintos, como em “quitanda” que, em geral, significa “mercearia” ou “tenda”, mas, em Minas Gerais, quer dizer “conjunto de iguarias doces e salgadas feitas com massa de farinha”; ou “feira” que, de modo geral, significa “reunião de vendedores” e, na região Norte, entende-se por “sacola em que se transportam gêneros.”

No nível fonológico, além de tantos outros, um exemplo é a palatização de /s/ e /z/ finais de sílaba em palavras como em “mais” e “rapaz” pronunciado, respectivamente, [maj] e [Ra'paj]. Tal fenômeno é característico do falar carioca, encontrado também no Espírito Santo e em algumas regiões de Minas Gerais, Pará, Amazonas e Pernambuco.

No nível morfossintático, observa-se, entre outros casos, o uso de “tu” e “você” como pronome de segunda pessoa que, no Brasil, pode se apresentar de três formas, sendo “(i) pronome tu + verbo de segunda pessoa: tu és / tu vais; (ii) pronome tu + verbo de terceira pessoa: tu é / tu vai; (iii) pronome você e verbo de terceira pessoa: você é / você vai” (ILARI; BASSO, 2006, p. 169). Segundo os autores, no campo morfossintático, uma ou outra das duas primeiras são características da região Sul, a (ii) e a (iii) estão na fala carioca, (i) e (ii) nas regiões Norte e Nordeste; já no resto do país prevalece a formação de você + verbo na 3ª pessoa.

Castilho (2010) também contribui com a explanação sobre a variação geográfica. Para o autor, assim como qualquer outra língua natural, o português brasileiro apresenta diferentes dialetos de acordo com a localização geográfica que ocupa; por essa razão, logo ganhou a atenção de pesquisadores e uma disciplina exclusiva para seu estudo, a Dialectologia.

Castilho (2010) destaca dois autores que tiveram relevância em seus trabalhos dialetológicos: Antenor Nascentes, com sua obra *Bases para a elaboração do Atlas linguístico do Brasil*, publicada em dois volumes, e Silva Neto, com o empenho de formar uma “mentalidade dialetológica” entre os pesquisadores. A partir daí, iniciam-se as publicações de atlas regionais, tendo como pioneiro o trabalho de Nelson Rossi, *Atlas prévio dos falares baianos*, e, em seguida, o *Atlas de Sergipe*, elaborado por Ferreira e Cardoso, além de vários trabalhos monográficos que se

dedicaram ao estudo de determinada região de um estado. Ainda segundo Castilho (2010), todas essas atividades culminaram para a formação do *ALiB – Atlas Linguístico do Brasil*, projeto nacional coordenado pela Prof.^a Dr.^a Suzana Alice Marcelino Cardoso.

Outro dado relevante destacado por Castilho (2010) a respeito da variação geográfica está relacionado à questão do aumento da urbanização concomitantemente à expansão da fronteira agrícola. Esse fenômeno possibilitou a união de pessoas e falares distintos, advindos de diversos lugares do país.

3.2.2 Variação Social ou Diastrática

No que tange à variação social, de acordo com Camacho (1988, p. 32), trata-se do “resultado da tendência para maior semelhança entre os atos verbais dos membros de um mesmo setor sociocultural da comunidade”, pois os membros da mesma comunidade linguística, ainda que nascidos e criados em um espaço geográfico muito restrito, provavelmente não usam as mesmas formas de expressão, pois, para obter o domínio total da língua materna, é necessário o intercâmbio desse sujeito com outros membros da comunidade, já que a língua é dinâmica, inacabada e está em constante processo de transformação.

A variação decorrente dessa dinamicidade da língua também é motivada por “diferenças de ordem socioeconômica, como nível de renda familiar, grau de escolaridade, de ordem sociobiológica, como idade e sexo, de ocupação profissional, entre outros, sejam esses fatores isolados ou combinados entre si” (CAMACHO, 2006, p. 58).

No que se refere ao fator socioeconômico, Camacho (2006) exemplifica a redução e desnasalização do ditongo /eyN/ para /i/ em posição de sílaba átona final observáveis em palavras como “*homem*” e “*devem*”, pronunciadas, respectivamente, como “*homi*” e “*devi*”, que podem se realizar na fala de indivíduos de baixos estratos socioculturais. Outro fenômeno abordado pelo autor é a ausência de concordância verbal e nominal e o conseqüente estigma sobre tal fenômeno:

As formas em variação adquirem valores em função do poder e da autoridade que os falantes detêm nas relações econômicas e culturais. Assim, uma variante, como presença de marca de plural no sintagma nominal, é conhecida como detentora de prestígio social entre os membros da comunidade, sendo por isso chamada ‘variante padrão’ ou ‘de prestígio’. Já sua alternativa, a ausência de marca de plural, é conhecida como ‘variante não-padrão’ ou ‘estigmatizada’. (CAMACHO, 2006, p. 59)

Certamente, o domínio de uma variante em detrimento da outra acaba por estabelecer as fronteiras entre uma língua ideal, que é regida por padrões e normas institucionalmente impostas, e uma língua real, que, por sua vez, é falada pela maior parte da população brasileira, pois a política que controla as relações econômicas, sociais e educacionais emprega e, de certa forma impõe, a variedade de prestígio.

Discorrendo sobre esse tipo de variação, Ilari e Basso (2006, p. 175) argumentam que se constituem determinantes importantes na variação diastrática as diferenças entre “o português falado pela parte mais escolarizada da população [...] e pela parte menos escolarizada”. De acordo com os autores, isso significa dizer que a língua utilizada pela população menos escolarizada é o “português subpadrão” ou “português sub-standard”.

Neste sentido, Castilho (2010) corrobora o pensamento dos autores ao fazer o seguinte apontamento:

Analfabetos e cidadãos escolarizados não falam exatamente da mesma forma. Analfabetos usam o ‘português popular’, ou variedade não culta. Pessoas escolarizadas usam o ‘português culto’, ou variedade padrão, aprendida na escola ou no ambiente escolar. (CASTILHO, 2010, p. 204)

De acordo com o autor, vale ressaltar que tais modalidades não são particulares de um ou outro indivíduo, pois, a rigor, “ninguém é exclusivamente ‘falante popular’ nem ‘falante culto’”. As linhas divisórias entre essas modalidades são muito tênues – afinal não se trata de duas línguas diferentes!” (CASTILHO, 2010, p. 205).

Para Castilho (2010), neste tipo de variação há algumas características que particularizam o Português Brasileiro Popular e o Português

Brasileiro Culto. Segundo o autor, essas peculiaridades podem ser notadas nos estudos com vogais e ditongos, consoantes, sílabas, morfologia e sintaxe.

Em relação à variação de ordem sociobiológica, que envolve a idade do indivíduo, sexo, ocupação profissional, entre outros, Camacho (2006) destaca a existência de dois tipos de linguagens, sendo uma a linguagem comum, referente ao léxico e à sintaxe de uma comunidade linguística relativamente homogênea, e outra, as *linguagens especiais*, como é o caso das variantes específicas de determinada atividade profissional, científica ou lúdica. Como exemplo desse tipo de variação, podemos citar os jargões usados na linguagem da área da medicina, que se diferencia, em muito, da linguagem usada no campo da engenharia ou do direito, entre outros, e também as gírias, que surgem para representar uma variedade particular de grupos fechados, como o de marginais, por exemplo, ou como forma de expressão para um indivíduo interagir com outras comunidades linguísticas, como é o caso da linguagem dos adolescentes.

3.2.3 Variação Estilística

A variação estilística descrita por Camacho (1988) está relacionada à questão de adequação da língua às finalidades específicas de uso e pode ser tratada sob dois aspectos, ou dois “limites extremos”. Segundo o autor, apesar das inúmeras formas de linguagem que o indivíduo emprega diariamente, podem-se estabelecer dois graus intermediários, sendo: a) o uso de um grau mínimo de reflexão linguística, usada na fala informal, cotidiana; b) um grau máximo de reflexão linguística, resultado da elaboração intelectual, de estilo formal. “A diferença essencial entre um e outro extremo reside no grau maior ou menor de adesão a um conjunto de convenções normativas, aceito como prestigioso pela comunidade linguística” (CAMACHO, 1988, p. 34).

De acordo com o autor, é importante destacar que a relação entre o estilo formal e o informal tem sido, em muito, confundida com as modalidades da língua escrita e falada. Dessa forma, o autor esclarece:

Não há dúvida que a modalidade escrita como forma de expressão verbal pressupõe sempre um certo grau de reflexão por parte do indivíduo, a quem se permite, pelas próprias características visuais da fixação gráfica, observar mais demoradamente a forma e corrigi-la, fazer substituições de uma por outra e acrescentar informações, realizando mais perfeitamente o ideal de correção adotado pela comunidade. Ademais, a falta de contexto extralingüístico, um dos traços que distinguem essa modalidade da fala, exige referência mais explícita e mais clara e precisa para suprir o que numa interação verbal falante-ouvinte se torna geralmente implícito. (CAMACHO, 1988, p. 35)

Para o pesquisador, mesmo ao fazer uma distinção entre as modalidades de produção falada ou escrita, há que se considerar a variação estilística presente tanto em uma como em outra, ou seja, o mesmo indivíduo é capaz de escrever um bilhete utilizando certo grau de informalidade menos reflexivo, ou um conteúdo mais elaborado, que exija maior grau de reflexão. Além disso, o mesmo indivíduo pode, ainda, em um ato verbal, passar de uma modalidade informal para outra mais formal, para atender às exigências do contexto, como, por exemplo, uma pessoa

que tenha iniciado uma conversa despreocupada sobre mudança de tempo, os últimos resultados de futebol, política etc., pode mudar para a discussão de um tema filosófico e moral, realizando com isso mudança na feição estilística. (CAMACHO, 1988, p. 35)

Outra questão que permeia a variação estilística é, segundo o autor, o fato de esta manter uma forte relação com a variação social. Pois, neste caso, é fundamental que o indivíduo tenha competência linguística para se adequar às situações de interação alternando as duas formas padrão e não padrão. De modo geral, os indivíduos com baixo nível de escolarização e que trabalham em atividades que não exijam além das habilidades manuais, certamente não desenvolverão capacidades de adequação no uso da língua.

Neste caso, como lhe são vedadas as possibilidades de adaptar seu estilo às circunstâncias de interação, a língua que usam acaba representando uma poderosa barreira a todo tipo de ascensão social que depender da capacidade verbal. (CAMACHO, 2006, p. 61)

3.2.4 Variação Diamésica e de Canal

Sobre a variação diamésica, Ilari e Basso (2006) afirmam que está associada aos diversos meios que veiculam a língua, e “compreende, antes de mais nada, as profundas diferenças que se observam entre a língua falada e a língua escrita” (ILARI; BASSO, 2006, p. 181). Segundo os autores, outro fator importante da variação diamésica constitui a variação do gênero, ou seja, “conforme o gênero a que pertencem, os textos, sejam eles falados ou escritos, apresentam um vocabulário e uma gramática próprios” (ILARI; BASSO, 2006, p. 185). A este propósito são pertinentes as indagações feitas pelos autores:

Perguntemo-nos, por exemplo: como é a língua do discurso político? Como é a língua da burocracia? Como é a língua que se escreve nos jornais e nas grandes revistas de informação e entretenimento? Como são escritos os ensaios ‘científicos’ (entre eles, as teses e dissertações ligadas aos graus acadêmicos e à carreira universitária)? Como se exprimem os usuários de e-mail e dos grupos de ‘chat’ que surgiram depois do advento do computador? Como são apresentadas as informações nas páginas da internet? (ILARI; BASSO, 2006, p. 185)

Para responder esses questionamentos, os autores salientam que não é necessário fazer análises profundas, basta perceber as marcas linguísticas tradicionalmente usadas nos diferentes gêneros no veículo de sua transmissão. Esses gêneros, por si, definem-se pelo uso de uma língua muito particular, por um vocabulário específico e por construções gramaticais que não são comuns a outros. Segundo os autores, esses gêneros empregam uma forma tão particular da língua que chegam até a desenvolver uma sublíngua exclusiva.

Ao discorrer sobre oralidade e escrita, Castilho (2010) aborda a variação de canal, que está ligada à maneira como se dá a comunicação, ou seja, se o interlocutor estiver presente, a comunicação será oral; caso esteja ausente, a comunicação será escrita.

Em qualquer uma dessas situações, o locutor não está sozinho na construção de seus enunciados, que são de certa forma controlados pelo interlocutor, presente ou ausente. As línguas naturais são, portanto, constitutivamente dialógicas. (CASTILHO, 2010, p. 212)

Tanto a língua falada como a língua escrita, embora sejam dialógicas, apresentam características que as definem de acordo com a natureza de seu objeto. Neste sentido, Castilho (2010) ressalta, primeiramente, a especificidade da língua falada. Para o autor, é importante destacar que:

- (1) É um fato bastante óbvio que a língua falada resulta de um diálogo em presença, imediato, ou de um diálogo em ausência, como na conversação telefônica. Processos e produtos da oralidade são fortemente marcados por essa dialogicidade. Descrever a língua falada é, em grande medida, identificar os sinais da dialogicidade.
- (2) A língua falada documenta simultaneamente os dois momentos fundamentais da linguagem: o momento de planejamento, pré-verbal, de caráter cognitivo, e o momento de execução verbal, de caráter sociointeracional. Esses dois momentos são muito visíveis quando consultamos documentos da língua falada.
- (3) No domínio da gramática, a reunião dessas propriedades configura a sintaxe colaborativa [...]. (CASTILHO, 2010, p. 215)

Referente à língua escrita, o autor defende a presença de pelo menos dois processos constitutivos deste objeto, a saber: “(1) ela é um diálogo que ocorre na ausência do interlocutor, (2) o planejamento e a execução ocorrem em momentos distintos” (CASTILHO, 2010, p. 220). E complementa:

Quanto ao processo (1), é claro que escrevemos para que alguém nos leia – ou, pelo menos, essa é a presunção. Mas a ausência física do leitor nos obriga a desenvolver várias estratégias. As expressões têm que ser mais explícitas, não há uma ancoragem na situação de fala, e com isso a língua escrita se torna dependente do próprio texto, o que se reflete em sua unidade, o parágrafo.

Para compensar a ausência do leitor, usamos o artifício de fazê-lo pular para dentro do texto em elaboração. Com ele conversamos, explícita ou implicitamente. No departamento das implicitudes, a pesquisa tem demonstrado que o falante-escritor se entrega a toda sorte de suposição sobre o interlocutor-leitor, tentando corresponder às expectativas projetadas sobre este. De algum modo, o leitor vai se tornando o sujeito da escrita, tornando-a constitutivamente biautoral. Nesse ponto, a língua falada e a língua escrita se encontram.

Quanto ao processo (2), quem escreve tem tempo para preparar um sumário de seu texto, produzir uma primeira redação, voltar atrás para corrigir, e assim por diante. O planejamento e a execução não coincidem no tempo. Em consequência, o texto escrito é mais elaborado, porém dissimula o processamento linguístico, mais patente no texto falado. Dadas essas peculiaridades, o estudo

gramatical das línguas com base exclusivamente em texto escritos produz um tipo de conhecimento linguístico forçosamente limitado. (CASTILHO, 2010, p. 220)

3.2.5 Variação Histórica ou Diacrônica

Antes de começarmos a discorrer sobre o tema “Variação Histórica ou Diacrônica”, é interessante perguntar se não seria correto destacar como subtítulo “Variação Histórica e Diacrônica”, já que, de acordo com alguns pesquisadores, trata-se de dois aspectos linguísticos distintos.

Fato importante a ser ressaltado é que estudar a variação linguística ao longo do tempo para entender a evolução de uma língua é o mesmo que estudar a evolução histórica e social de determinada sociedade, pois implica estudos que consideram os fenômenos culturais ocorridos nesse grupo e que ajudarão a compreender os motivos das mudanças linguísticas.

Ao considerar os fatores sócio-históricos como traço fundamental para o estudo das variantes, Tarallo (1985) salienta que, mesmo fazendo uma investigação no tempo presente, é necessário voltar ao tempo passado, “trata-se de uma viagem de ida e de volta!” (TARALLO, 1985, p. 64) Assim, ao chegar no tempo real, o pesquisador traz uma dimensão histórica completa da mudança.

Sobre a variação histórica, então, é correto afirmar que esse tipo de estudo tem por mérito verificar as transformações da língua no decorrer do tempo, estudando fenômenos que ainda existem e aqueles que foram excluídos do vocabulário de falantes contemporâneos. Neste sentido, Camacho (1988) defende a variação histórica sob o seguinte aspecto:

Condiciona-se o reconhecimento da variação histórica à observação de pelo menos dois estados sucessivos de uma língua. Sob essa consideração, é ocioso dizer que duas variantes diacrônicas, a substituta e a substituída, a rigor não coexistem num mesmo plano temporal, uma vez que uma deve cair em desuso para que a outra sobreviva. (CAMACHO, 1988, p.30)

Como exemplo de variação histórica, o autor destaca o caso do verbo *por*, que na forma arcaica era *poer* (*poer* < *poner* < *ponere*); o plural de *alferes*

que era, em época anterior, *alferezes*; também a palavra *senhor*, que era um substantivo comum de dois gêneros. De acordo com o autor, é importante destacar que o fenômeno de mudança na língua não ocorre de forma tão fácil, ou simples, como se supõe, pois é preciso que haja o comprometimento do uso de tal variante pela comunidade até que seja reconhecida e aceita por uma comunidade maior.

Em sua origem, uma variante em processo de adoção pela norma da comunidade é apenas uma das inúmeras variantes confinadas ao uso de um grupo restrito de falantes. Ao se propagar, é adotada por um grupo socioeconomicamente expressivo, que reconhece nela um fator de prestígio em contraste com a forma em desuso. Esta fica confinada ao uso de gerações mais velhas. Finalmente, elege-se como variante normal na fala da comunidade, com a eliminação completa da forma em substituição, que acaba por fixar-se em virtude da modalidade escrita. (CAMACHO, 1988, p. 30)

Cabe ainda apontar as considerações de Mattos e Silva (2008), ao salientar a importância da Filologia para o estudo da Linguística Histórica *stricto sensu*, já que esta linha de pesquisa se dedica a estudos de “manuscritos e textos impressos no passado, que, recuperados pelo trabalho filológico, tornam-se os ‘*corpora*’ indispensáveis às análises das mudanças linguísticas de longa duração” (MATTOS E SILVA, 2008, p. 10).

Feitas as observações e estando em consonância com o exposto por Mattos e Silva a respeito da Linguística Histórica e dos estudos no sentido *stricto sensu*, de caráter sócio-histórico, adotamos o tema “Variação Histórica” como pertinente ao tipo de estudo que se propõe nesta dissertação.

3.3 ARCAÍSMOS

Pelo exposto nos capítulos anteriores, a língua é um instrumento de interação em constante processo de mudança, pois seu caráter dinâmico, sistêmico e pragmático favorece alterações consideráveis no decorrer do tempo. É certa a afirmação de que as mudanças decorrem de processos sociais e culturais contextualizados, já que a heterogeneidade das línguas é uma realidade concreta. Assim, faz-se necessário voltar os olhos para a questão das mudanças linguísticas,

considerando as palavras que caíram em desuso e aquelas novas que se inseriram no léxico brasileiro. Assumir que determinada palavra tornou-se obsoleta é ratificar a noção de arcaísmo, defendida por muitos pesquisadores.

De acordo com Coutinho (1976, p. 210), arcaísmos “são palavras, formas ou expressões antigas, que deixaram de ser usadas”; porém, o autor salienta que tais elementos linguísticos não desaparecem repentinamente, pois esse processo de mutação linguística é sempre muito lento e, às vezes, nem chegam a desaparecer por completo, ou seja, “arcaízam-se numa forma, ao passo que, nas derivadas, continuam a viger e viçar; há ainda alguns que conservam o mesmo aspecto, mas mudam de significação” (COUTINHO, 1976, p. 211).

Câmara Júnior (1976, p. 58) defende que os arcaísmos são “vocábulos, formas ou construções frasais que saíram do uso da língua corrente que nela eram vigentes”.

Cardoso e Cunha (1978, p. 193) afirmam que arcaísmos são “palavras ou expressões, formas e tipos de construção sintática que não são mais correntes em determinada fase da língua” e complementam que desta definição decorrem dois fatos, a saber:

1.º) o ARCAÍSMO é fenômeno de mais largo campo de ação do que o NEOLOGISMO, pois, além do vocabulário, pode atingir a constituição fônica ou morfológica das palavras e a própria constituição da frase; 2.º) o ARCAÍSMO é um conceito relativo, pois, em rigor, não se pode falar em ARCAÍSMO a não ser em relação com o uso normal consagrado em certo momento da história de uma língua. (CARDOSO; CUNHA, 1978, p. 193)

O fato de o termo “arcaísmo” estar ligado a um conceito relativo, e não a rigor, se dá devido a uma estreita relação com o termo “conservadorismo”⁵, pois o que é considerado arcaico em determinada época e lugar, como na atual língua portuguesa do Brasil, por exemplo, pode não ser nesta mesma época em outra região.

Segundo Cunha (1986), o período que compreende os séculos XVI e XVII representa a fase mais marcante da característica do português brasileiro.

⁵ Termo usado para designar o elemento velho, ou variante que representa a configuração mais antiga da língua (FARACO, 2005, p. 43).

Nesta época “vieram indivíduos das distintas regiões de Portugal, que falavam naturalmente a língua do seu tempo, com matizes mais conservadores ou mais inovadores conforme as áreas de onde provinham” (CUNHA, 1986, p. 202).

De modo geral, o Norte conservador se opunha ao Sul inovador, já que o Sul tinha um caráter mais seletivo e é a partir dessa característica normativa sulista que, nos séculos XVI e XVII, houve não só a fundamentação da língua culta, mas também da língua comum dos brasileiros. Cunha (1986) destaca ainda que as condições socioculturais para o desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil eram mais propícias à conservação do que à renovação.

O panorama de conservadorismo intenso foi em parte alterado no século XVIII com o ‘rush’ para as Minas, quando não só as populações da costa, em maior contacto com a Metrópole, mas as do próprio Reino se deslocaram para o interior, levando consigo padrões lingüísticos inovadores. (CUNHA, 1986, p.203)

Ainda a propósito da mudança linguística, Gabas Jr. (2006) destaca que essas mudanças não são sempre sentidas pelos falantes, nem estes falantes estão conscientes dela, pois tais alterações são decorrentes de três fatores, a saber:

a) as mudanças são lentas e graduais; b) elas são parciais, envolvendo apenas partes do sistema lingüístico e não o seu todo; c) elas sofrem influência de uma força oposta, a força de preservação da intercompreensão. (GABAS JR., 2006, p.81)

Verificamos, portanto, a necessidade de muita cautela para a caracterização de arcaísmos, dadas as especificidades do estudo sobre este tema.

3.3.1 O Processo de Arcaização das Palavras

Para Coutinho (1976, p. 212-213), as causas que provocam um arcaísmo decorrem de cinco fatores determinantes. Trata-se da questão do desaparecimento das instituições, costumes e objetos, como no caso de vocábulos do tipo “*suserano, vassalo, feudal, ouvidor, catapulta*”, entre outros; a questão da sinonímia ou neologismo, como em “*arteirice*” (astúcia), “*rouçar*” (violentar),

“*punçante*” (pungente) e “*manda*” (testamento); também a questão do eufemismo ou degradação de sentido, como se vê nos exemplos “*cornos*” (pontas, armas), “*parir*” (dar à luz), “*drudo*” (amante), “*manceba*” (concubina), “*feder*” (cheirar mal), “*tratante*” (negociante) e “*safado*” (gasto pelo uso); o sentido especial, como nos seguintes exemplos: “*degredos*” (decretos), “*físico*” (médico) e “*manha*” (dote do espírito); e, por fim, a homonímia, como nos exemplos “*ca* (porque), por causa de *cá* (aqui), *u* ou *hu* (onde) por causa de *u* (vogal), *osso* (urso) por causa de *osso* (tecido ósseo)”.

Coutinho (1976) destaca ainda que os arcaísmos podem ser divididos em léxicos ou de palavras e sintáticos ou de construção. Segundo o autor, os arcaísmos léxicos podem ser, ainda, subdivididos em intrínsecos e extrínsecos. Os intrínsecos só são arcaísmos sob determinados aspectos, que podem ser: gráficos, fonéticos, flexionais (gênero, número e pessoa) e semânticos. Os extrínsecos estão relacionados àqueles vocábulos que foram totalmente substituídos por palavras sinônimas de raiz diferente.

A exemplo dos arcaísmos intrínsecos relacionados aos aspectos gráficos, Coutinho (1976) destaca os vocábulos “*aver, omem, onrra, hir, hum, he, ley, mha, tẽpo, rrazon*”, atualmente grafados, respectivamente, “*haver, homem, honra, ir, um, é, lei, minha, tempo e razão*”. Quanto aos fonéticos, observam-se exemplos como “*dino* (digno), *malino* (maligno), *assi* (assim), *seneficar* (significar), *estormento* (instrumento), *marteiro* (martírio), *segre* (século), *lũa* (lua), *cheo* (cheio), *cea* (ceia) e *poer* (por), entre outros”; em relação aos aspectos flexionais, o autor destaca as seguintes modalidades: “a) de gênero: *planeta* (f.), *linhagem* (m.), *mar* (f.), *tribo* (m.), *fantasma* (f.), *fim* (f.), *mapa* (f.), *comũa*, *varoa*, *infaçoa*; b) de número: *alférezes*, *arráezes*, *símprezes*; c) de pessoa: *amades*, *devedes*, *ouvides*, *disserom*” (COUTINHO, 1976, p. 213). A propósito dos arcaísmos semânticos, o autor menciona os seguintes exemplos: “*arreio* (enfeite), *britar* (quebrar), *partes* (qualidades), *atender* (esperar), *benzer* (abençoar), *comprido* (cheio), *peça* (espaço de tempo), *saúde* (salvação), *soterrar* (enterrar), *catar* (olhar)” (COUTINHO, 1976, p. 213).

No que tange aos arcaísmos extrínsecos, o pesquisador exemplifica com os seguintes vocábulos, observados primeiro em sua forma arcaica e substituídos pelas formas que se encontram entre parênteses: “*atimar*” (*concluir, executar*), “*bandoria*” (*dissensão, discórdia*), “*chouvir*” (*fechar, cerrar*), “*desy*” (*depois*)

disto), “*eiri*” (*ontem*), “*festinar*” (*apressar*), “*garçom*” (*moço, mancebo*), “*juso*” (*abaixo*), “*mazcabo*” (*falha, injúria*), “*precudir*” (*açoutar, bater*), “*rabolaria*” (*pompa viciosa*), “*sages*” (*prudente, sábio*), “*toste*” (*logo, cedo*), “*velas*” (*vigias, sentinelas*), além de outros.

Em relação aos arcaísmos sintáticos, Coutinho (1976) destaca algumas particularidades. Trata-se do emprego:

- 1) de duas negativas pré-verbais: ‘ninguém nom sabia’;
- 2) da preposição *de*, como segundo termo de comparação: ‘peior doutra rem’; ou como participio: ‘tomarom do pam’;
- 3) do caso-complemento do pronome pessoal pelo caso-sujeito: ‘o coração pode mais ca mi’, ‘Ora vamos eu e ti ó longo desta ribeira’;
- 4) do sujeito coletivo geral com verbo no plural: ‘cristãidade que estan’;
- 5) do sujeito coletivo com o verbo no singular: ‘morreo grandes gentes’;
- 6) de *omem* ou *ome*, como sujeito indeterminado: ‘omem nom poderia mostrar’;
- 7) de *cujo* interrogativo: ‘preguntou cuja filha era’;
- 8) do subjuntivo pelo imperativo: ‘tu... digas-me mandado de mha senhor’;
- 9) do participio variável com os verbos *ter* e *haver*: ‘avedes graça ganhada’;
- 10) de freqüentes *anacolutos*: ‘e depois seu padre dela filharom-lhe seus genros a terra’;
- 11) da preposição *em* antes de oração integrante, começada por *como*: ‘sabedes bem em como esta terra da Espanha foi perduda’;
- 12) de *gram*, a par de *mui* ou *muito*, formando o superlativo absoluto: ‘e disse a gram alta voz’;
- 13) do adjunto restritivo sem *de*: ‘bondade Deus’;
- 14) de *se* ou *si* por *assim*, exprimindo afirmação: ‘se vos vejades prazer’;
- 15) de certas locuções conjuncionais com o indicativo: ‘ata que vejo a vossa fim’;
- 16) de verbos com regência diferente da atual. Assim *hover*, *ousar*, *dever*, *travar*, *construídos* com *a*; *pecar*, com *em* (hoje *contra*); *começar*, com *de* ou sem preposição, etc. (COUTINHO, 1976, p. 214-215)

Em relação ao processo de arcaização ser decorrente de causas extrínsecas e intrínsecas, Cardoso e Cunha (1978) corroboram o posicionamento de Coutinho ao discorrerem que:

O fenômeno do ARCAÍSMO explica-se, quer por causas extrínsecas, quer por causas intrínsecas: as primeiras, de algum modo afastadas do mecanismo interno das línguas, atuam como forças decorrentes da evolução das instituições e dos costumes ou do progresso material, o que contribui para que muitas palavras se tornem inúteis para o uso corrente; as segundas provêm do próprio sistema lingüístico e são a degradação de sentido ('parir', hoje 'dar à luz'), a especialização semântica ('físico', hoje 'médico'), a sinonímia ('asinha', hoje 'depressa') e a homonímia ('ca', antes 'porque', e 'cá', hoje 'aqui'). (CARDOSO; CUNHA, 1978, p. 197)

Segundo os autores, os arcaísmos podem ser divididos em arcaísmos léxicos e arcaísmos semânticos, quando atingem o vocabulário; arcaísmos flexionais, quando afetam a morfologia; e arcaísmos sintáticos, quando interferem na estrutura de construção da língua.

No que diz respeito aos arcaísmos léxicos, Cardoso e Cunha (1978) salientam que estão relacionados a duas situações de ocorrência: são termos que caíram em desuso por tornarem-se desnecessários, ou porque deram lugar a outras palavras equivalentes, sinônimas. "Estão no primeiro caso vocábulos que, por terem suas significações estreitamente ligadas a instituições, costumes e objetos que desapareceram, deixaram, conseqüentemente, de circular na língua normal" (CARDOSO; CUNHA, 1978, p. 194). Observam-se como exemplo, entre outros, o caso dos vocábulos "*almotace*", "*esclavagem*", "*partasana*", "*esculca*" e "*bombarda*." Já no segundo caso, dentre vários exemplos destacados pelos autores, estão os vocábulos "*almalho*", "*golpelha*", "*galo*", "*chouvir*", "*femença*", "*palmeirim*" e "*festinar*", que, atualmente, são nomeados, respectivamente, "*bezerro*", "*raposa*", "*lepra*", "*fechar*", "*cuidado*", "*peregrino*" e "*apressar*".

Os arcaísmos semânticos referem-se aos vocábulos cujo sentido anterior diverge do atual, ou seja, são "vocábulos que foram usados em época passada da língua com sentido diverso daquele em que continuam a serem usados modernamente" (CARDOSO; CUNHA, 1978, p. 194). São arcaísmos semânticos palavras como "*arreio*" (no sentido de *enfeite*), "*comprido*" (no sentido de *cheio*),

“*vivenda*” (no sentido de *modo de vida*), “*britar*” (no sentido de quebrar), “*tratante*” (no sentido de o que trata, donde médico tratante), “*saúde*” (no sentido de salvação).

Quanto aos arcaísmos morfológicos ou flexionais, tratam das modificações ocorridas na língua referentes aos “vocábulos que se sujeitaram a normas ou processos morfológicos que já não são dominantes no sistema atual da língua” (CARDOSO; CUNHA, 1978, p. 195). Neste sentido, os autores observam a variabilidade dos arcaísmos flexionais de acordo com gênero, número e pessoa. Como exemplo de arcaísmos flexionais de gênero, há os seguintes termos: de gênero, “*comũa, varoa, ladroa*”; de número, “*ourívezes, alférezes, coses*”; e de pessoa, “*amades, lançarom, produze*”. Há, também, os arcaísmos morfológicos, que, devido a seu uso, acabaram por sofrer determinadas alterações em um de seus elementos, caso de palavras como “*ensinança, judengo, mentideiro, tristura, semelhável e temudo*” que são, respectivamente, designadas como “*ensinamento, judaico, mentiroso, tristeza, semelhante e temido*”.

Já os arcaísmos sintáticos são as construções frasais que já não correspondem a determinada língua. Neste caso, encontram-se arcaísmos relacionados à colocação, concordância e regência.

No tocante à colocação, Cardoso e Cunha (1978) destacam que a língua antiga tinha maior liberdade na composição de uma frase, podia-se inverter a ordem das palavras, como, por exemplo, “*a revelaçom que lhes Deus mostrara*” ou “*aquele que lhe dito havia*” e, também, intercalar vocábulo, como é o caso do advérbio *senão* que, por ser usado continuamente, acabou por aglutinar-se. Os adjetivos também apresentavam particularidades, pois podiam colocar-se na anteposição de uma frase, como no exemplo “*florês de muitas e desvairadas cores e de precioso odor*”, além de poderem ser usados antes e depois de um mesmo substantivo, como na frase “*fortes vozes e grandes de mui gram door*”.

Referente à concordância, Cardoso e Cunha (1978, p. 196) consideram algumas particularidades, dentre elas: “se o sujeito na oração é um nome coletivo, podia o verbo do predicado ir para o plural: *bondade de tôda a crastãidade que estam em grã coita e tormenta*”; se esse mesmo sujeito estivesse no plural, o verbo passava para o singular, como em “*e hi morreo grandes gentes*”; se o sujeito fosse composto, o predicado concordaria somente com o último termo, “*nenhum emperador de Constantinopla, nem nenhum rei de Grécia, nem nenhum*”.

príncipe nom foi tam poderoso que ousasse fazer o que vós fazestes". Se os verbos *ter* e *haver* fossem conjugados no particípio, passariam a concordar com o objeto da oração, a esse exemplo temos "*quando foi luz, tinha ele já andadas duas léguas*".

Em relação à regência, os autores destacam que na língua antiga os verbos *haver*, *dever*, *cuidar*, *ousar*, *travar* e *crer* eram aliados à preposição **a** como no exemplo "*non cuidei eu a desejar vosso ben*"; o verbo *começar* era acompanhado da preposição **de**, como em "*e começar de caminhar*"; não havia preposição também na conjugação do infinitivo dos verbos *começar* e *tornar*, por exemplo, "*continuai ter cuidado*" e também os verbos de movimento traziam a preposição **em** antes do complemento de lugar, eram assim escritos "*e ende verrá na cruz em êste mundo dar juízo aos bõos*".

De acordo com Cardoso e Cunha (1978, p. 197), a língua arcaica possui ainda outras especificidades sintáticas. Neste sentido, os autores destacam outros exemplos além dos já apontados por Coutinho (1976), a saber: (i) uso do vocábulo *homem* (*omem*, *ome*) como sujeito indeterminado da oração, como no exemplo, "*ca veer homem como vam os moços poer os cães*"; (ii) emprego da preposição **de**, no segundo termo da comparação, no lugar de **que** ou **do que**, como no exemplo, "*e os cristãos perecerom melhor da quarta parte.*"; (iii) frequência do partitivo, como em "*que lhe enviees desta carne assada e que busquees outra pera vós.*"; (iv) excessividade de anacolutos, assim exemplificado, "*e depois seu padre dela, en sa velhice, filharom-lhe seus genros a terra*"; (v) períodos longos unidos por subordinações e partículas, como se vê no exemplo:

Deus que quer manifestar a obras de seus servos e que pareçam com galardón ante os homens, aveeo que o sobredito Enrique, cavaleiro de Jesu Cristo, que fazia sepultado no dito moesteiro de Sam Vicente, que mostrou Deus por êle grandes milagres, antre os quaes apareceu antre os homens ãu mui maravilhoso, o que del conta a escriptura, na faz mençom que na cabeceira de moimento do dito cavaleiro se levantou ãu palma semelhávil a esta que tragem os romeus que vam em Jerusalem, e, levantada assi esta palma, começou d'enverdecer e deitar fôlhas e fazer verdura, e cresceu sôbre a terra e feze-se muit'alta. (CARDOSO; CUNHA, 1978, p. 197)

Gabas Jr. (2006) também contribui para o esclarecimento dos fenômenos que causam os arcaísmos. Para o autor, muitos são os fatores que

favorecem o processo da arcaização dos vocábulos. “Em princípio, e dado um contexto apropriado, qualquer parte de uma língua pode mudar, desde o nível fonético-fonológico (dos sons) até o nível semântico (do significado)” (GABAS JR., 2006, p. 81).

Segundo o autor, a mudança no som das palavras representa um dos principais mecanismos de mudança linguística e está diretamente ligada à questão da variação linguística entre dois ou mais sons durante determinado período de tempo. Certamente, entre as duas opções de variantes para a mesma palavra, uma irá permanecer ativa, ao passo que a outra, conseqüentemente, será substituída.

O autor destaca, ainda, que “as mudanças de som são classificadas de acordo com o tipo de processo envolvido. Estes podem ser, basicamente, de perda ou adição de fonemas, assimilação, dissimilação, duração (ou prolongamento) e metátese” (GABAS JR., 2006, p. 81-82).

Relacionado à perda ou adição de fonema está o exemplo da mudança que houve do latim para as línguas românicas, caso do vocábulo *schola* (latim) > *escola* (português) > *escuela* (espanhol) > *école* (francês).

Quanto à assimilação, o autor considera três formas: regressiva, progressiva e de enfraquecimento. A regressiva pode envolver tanto grupos de consoantes, como de vogais. Com consoantes temos o latim *ct* e *pt* que passaram para *tt* em italiano, como se observa no exemplo *noctem* (latim) > *notte* (italiano), e no caso de vogais temos *aurum* (latim) > *ouro* (Português); a progressiva trata da assimilação de um som a outro que o precede, como se vê no exemplo em que há a mudança do *ln* do inglês antigo para *ll* em inglês médio, como em *eln* > *elle*, e também do turco antigo *bilür*, para o turco moderno *bilir*. Relacionado aos processos de enfraquecimento estão as consoantes intervocálicas oclusivas e sonoras. Para o primeiro caso, observa-se o exemplo *rubium* (latim) > *ruivo* (português), em que a consoante oclusiva sonora bilabial tornou-se fricativa sonora bilabial entre vogais. Já como exemplo de enfraquecimento relativo à sonoridade, temos *lupum* (latim) > *lobo* (português), em que a consoante surda passou a ser sonora.

Com relação à dissimilação, Gabas Jr. (2006) afirma que é menos comum que a assimilação, pois, neste caso, um de dois sons iguais se altera para diferenciar-se do outro. A este exemplo temos o caso da mudança do latim para o

francês, em que se observa que um dos /r/ do latim (*fragrare*) passa para // em francês (*flairer*), também uma de duas vogais sucessivas em latim (*divinum*) tornou-se /e/ em francês (*devin*).

Em relação à duração (ou prolongamento), o autor salienta que esse tipo de mudança é muito comum nas línguas indo-européias e ocorre quando a primeira consoante de uma sílaba pesada cai e a vogal que a precede se prolonga, como, por exemplo, o caso de *magl* (celta comum) para *māl* (irlandês antigo).

A metátese, por sua vez, é um processo menos frequente que os da mudança de som. Neste caso há a inversão de posição de dois sons adjacentes, como se observa no exemplo de *inter* (latim) para *entre* (português).

No que tange à mudança no nível semântico, Gabas Jr. (2006) salienta que se trata das mudanças no significado das palavras. Neste sentido, o autor faz o seguinte apontamento:

Até o presente momento da história da Lingüística, ainda não foi possível formular nenhum modelo abstrato de mudança semântica, como foi feito para as mudanças fonético-fonológicas e gramaticais. Isso se deve, em parte, à incapacidade de qualquer modelo de conseguir tratar, de maneira sistemática, todos os casos (ou tipos) de mudança envolvendo significado. Não obstante, interessantes observações envolvendo mudança semântica têm possibilitado o reconhecimento de alguns mecanismos que podem causar ou promover mudanças de significado. (GABAS JR., 2006, p. 89)

De acordo com o autor, “entre esses mecanismos estão os processos de aparecimento (ou neologismo), obsolescência, contato semântico, isolamento de formas e deslocamento semântico” (GABAS JR., 2006, p. 89).

Sobre o aparecimento, ou neologismo, o autor afirma ser um fenômeno decorrente da necessidade de criar e incluir um termo novo no léxico de uma língua. “Essa inserção pode se dar por diversos fatores como, por exemplo, pela necessidade de nomear novas descobertas ou invenções (ex. ‘cd-player’), e novas atitudes ou tendências ligadas a um nome próprio (ex. narcisismo, getulismo) etc” (GABAS JR., 2006, p. 90).

Em relação à obsolescência, trata-se de um fenômeno totalmente inverso do processo de aparecimento, ou neologismo. De acordo com o autor, um item lexical com baixa frequência de uso pela comunidade linguística pode deixar de

existir a qualquer momento. São exemplos de termos obsoletos as palavras *alugatório* (inquilino, locatário), *clavina* (carabina), *monoquini* (maiô de uma peça), *repostaria* (dependência dos palácios e casas nobres) e *tassalho* (fatia grande).

O contato semântico ocorre quando um item lexical já existente recebe outro significado em dado contexto específico. Gabas Jr. (2006) destaca, como exemplo desse tipo de fenômeno, o caso da palavra inglesa *bead* que significava “reza, oração” e que hoje significa “conta de um colar”. Segundo o autor, essa mudança é decorrente “do costume, entre os membros da Igreja Católica, de contar suas ‘rezas’ ou ‘orações’ em rosários, formados por contas” (GABAS JR., 2006, p. 91).

Já o isolamento de formas, como o próprio nome sugere, constitui o fato de um item lexical de determinado grupo isolar-se dos demais e assumir outro significado. A este exemplo observa-se o vocábulo “teto”, do latim *tectum* e que, originalmente, era uma derivação de *teg-*, “cobrir” e *-tum*, sufixo de formação de verbos. Com a transformação do latim arcaico para o clássico, *-tum* perdeu sua função e *tectum* adquiriu a específica significação de “teto”.

No que tange ao deslocamento semântico, o autor defende a existência de quatro tipos de fenômenos que se diferem em sua natureza: extensão, estreitamento, uso figurativo e desvio. A extensão ocorre quando um item lexical tem o seu significado ampliado com o passar do tempo. Como exemplo desse tipo de fenômeno, destaca-se a palavra *salário*, que atualmente é designada para nomear o pagamento de um trabalho regular. Sendo assim, o autor discorre:

A palavra ancestral de salário é *salārium* do Latim, e tinha o significado de ‘pagamento em qualquer espécie pelo trabalho regular de um soldado’. *Salārium*, por sua vez, foi primeiramente usado para significar ‘pagamento em ‘sal’ pelo trabalho regular de um soldado’. (GABAS JR., 2006, p. 92)

Desta forma, a palavra *salário* significou, primeiramente, pagamento em *sal* feito aos soldados; depois, pagamento em qualquer espécie feito aos soldados e, por fim, o pagamento feito a qualquer pessoa.

Quanto ao estreitamento, refere-se ao processo oposto da extensão. É o caso da palavra *pílula* que, originalmente, significa “medicação em forma

comprimida para ser tomada oralmente”; no entanto, resumidamente, está passando a significar “contraceptivo oral”. O uso figurativo é um processo de mudança, por vezes intencional, no sentido de uma palavra. É um fenômeno decorrente do uso de figuras de linguagem como metáfora, metonímia e sinédoque. Gabas Jr. (2006) destaca como exemplo a palavra “boneca”, que, além de significar “brinquedo de criança”, em dado contexto pode significar “mulher ou criança bonita”. Em relação ao desvio, o autor afirma ser um processo através do qual determinado item lexical continua a existir, mesmo tendo mudado seu sentido original. A este exemplo, observa-se a palavra inglesa *artillery*, “artilharia”, que era usada para designar utensílios e armas de guerra como catapultas, flechas e, atualmente, é usada para nomear tanques, canhões, metralhadoras, morteiros, etc..

Diante do exposto a respeito de arcaísmos, podemos constatar que a riqueza desse fenômeno nos oferece um amplo espaço para o estudo sobre o tema. Para entendermos o estado atual de uma língua, é preciso retomar questões relevantes que estão no passado, traçar seu percurso histórico, para, por fim, chegar ao presente.

3.4 VARIAÇÃO E ENSINO

Muitos fatores estão implicados no ensino da língua portuguesa sob o ponto de vista sociolinguístico. A diversidade linguística é uma realidade perene que não permite que o ensino aconteça sem considerarmos a importância da heterogeneidade linguística trazida pelo alunado para dentro dos espaços escolares. É certo que a educação brasileira está em crise há muito tempo, necessitando de novos rumos, novos olhares e de novas metodologias que atendam a essa nova demanda que ocupa as salas de aulas em todo o Brasil. Além disso, outra questão, e não menos importante, é a formação dos profissionais que atuam no magistério e que em muito se distancia do ideal pedagógico.

Para Ramos (1997), o ensino da língua materna no Brasil é, hoje, um desafio para os professores, um enigma apavorante a ser desvendado. De acordo com a autora, um dos principais aspectos do ensino da língua diz respeito aos limites relacionados aos objetivos, metodologias e avaliação nos programas oficiais de ensino. Entre eles destacamos a distância entre formação inicial e

atuação do profissional da área de letras, a independência entre descrição e uso da língua no ensino e a falta de espaço na escola para introduzir metodologias críticas que dêem conta de superar tais limites no ensino da língua portuguesa no Brasil. Um exemplo apontado pela autora é o caso de o recém-licenciado em Letras ser impelido a trabalhar determinados conteúdos em muito divergentes daqueles apreendidos na graduação. Nesse sentido, a autora é enfática ao afirmar que o professor

Vê-se impingido a ensinar análise sintática, corrigir erros de regência, concordância, acentuação e pontuação em redações, e restrito aos limites de um livro didático já previamente escolhido pela respectiva escola. Não sobra espaço para leitura crítica, para leitura dramática de textos, para discussões de temas de interesse mais direto, que levaria o aluno a um melhor desempenho lingüístico. (RAMOS, 1997, p. 4)

A principal crítica neste caso gira em torno da ênfase que vem sendo dada ao ensino da análise sintática, sobrando pouco tempo para que o aluno faça uso efetivo da língua em seu contexto social, propiciando, assim, um melhor desempenho lingüístico.

Castilho (1998) também aborda a crise no ensino brasileiro. De acordo com o autor, diariamente o professor de Língua Portuguesa se depara com três crises distintas: a crise social, a crise científica e a crise do magistério. A crise social se refere às mudanças da sociedade brasileira decorrentes, principalmente do rápido processo de urbanização e das suas consequências no ensino formal. Segundo o autor, um estudo feito por Love (1982 apud CASTILHO, 1998) mostrou que, na cidade de São Paulo, em 1872, havia cerca de 31.000 habitantes; já em 1970, a grande São Paulo abrigava aproximadamente 8.000.000. Ainda em 1920, dois terços da população brasileira eram provenientes da zona rural, mas, numa atitude de mudança de valores, passaram a valorizar a vida urbana e migraram para a cidade fixando suas residências.

Essa mudança não alterou somente a geografia dos grandes centros urbanos, mas, também, o modo de vida dessas pessoas e, conseqüentemente, a realidade nas escolas brasileiras. Neste sentido, Castilho (1998, p. 10) aponta:

De toda forma, é um fato inelutável que a incorporação de contingentes rurais alterou o perfil sócio-cultural do alunado de 1º e 2º graus. Nossas escolas deixaram de abrigar exclusivamente os alunos da classe média urbana – para os quais sempre foram preparados os materiais didáticos – e passaram a incorporar filhos de pais iletrados, mal chegados às cidades e a elas mal adaptados.

No tocante à crise científica, Castilho (1998) salienta que o problema está na teoria sobre a linguagem que estabelece relação com a teoria gramatical. Para o autor, sendo a linguagem um “objeto escondido”, assim como objeto de estudos de outras ciências, tais como o da Psicologia ou Sociologia, a teoria de análise deve partir de postulações prévias. Há, no entanto, três grandes modelos teóricos de interpretação da linguagem humana: o primeiro considera a língua como atividade mental, inata do homem, capaz de reconhecer, interpretar e produzir um número infinito de sentenças, dando-lhes uma representação fonológica. A teoria gramatical, neste caso, será para a formulação de uma Gramática Universal, implícita e elaborada para atender a competência humana. O segundo modelo teórico entende a língua como uma estrutura,

[...] um sistema composto por signos, distintos entre si por contrastes e por oposições, organizados em níveis hierarquicamente dispostos: o nível fonológico, o nível gramatical (ou morfossintático), e, em alguns modelos, também o nível discursivo. (CASTILHO, 1998, p. 11)

As gramáticas, para este caso, serão basicamente descritivas. Já o terceiro modelo teórico reconhece a língua como resultado da atividade social, como “um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado” (CASTILHO, 1998, p. 11). Aqui a gramática deverá estar em consonância com uma teoria que considere a língua inserida no contexto social, como é o caso da Gramática Funcional.

Castilho (1998) destaca que, dos três modelos teóricos, os dois primeiros consideram a língua como um fenômeno homogêneo, um objeto independente das situações de produção e têm como base os estudos da sintaxe através dos enunciados, independente em relação à Semântica ou Pragmática. Já o terceiro modelo teórico reconhece a língua como um fenômeno heterogêneo,

variável e socialmente motivado. “A língua é, em suma, uma enunciação, um elenco de processos, para cuja apreensão a Semântica e a Pragmática se constituem em pontos de partida, sendo a Sintaxe um ponto de chegada” (CASTILHO, 1998, p. 12 – grifo do autor).

Segundo o autor, a teoria Linguística tem se alternado entre esses dois polos, considerando, por vezes, a língua como enunciado e, em outras, como enunciação. É a partir desse impasse que se justifica a terceira crise, ou seja, a crise no magistério, já que os professores terão que se adaptar aos novos temas e adequar-se às mudanças ocorridas na sociedade decorrentes da questão linguística.

Ainda em relação à crise do magistério, Castilho (1998) lembra que há também a questão da desvalorização do profissional educador, além da situação de desconforto em seguir um paradigma científico que, decorrente das mudanças sociais, também está em processo de transição. Os professores de Língua Portuguesa não sabem “‘o que ensinar’, ‘como ensinar’, ‘para quem ensinar’ e, até mesmo, ‘para quê ensinar’” (CASTILHO, 1998, p. 13).

Além de todas essas problemáticas destacadas por Castilho, há de considerarmos ainda a deficiência na formação do magistério. Segundo o autor, muitos professores formam-se em faculdades isoladas, privadas e conservadoras, e quando entram para o mercado de trabalho, recebem salários totalmente defasados, o que leva muitos professores a considerarem a profissão somente como um “bico”. “A tarefa da atual geração de educadores é muito pesada: reciclar-se, reagir contra o círculo de incompetência e de acriticismo que se fechou à volta do ensino brasileiro, e lutar pela valorização da carreira” (CASTILHO, 1998, p. 13).

Certamente, há muito a ser feito pela educação no Brasil. Um bom começo seria, de fato, investir na formação de novos profissionais da educação. Para isto, é necessário que se quebrem alguns paradigmas instaurados nos cursos superiores de formação docente. Para Castilho (2002, p. 34), o ideal seria rever e ampliar o currículo mínimo de Letras, “trazendo-o para a realidade do ensino e norteando-o mais claramente para a formação do professor”, já que este currículo, de certa forma, ainda privilegia o ensino de uma norma voltada para os clássicos literários e não alcança os objetivos da função docente do professor de português, uma vez que trata a variação de forma preconceituosa e como ponto de discussão secundária e sem muita relevância para o trabalho em sala.

Castilho (2002) afirma ainda que, embora o currículo do magistério tenha sido revisto, foi reduzido e tornou-se ainda mais descontínuo e ineficaz. Além disso, as pesquisas desenvolvidas nas universidades em nada atendem à realidade tão próxima aos olhos. “Pior, seguem apegadas às últimas correntes européias e americanas, reduzida a língua nacional à modesta condição de campo para teste de teorias” (CASTILHO, 2002, p. 35). Infelizmente, e ao que parece desde outrora, a língua está longe de ser objeto de estudo, pois a atenção ainda está voltada para a história da ciência e não para a natureza de seu objeto.

Todas essas mudanças são, em suma, necessárias e urgentes, pois a realidade linguística presente nas escolas difere em muito de tempos passados, tempos em que o ensino tradicional da língua atendia, ou pelo menos pressupunha-se que dava conta, a demanda escolar. É evidente a necessidade da conscientização sociolinguística nos segmentos educacionais, bem como a luta pela implantação de um ensino menos apegado às normas tradicionais, já que estas visam somente à aquisição de uma norma imposta, sem considerar a diversidade linguística presente nos ambientes escolares.

No caso do Brasil, uma nação formada por uma diversidade étnica significativa, não poderia deixar de haver também uma expressiva variedade linguística. O multilinguismo aqui presente é uma realidade que afronta todo o sistema educacional e que não poderá mais ser ignorado. Neste sentido, Mattos e Silva (2004) destaca a importância e a necessidade de voltar os olhos para as políticas educacionais. De acordo com a autora, ainda que o Estado não se disponha a fazê-lo, é necessária uma adequação nos métodos de ensino de língua portuguesa. Segundo a autora:

A mudança na educação tem de partir primeiro de uma mudança de mentalidades entre aqueles que trabalham no ensino e, é claro, contudo, que a efetivação de tal mudança tem de ter a infra-estrutura material que só o Estado, detentor do poder e do dinheiro, pode pôr em prática. (MATTOS E SILVA, 2004, p. 73)

De acordo com a pesquisadora, para resolver o impasse que se criou na educação, o ideal seria que os profissionais do ensino se aliassem ao Estado e não de forma contrária, como tem sido até hoje. “O fato de o ensino da

língua portuguesa estar em crise no Brasil é uma conseqüência de mudanças positivas na sociedade brasileira, para as quais escola e os instrumentos de ensino da língua portuguesa não estão adequados” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 74). As instituições insistem em manter como principal objetivo o ensino da língua materna visando à aquisição de um padrão linguístico idealizado como “correto”, padrão este que, sem dúvida, a sociedade brasileira cobra e espera que, no decorrer do percurso escolar, os indivíduos sejam capazes de dominar.

Para o professor de língua portuguesa, esta é uma questão no mínimo angustiante. O que fazer diante do compromisso com a sociedade em formar cidadãos linguisticamente competentes frente a uma realidade tão adversa?

Para Mattos e Silva (2004), o fracasso que se observa no ensino de língua portuguesa está, sem dúvida, relacionado à metodologia empregada. De acordo com a autora, “se a criança desenvolve uma gramática consistente no processo de aquisição da sua língua materna, só pode adquirir a nova gramática da escola como se fosse de uma língua estrangeira” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 142). Neste caso, o ensino só poderia ter sucesso se estivesse em outro patamar de qualidade, ou seja, se a grande maioria dos professores, tal como seus alunos, substituísse o seu vernáculo familiar pelo português da escola. Segundo a autora, o absurdo linguístico-pedagógico está na tentativa de ensinar a escrever um dialeto a falantes nativos que se utilizam de outro dialeto totalmente diferente da forma que devem escrever. Para a autora, o profissional da educação é peça fundamental no processo e deverá ser muito bem formado para atender a essa complexa relação entre a heterogeneidade linguística presente na fala e a homogeneidade que se observa na escrita.

De fato, toda essa problemática que envolve o sistema educacional do Brasil não é uma questão simples e de fácil solução. Infelizmente, o professor, ao se deparar com a diversidade linguística dentro da sala de aula, não sabe como agir e acaba por considerar “erro” toda e qualquer forma que fuja ao padrão prescrito idealizado. Bortoni-Ricardo (2004) confirma este posicionamento ao discorrer sobre a questão:

Até hoje, os professores não sabem muito bem como agir diante dos chamados 'erros de português'. Estamos colocando a expressão 'erros de português' entre aspas porque a consideramos inadequada e preconceituosa. Erros de português são simplesmente 'diferenças' entre variedades da língua. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 37)

De acordo com a autora, essas diferenças linguísticas fazem parte da vida do indivíduo, já que estão presentes nos ambientes em que predomina a oralidade, como, por exemplo, no próprio lar, no convívio com amigos e também na escola. A questão em si está na justaposição entre elas “no momento em que o aluno usa flagrantemente uma regra não padrão e o professor intervém, fornecendo a variante-padrão” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 37). Com efeito, esse comportamento pode vir a se tornar um ato de preconceito e humilhação, mas, se ao contrário, uma pedagogia sensível estiver atenta aos saberes e às diferenças do educando, certamente o resultado seria outro. O ideal, de acordo com a autora, seria primeiro fazer um levantamento do perfil sociolinguístico do aluno e, a partir dele, traçar estratégias para a formulação de um plano de trabalho que atenda à realidade linguística do educando. Essa estratégia, por sua vez, deverá estar em consonância com as reais condições culturais do aluno para que não haja conflito de valores e insegurança linguística; ao aluno deverá ser garantido o acesso à língua padrão para que tenha mobilidade social.

Bortoni-Ricardo (2005) afirma que, infelizmente, no Brasil, as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são, de fato, consideradas. O ensino é impositivo, já que “a escola é norteadada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo que se afaste desse código é defeituoso e deve ser eliminado” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14). Sabe-se, portanto, que a padronização é também necessária, pois está diretamente relacionada a questões políticas, tecnológicas, científicas e de afirmação de modernização de um país. A questão em si, como bem afirma a autora, “não parece estar, pois, na existência de um código-padrão, mas no acesso restrito que grandes segmentos da população têm a ele” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15). Para a pesquisadora, isso significa que:

No caso brasileiro, o ensino da língua culta à grande parcela da população que tem como língua materna – do lar e da vizinhança – variedades populares da língua tem pelo menos duas conseqüências desastrosas: não são respeitados os antecedentes culturais e lingüísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a língua-padrão. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15)

Outra questão levantada por Bortoni-Ricardo (2005) é o fato de o Brasil apresentar uma realidade sociolinguística muito distinta da de outros países. Portanto, é preciso rever as teorias voltadas para os estudos sociolinguísticos do português brasileiro, bem como desenvolver metodologias adequadas às particularidades reais dos alunos. Deste modo, a autora assevera:

No Brasil, ainda não se conferiu a devida atenção à influência da diversidade lingüística no processo educacional. A ciência lingüística vem, timidamente, apontando estratégias que visam aumentar a produtividade da educação e preservar os direitos do educando. Essa contribuição será tanto mais efetiva se fundamentada na convicção de que a situação sociolinguística brasileira apresenta peculiaridades que a distinguem da de outros países. As atividades científicas na área não se podem restringir, portanto, a uma simples importação. É indispensável o desenvolvimento de um aparato teórico-metodológico adequado à realidade nacional. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 19)

Segundo a autora, devemos considerar também que a grande maioria da população do Brasil advém de uma cultura de base oral sem acesso ao padrão formal da língua escrita. O alto nível de analfabetismo e a precariedade da instrução escolar afetam diretamente essa população, impedindo o acesso tanto da “língua-padrão real”, usada pelos mais favorecidos, como da “língua-padrão ideal”, estabelecida por padrões de correção e de aceitabilidade da língua. Além disso, a pressão prescritiva da escola e a standardização da língua estão particularmente relacionadas a grupos sociais específicos, ou seja, a minoria detentora do poder, ou que gozam de melhor *status*. Essa prescrição imposta por políticas pedagógicas dominantes diverge totalmente da realidade social dos alunos.

Certamente, há muito a fazer para que a educação receba a devida atenção. A escola é um espaço plural e significativo que merece e clama por uma educação mais igualitária e justa. Afinal, temos um país democrático que não pode,

ou ao menos não deve, ser regido por uma política ideológica dominante e sim por métodos pedagógicos científicos, conscientes e capazes de nivelar o padrão culto da língua sem danificar o que Silvio Elia (2003, p. 123) já chamava de “colorido dialetal”.

Com base nessas considerações, analisamos dois *corpora*: um atual, referente à coletânea de livros didáticos aprovados pelo PNLD/2011; e outro antigo, composto por cinco manuscritos do século XVIII.

4 ANÁLISE DOS CORPORA

4.1 ANÁLISE DO CORPUS ATUAL

De acordo com o PNLD/2011 – Plano Nacional do Livro Didático (cf. nota 2), 26 coleções de Língua Portuguesa destinadas ao Ensino Fundamental (doravante EF), segundo ciclo, passaram pelo processo avaliatório. Somente 16 delas, porém, foram aprovadas pelo MEC, por estarem em consonância com a legislação, as diretrizes e as normas oficiais que regulamentam o EF.

De modo geral, apesar de as 16 coleções indicadas pelo programa apresentarem perfis didático-pedagógicos diferentes entre si, todas trabalham conteúdos com temas modernos, atuais e representativos da cultura jovem. As coleções abrigam um conjunto diversificado e selecionado de gêneros textuais que funcionam como eixo articulador dos estudos sobre leitura, produção de texto, linguagem oral e conhecimento linguístico.

Todas as coleções contemplam o desenvolvimento da proficiência em leitura e tomam como objeto de reflexão o letramento e a formação do leitor. Também a proficiência escrita tem espaço significativo nas atividades propostas. Quanto à oralidade, todas as coleções consideram-na como objeto de ensino-aprendizagem e estão fortemente articuladas às atividades de leitura, encenação, declamação e oralização de textos escritos.

No que se refere aos conhecimentos linguísticos, de modo geral, apesar de se manterem fiéis ao ensino da gramática tradicional tem como principal objetivo desenvolver as capacidades linguísticas e cognitivas dos alunos, levando-os a refletir sobre o uso da língua.

Cada coleção é composta por quatro volumes, do 6º ao 9º ano, e varia em relação à quantidade de capítulos ou unidades temáticas trabalhadas.

No quadro 1, apresentamos, por classificação alfabética, 15 das 16 coleções⁶ de livros didáticos, com seus respectivos autores e composição estrutural de cada manual.

⁶ A proposta inicial para este trabalho seria a análise de todas as 16 coleções aprovadas pelo PNLD/2011, mas não foi possível o acesso a uma delas, a coleção intitulada “Para Ler o Mundo – Língua Portuguesa”, das autoras Graça Sette, Maria Angela Paulino e Rosário Starling, publicada pela editora Scipione.

Quadro 1 – Coleção de livros didáticos: autores, obras e composição estrutural dos manuais

Coleções	Autores	Composição dos manuais
A aventura da linguagem	Luiz Carlos Travaglia; Maura Alves de Freitas Rocha; Vânia Maria B. Arruda-Fernandes	4 unidades com 3 capítulos cada
Diálogo	Eliana Santos Beltrão; Tereza Gordilho	7 módulos
Língua Portuguesa – linguagem e interação	Carlos Emílio Faraco; Francisco Marto de Moura; José Hamilton Maruxo Junior	12 unidades
Linguagem – criação e interação	Cássia Garcia de Souza; Márcia Paganini Cavéquia	10 capítulos mais suplemento
Para viver juntos – Português	Ana Elisa de Arruda Penteadado; Cibele Lopresti Costa; Eliane Gouvêa Lousada; Greta Marchetti; Jairo J Batista Soares; Maria Virgínia Scopacasa; Manuela Prado; Mirella L. Cleto; Heidi Strecker	8 capítulos mais revisão
Português – a arte da palavra	João Carlos Rocha Campos; Flávio Nigro Rodrigues; Gabriela Rodella de Oliveira	7 capítulos
Português – ideias e linguagens	Dileta Delmanto; Maria da Conceição Castro	10 unidades mais apêndice
Português – uma proposta para o letramento	Magda Soares	4 unidades com aproximadamente 7 capítulos cada
Português – linguagens	William Roberto Cereja; Thereza Cochar Magalhães	4 unidades com 3 capítulos cada
Projeto Eco – língua portuguesa	Cristina Soares de Lara Azeredo	4 unidades com 3 capítulos cada
Projeto Radix – português	Ernani Terra; Floriana Toscano Cavallette	8 módulos com 12 capítulos
Trabalhando com a linguagem	Givan Ferreira; Isabel Cristina Cordeiro; Maria Aparecida Almeida Kaster; Mary Marques	8 unidades mais estudo da gramática
Trajetórias da palavra – Língua Portuguesa	Celina Diaféria; Mayra Pinto	3 unidades com 10 capítulos
Tudo é linguagem	Ana Maria Trinconi Borgatto; Terezinha Costa Hashimoto Bertin; Vera Lúcia de Carvalho Marchezi	8 unidades gerais, unidade prévia e unidade suplementar
Viva Português	Elizabeth Campos; Paula Marques Cardoso; Silvia Letícia de Andrade	4 unidades com 2 capítulos cada

Fonte: A autora.

4.1.1 Descrição e Análise dos Dados

Após analisarmos criteriosamente as coleções de livros didáticos, selecionamos os manuais que, de forma explícita ou indiretamente, trabalham as mudanças ocorridas na língua portuguesa no decorrer do tempo. Trata-se de uma amostragem sintetizada no quadro 2.

Quadro 2 – Livros didáticos: atividades e capítulos que abordam o tema da variação linguística histórica

Coleções	Manuais	Atividades que abordam o tema da variação histórica	Capítulo específico (variação histórica)
A aventura da linguagem	7º ano	X	
	9º ano	X	
Diálogo	9º ano	X	
Língua portuguesa – linguagem e interação	7º ano	X	
	9º ano	X	
Linguagem – criação e interação	9º ano		X
Para viver juntos – português	6º ano	X	
	9º ano		X
Português – a arte da palavra	6º ano	X	
Português – ideias e linguagens	6º ano		X
	9º ano	X	
Português – uma proposta para o letramento	7º ano	X	
	8º ano	X	
Português – linguagens	6º ano	X	
	9º ano	X	
Projeto Eco – língua portuguesa	8º ano	X	
Projeto Radix – português	8º ano	X	
Trabalhando com a linguagem	6º ano		X

Coleções	Manuais	Atividades que abordam o tema da variação histórica	Capítulo específico (variação histórica)
Trajetórias da palavra – língua portuguesa	8º ano	X	
	9º ano	X	
Tudo é linguagem	6º ano	X	
Viva português	7º ano	X	

Fonte: A autora.

De acordo com os dados apresentados no quadro 2, das 15 coleções analisadas, apenas 4 delas oferecem um espaço para um capítulo diretamente relacionado à variação histórica. As outras 11 coleções, ainda que não ofereçam um capítulo específico, abordam o tema e trazem atividades consideráveis sobre a questão.

4.1.1.1 Coleção “A aventura da linguagem”

Na coleção **A aventura da linguagem**, o estudo que se faz da variação histórica é apresentado nos manuais do 7º e do 9º ano. Os autores propõem atividades que revelam a preocupação em tratar o tema.

No manual do 7º ano, no capítulo 6, intitulado “Registros de vida”, encontram-se trechos de diários retirados do livro *Minha vida de menina*, de Helena Morley, escritos no final do século XIX. Os autores apresentam uma atividade que chama a atenção para o tipo de linguagem empregada nos textos, fazendo inferência à mudança na língua no decorrer do tempo. É o que pode ser observado nos excertos a seguir:

3 ■ O texto foi escrito em linguagem coloquial e, antes de ser publicado, foi adaptado às regras ortográficas atuais. Mesmo assim é possível encontrar palavras ou construções que não são comuns em conversas nos dias atuais. Quais são elas?

Fonte: Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes (2009a, p. 129)

3. A forma de tratamento "Siá"; expressões como: "foi o meu algoz", "charola", "cabeceando de sono", "amofina", "governo de Siá Ritinha", "arear a casa"; "não lhe desobedeço", "furte".

Fonte: Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes (2009a, p. 128)

No manual do 9º ano, a unidade 1 é dedicada ao estudo da língua e das linguagens. O primeiro capítulo, intitulado "O DNA das palavras", traz textos e atividades que exploram de maneira clara e objetiva a variação temporal. Trabalha com vocabulário, verbetes, abreviaturas e a etimologia de algumas palavras.

Nas páginas 11, 12 e 25 do livro, como mostram os respectivos exemplos que se seguem, os autores destacam uma carta datada de 1915 e, a partir dela, trazem questões relacionadas à ortografia.

Texto 1

Illmo. Snr. Lauro Alves Peixoto
Monte Alegre

Attendendo em tempo ao pedido de casamento que V. S^{ia}. fez a minha filha Izaltina, concedendo-nos o prazo de anno para reflectirmos, temos resolvido terminantemente convidar V. S^{ia}. a desistencia dessa vossa aspiração em vista da negativa absoluta de minha filha, recusando-se acceitar-vos por espôso.

Reconhecemos em V. S^{ia}. todos os dotes virtuaes, todas as qualidades de cavalheiro distinctissimo, porém não queremos contrariar a vontade de minha filha, por isso pedimos desculpar-nos, esperando continuarmos a merecer de V. S^{ia}. a amizade e consideração que reciprocamente vos tributamos.

Sem mais sou de V. S^{ia}. sempre Att^{sa}. V^{ra}.

Aureolina Bernardes da Luz

Douradinho, 19 de janeiro de 1915.

Fonte: Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes (2009b, p.11)

4 ■ a ► Em relação à ortografia, que palavras estão escritas de forma diferente de como são escritas hoje? Em que as formas antigas diferem das atuais?

4. a. Attendendo, anno, acceitar, reflectirmos, distinctissimo, virtuaes, espôso. Duplicação de consoantes, emprego de "c" antes de consoante; plural de palavra terminada em "al" formado por "aes"; acento circunflexo em palavra paroxitona terminada em "o".

Fonte: Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes (2009b, p.12)

1 ■ No Texto 1, você viu que algumas palavras foram abreviadas: Ilmo., Snr., V. S^{ia}., Att^{sa}. Qual é a forma atual dessas abreviaturas?

1. Ilmo, Sr., V. Sa..
Entretanto, a forma Att^{sa} que corresponde a Atenciosa e V^{ra}. que corresponde a "veneradora" não são mais empregadas nessa situação.

Fonte: Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes (2009b, p.25)

Nas páginas 13 a 19, a atenção é voltada ao estudo da etimologia de palavras. Os autores trabalham com o léxico relacionado ao casamento e destacam alguns vocábulos que atualmente não são usados. Como ilustram os exemplos que seguem:

9 ■ **a** ► O verbete "concubina" tem conotação pejorativa na linguagem popular, por isso é pouco usado atualmente. Por que isso ocorre?

b ► Você conhece outras palavras que, apesar de ainda constarem do dicionário, não são mais utilizadas por causa de mudanças sociais, tecnológicas, etc. ?

9. a. Por que os costumes mudaram e hoje é muito comum as pessoas se unirem de forma apenas informal.

9. b. Resposta pessoal. Sugestões:

- **Amizade-colorida** - pessoa que mantém com outra relações amorosas, geralmente passageiras, sem compromisso de estabilidade ou fidelidade (1980). Obs.: hoje usa-se "ficar" para relacionamentos desse tipo.

- **Carro de praça** - táxi (tem taxímetro) Obs.: antigamente pagava-se por corrida (e isso ainda ocorre em pequenas cidades); hoje é possível medir a distância por meio do taxímetro e paga-se de acordo com a distância percorrida.

- **Automóvel** (do francês) - carro (do inglês). A mudança ocorreu em virtude da influência americana no país. Antigamente, a influência francesa era mais forte.

Fonte: Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes (2009b, p.17)

No capítulo 2, entre as páginas 37 e 50, com o título “Cadê a palavra que estava aqui?”, os trabalhos estão relacionados a dois textos: “A dança das palavras” (Boris Fausto) e “A idade das palavras” (Walcy Carrasco). O primeiro trata da etimologia, congelamento e transfiguração das palavras. As atividades do livro, das páginas 39 e 40 se voltam para o estudo da transfiguração do vocábulo **bonde**. Os autores chamam a atenção do professor para observar aos alunos o fato de a mudança linguística ser um fenômeno natural e decorrente do uso. É o que mostram os excertos que seguem:

- 3** ■ O texto trata das palavras, sob diferentes ângulos.
- a** ► Localize no texto um trecho que explique o que é estética das palavras, etimologia, congelamento e transfiguração.
- b** ► Explique porque a palavra “bonde” exemplifica os conceitos de etimologia e transfiguração.

3. a. Sugestão:
estética das palavras
 – “palavras podem ser bonitas, neutras ou feias” (2º §)
Etimologia – “seu nascimento”, ou seja, nascimento ou origem das palavras (4º§)
Congelamento – “ninguém usa hoje essa palavra, seja na fala cotidiana, seja na escrita, mesmo a mais observadora da norma culta. Mas a palavra não morreu, está nos dicionários, congelada” (7º§)
Transfiguração – “um signo que designa um objeto, uma qualidade, um determinado sentimento, e que vai mudando de significado, ao longo do tempo” (8º§)

3. b.
etimologia - ao dizer a origem da palavra, ou seja, vem do inglês “bond”, termo impresso nos bilhetes de um veículo coletivo existente no fim do século XVIII no Rio de Janeiro. Em inglês “Bond” significava título, obrigação, mas a palavra “bonde” passou a ser usada para indicar o veículo coletivo.
transfiguração – os diversos sentidos que o termo “bonde” passou a ter, ao longo do tempo.

7 a ▶ De acordo com o texto, quais os diferentes sentidos que a palavra “bonde” pode ter?

b ▶ A palavra “bonde” é utilizada em sua região nos dias de hoje? Com qual sentido? *Resposta pessoal.*

7. a.

(1) bonde = Veículo coletivo de tração animal ou elétrico; veículo que leva conjuntos artísticos, grupos literários, presos; mau jogador; mau negócio. (2) comprar um bonde = fazer um mau negócio. (3) tomar o bonde andando – entrar no meio da conversa.

Professor(a): *ajude o aluno perceber que a mudança é um fenômeno natural que está diretamente relacionado com o uso da língua em um contexto social. Se as pessoas, os hábitos e costumes mudam, a língua também muda. É por isso que algumas palavras adquirem novos sentidos, outras deixam de ser usadas.*

Fonte: Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes (2009b, p.40)

No segundo texto, das páginas 41 até 48, as atividades se referem às gírias e trazem para discussão o posicionamento do linguista Dino Preti quanto à questão.

3 a ▶ O autor apresenta gírias faladas no passado. Faça uma lista em seu caderno das gírias mencionadas, com seus significados.

b ▶ Quais as gírias que o autor nomeia como atuais, ou seja, usadas na época em que ele escreveu a crônica? Quais são equivalentes às gírias apontadas como das décadas anteriores?

3. a. prafrentex = ter comportamentos ousados / é uma brasa, mora = bom, ótimo / broto = jovem / joia = pessoa ou coisa muito boa, querida / tou numas com ela = manter um relacionamento sem compromisso / pão, lasanha = homem bonito / nos trinques, *fashion*, *in* = bem vestido, elegante / boko moko, cafona, *out* = desatualizado, com mau gosto / vou tirar você do meu caderninho = terminar um relacionamento / mingau dançante = festa ou baile, muitas vezes realizado domingo à tarde.

3. b.

Gato é equivalente à pão, lasanha. Ficar é equivalente a manter um relacionamento sem compromisso. *Night* e balada equivalem em parte a mingau dançante, pois só ocorrem à noite. Deletei um sujeito da minha vida é o mesmo que tirei o sujeito do meu caderninho. Há também "estar casado", para significar manter um relacionamento sério.

Fonte: Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes (2009b, p.42)

Na página 82, apesar de não haver nenhuma atividade, destaca-se um recorte sobre a Língua Geral – Nheengatu. Trata-se de um fragmento retirado do *Diccionario da lingua geral do Brasil, que se fala em todas as villas, lugares, e aldeas deste vastissimo Estado, escrito na cidade do Pará, anno de 1771*, como mostra a ilustração:

DICIONÁRIO DA LÍNGUA GERAL DO BRASIL (1771)			
Português	Tupi	Português	Tupi
aba do chapéu	chapela ubaba	mesa, refeitório	Meza,maúcaba
beber	Kaú	moça, mulher	kunhã mueú
embebedar	kaú eté	moço	kurumim goaçu
cabaça	Kabaçú	mundo	ara
cabana	tujupaba, oca mirim	nação	abá
cabeça de águas	iapynong oçú	óculos	peçá oaruba
cabeça do corpo	Acanga	oratório	Tupana rupaba mirim
cabelo	Aba	ouvido	apiça
cabeleira	abuçú	paixão	py aib
dedo dos pés	py'acanga	palavra	Nneenga ecába
diminuir	momirim	palmeira	pindoba yba
demônio	anhangá, iurupari	queijo	camby antá
festa	ará moeté pyras,	remo	yapucuitába
flor	potyra	solitário, só	jecoáb eyma
fogo	tá ta	tio, irmão do avô e da avó	tamyia
fogueira	tatá tatá capypyra	vangloriar-se	jereroblias ojoecé
estalagem	oca tembiú meengaba	velha	guaiimim
está muito bem feito	catú etê	viver com gosto	jeó curyba pyterpe
menina	kunhâté; taina.	vossa mercê como está?	indé ndegoaçú catu jepé!
menino	pitanga, taina, mitanga	zunido	tyapú

Fonte: Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes (2009b, p.82)

Nas páginas 90, 91 e 92, no capítulo destinado ao trabalho com literatura, os estudos estão relacionados à crônica “Aquele folheto perdido”, de Rubem Braga, e trazem nas atividades termos que não são mais usuais na atualidade.

6 ■ Abaixo estão os trechos que Rubem Braga apresenta como transcrição do jornal antigo.

- ◆ “Aqui se encontra tudo do bom e do melhor, contanto que tragam os cobrinhos porque vales não se recebem cá.”
- ◆ “quanto aos afamados sorvetes de 320 réis, só haverão em noite de espetáculo, e isto quando não chover; e quem os quiser saborear nos camarotes deve prevenir com antecedência para não haver falta”.

◆ “estamos certos de que o governo não deixará de prestar a devida atenção”.

◆ “inventor da letra corrida comercial”.

◆ “Perdeu-se ou roubaram, na noite de 15 do corrente, a uma preta embriagada, uma trouxa de roupa suja, em que havia também uma panela de barro e um folheto.”

a ► Nestes trechos há palavras, expressões e construções linguísticas que não são mais utilizadas. Quais são?

6. a. Cobrinhos, vales não se recebem cá, réis, haverão, não haver falta, letra corrida

Fonte: Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes (2009b, p.91-92).

Para finalizar, no capítulo 7, nas páginas 182, 183 e 186, o texto que introduz a atividade que aborda o tema da variação histórica é de Affonso Romano de Sant’Ana, intitulado “Delicadas, as amizadas”, como segue o exemplo:

■ PENSANDO A LÍNGUA

■ Aprendendo mais sobre palavras

1 ■ No Texto 1, cuja história se passa numa época muito anterior à nossa, o autor usou palavras relativas a objetos que não se usam mais hoje ou modos de dizer que não são muito comuns hoje em dia. Veja nos trechos seguintes as palavras em destaque. Você conhece estas palavras? Diga o que elas significam.

- a) “Era um bonito rapaz, dos seus trinta anos, esbelto, elegante, sempre muito bem trajado, **sobrecasaca**, chapéu alto, botinas de bico finas, bengala de **castão** de prata, **pincenez** de ouro.”
- b) “[...] o Seabra, pai de Angelina, entrou em casa como uma bomba, **esbaforido**, carregado com muitos embrulhos, suando por todos os poros, e intimou a esposa e a filha (eram toda a sua família) a fazerem as malas.”

1.a.
Sobrecasa: Casaco masculino que era abotoado até à cintura, atingia a altura dos joelhos; **castão**: enfeite ou ornamento que arremata a parte superior das bengalas e bastões; **pincenez (=pincenê)**: palavra de origem francesa, indica óculos sem haste de uma ou duas lentes que se colocava sobre o nariz segurando-o com a mão, ou ao nariz por uma mola.
b.
esbaforido: apressado e com a respiração ofegante.

Fonte: Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes (2009b, p. 186)

4.1.1.2 Coleção “Diálogo”

A coleção **Diálogo**, no manual do 9º ano, não apresenta especificamente uma atividade sobre o tema, como mostra o quadro 2. O que se encontra no livro, nas páginas 115 e 128, são, respectivamente, dois quadros que poderiam ter sido aproveitados para o estudo da variação histórica, já que mencionam o tema, mas não o fazem. É o que pode ser observado nos excertos a seguir:

As palavras: suas origens e histórias

As palavras nascem, evoluem, transformam-se e, às vezes, desaparecem. A história de cada vocábulo está ligada à história do homem, de sua fala, evolução, crescimento e transformação.

Ainda hoje é possível encontrar palavras do português antigo usadas na linguagem cotidiana de algumas regiões do país. Veja algumas delas.

Palavra / pronúncia / expressão	Época original	Onde sobrevive
"Dá uma esmolna po' amor de Deus" ("esmola" já foi "eleemosyna", depois "esmolna")	Século XIII	Sul de Minas e interior de São Paulo
"Treiçom" e "treiçam" (traição), no sentido de surpresa (de repente)	Século XVIII	Goiás
"Demudar" (no lugar de "mudar")	Século XVIII	Minas Gerais, vale do Paraíba
"Pessuir" ou "pessuído" (possuir)	Século XVIII	Sul de Minas, São Paulo, Goiás, Mato Grosso e Nordeste
"Despois" (depois)	Uso culto nos séculos XV e XVI	Sul de Minas

Revista *Língua Portuguesa*, ano 1, n.º 1. São Paulo: Segmento, 2005.

Fonte: Beltrão e Gordilho (2009, p. 115)

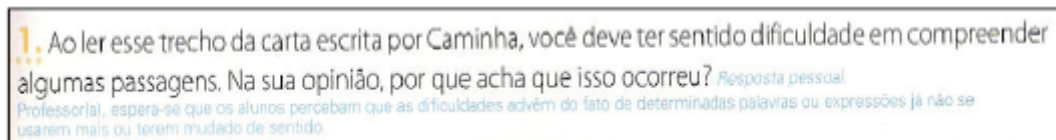
Criação de palavras

As múltiplas atividades dos falantes no cotidiano favorecem a criação de palavras para atender às necessidades sociais, culturais, profissionais etc. Essas palavras novas são chamadas de **neologismos**. Do lado oposto, encontram-se os **arcaísmos**, palavras e expressões que, por razões diversas, caíram em desuso em algumas comunidades e se mantêm em outras. O surgimento de novas palavras na língua é constante e ininterrupto, porque a todo momento surgem novos objetos, produtos, conceitos e ocupações que precisam ser nomeados, tais como: papel-alumínio; sapatênis; porta-celular etc.

Fonte de pesquisa:
Língua Especial: Etimologia.
São Paulo: Segmento.

4.1.1.3 Coleção “Língua Portuguesa – linguagem e interação”

Na coleção **Língua Portuguesa – linguagem e interação**, as atividades que abordam o tema sobre a variação histórica encontram-se nos manuais do 7º e do 9º ano. No manual do 7º ano, na unidade 8, com o título “Outras formas de cartas”, os autores trazem um trecho da carta que Pero Vaz de Caminha escreveu ao rei de Portugal na época do descobrimento do Brasil. A questão 1, da página 145 do livro, comenta a dificuldade em entender algumas passagens do texto, como se vê a seguir:



Fonte: Faraco, Moura e Maruxo JR., (2009a, p. 145).

Já no manual do 9º ano, na página 157, os autores propõem um estudo sobre a formação das palavras da língua portuguesa e, ao trabalhar os radicais, abordam a questão etimológica de alguns vocábulos. Neste caso, especificamente, o destaque é dado ao vocábulo ***formidável***.

Muitas vezes, o significado etimológico não é o mesmo do atual. Por exemplo: *formidável*, etimologicamente, significa “temível”, “terrível”. Hoje, significa “gigantesco”, “colossal”, “de grandes proporções”.

Fonte: Faraco, Moura e Maruxo JR., (2009b, p.157)

Na página 201, no estudo das palavras no contexto, os autores destacam alguns vocábulos que não são usuais atualmente.

1. Observe os trechos a seguir:

Trecho I

FREI (*off*) — Neste tempo se meteu com os holandeses um mancebo mestiço mui esforçado e atrevido chamado Calabar. E levou consigo uma mameluca chamada Bárbara e andava com ela amancebado.

Trecho II

BÁRBARA — Se fazeis questão de saber por que motivo me agrada aparecer diante de vós com uma roupa tão extravagante, eu vo-lo direi em seguida, se tiverdes a gentileza de me prestar atenção. Não a atenção que costumais prestar aos oradores sacros. Mas a que prestais aos charlatães, aos intrujões e aos bobos da rua.

a) Algumas palavras e expressões empregadas nesses dois trechos exemplificam uma linguagem que já não é usual atualmente. Tente indicá-las. Mancebo, mui, amancebado, vo-lo (em "vo-lo direi"), o uso da segunda pessoa do plural nas conjugações verbais.

b) Por que os autores fizeram uso dessas expressões e modos de dizer que já não se utilizam? Resposta pessoal. Professoral, espere-se que os alunos percebam que o uso de arcaísmos ajuda a construir, pela linguagem, a representação da época tratada na peça.

c) Tente reformular esses dois trechos utilizando expressões usuais hoje em dia. Resposta pessoal. Professoral, no trecho I, mancebo pode ser substituído por rapaz; amancebado por amigado; mui por muito. No trecho II, as formas da segunda pessoa do plural podem ser substituídas pelas formas da terceira pessoa, já que hoje o pronome vocês substitui a forma vós, então utilizada.

Fonte: Faraco, Moura e Maruxo JR., (2009b, p.201)

Nas páginas 210 e 211, no trabalho com a ortografia e pontuação, é apresentada uma imagem que reproduz um anúncio publicitário de 1908, a partir do qual algumas atividades abordam a questão da mudança da língua no decorrer do tempo.

1. Observe a imagem a seguir:

Nesta moderna officina typographica recentemente montada nesta cidade, executa-se com perfeição e nitidez todo e qualquer trabalho concernente a arte. Trabalhos á cores, bronziñhados a ouro ou a prata.

Essa imagem reproduz um anúncio publicado em um jornal de 1908. Se você observá-lo bem, poderá notar alguns detalhes interessantes. Leia-o com atenção.

Se esse mesmo anúncio fosse escrito hoje, o que mudaria? Respostas pessoais
 Professoral, faça os notar as grafias "officina", "typographica" e "á cores", que hoje seriam, respectivamente, "oficina", "tipográfica" e "a cores". Talvez a palavra bronziñhados gere alguns discussão. Nesse caso, comente com os alunos que, embora seja pouco usual, a grafia dessa palavra não mudou (denotação sufixal a partir de bronze + sufixo -lhan).

2. Do mesmo modo como certas palavras deixam de ser utilizadas (por exemplo, as formas "mui" e "vo-lo direi", que você assinalou no trecho da peça *Calabar*), a ortografia de algumas palavras vai, ao longo do tempo, sofrendo certas alterações. Essas alterações, que ocorrem de tempos em tempos, são determinadas por leis e acordos entre os países que utilizam uma língua comum. O objetivo dessas mudanças é, em geral, facilitar a escrita das palavras, eliminando sinais considerados desnecessários, ou adaptando a ortografia ao uso que os falantes da língua fazem dela.

Fonte: Faraco, Moura e Maruxo JR., (2009b, p. 210)

4.1.1.4 Coleção "Linguagem – criação e interação"

Na coleção **Linguagem – criação e interação**, o manual do 9º ano, na página 63 e 64, traz explicitamente um espaço dedicado ao estudo da variação histórica. O título de introdução do estudo é destacado e muito específico, como pode ser observado:



Fonte: Souza e Cavéquia (2009b, p.63)

Para este capítulo, as autoras trazem anúncios publicitários das décadas de 1910 e 1920, o texto *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade, e algumas questões relacionadas à forma da linguagem empregada na época de sua produção.

1 Observe, a seguir, alguns anúncios publicitários das décadas de 1910 e 1920.

Biblioteca Municipal Manoel de Andrade, São Paulo

Revista Fon-Fon!,
11/06/1910.

Museu de Arte de São Paulo, São Paulo

Cartaz, 1918.

Fundação Cultural de Curitiba, Casa Romário Martins

Catálogo da Fábrica Lucinda, Curitiba, 1920.

Fundação Cultural de Curitiba, Casa Romário Martins

Rótulo de barricas, ano 1920.

Identifique, nos anúncios acima, as palavras escritas de maneira diferente da que utilizamos. Reescreva-as no caderno em sua forma atual.

Ver sugestão de respostas nas **Orientações ao Professor**, em *Respostas das atividades*.

Fonte: Souza e Cavéquia (2009b, p.63)

- 2 Ainda com relação à variação histórica da língua, existem palavras e expressões usadas em determinado período e que, com o passar do tempo, entram em desuso. O texto a seguir mostra um exemplo disso.

Antigamente

Antigamente, as moças chamavam-se *mademoiselles* e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da forca, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesse entrementes, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. Encontravam alguém que lhes passava manta e azulava, dando às de Vila-Diogo. Os mais idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, e mais tarde ao cinematógrafo, chupando balas de alteia. Ou sonhavam em andar de aeroplano; os quais, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas, e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n'água.

Havia os que tomaram chá em criança, e, ao visitarem família da maior consideração, sabiam cuspir dentro da escarradeira. Se mandavam seus respeitos a alguém, o portador garantia-lhes: “Farei presente”. Outros, ao cruzarem com um sacerdote, tiravam o chapéu, exclamando: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”; ao que o Reverendíssimo correspondia: “Para sempre seja louvado”. E os eruditos, se alguém espirrava — sinal de defluxo — eram impelidos a exortar: “*Dominus tecum*”.

Embora sem saber da missa a metade, os presunçosos queriam ensinar padre-nosso ao vigário, e com isso punham a mão em cumbuca. Era natural que com eles se perdesse a tramontana. A pessoa cheia de melindres ficava sentida com a desfeita que lhe faziam, quando, por exemplo, insinuavam que seu filho era artioso. Verdade seja que às vezes os meninos eram mesmo encapetados; chegavam a pitar escondido, atrás da igreja. As meninas, não: verdadeiros cromos, umas teteias.



Elvira del Vecchio Atravallhas.
São Paulo. Coleção particular

“Antigamente”. In: *Caminhos de João Brandão*, de Carlos Drummond de Andrade. Record: Rio de Janeiro.
Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond.
www.carlosdrummond.com.br

Responda no caderno:

Ver sugestão de respostas nas **Orientações ao Professor**, em *Respostas das atividades*.

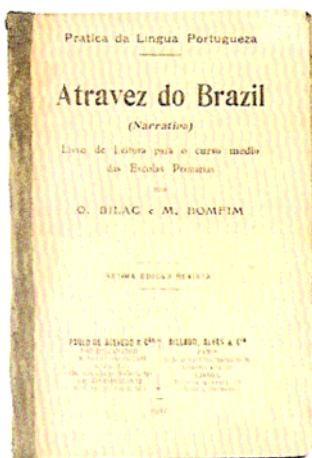
a) Em sua opinião, qual a intenção do autor ao elaborar esse texto?

b) Junte-se a mais quatro colegas e identifiquem no texto as palavras e expressões que vocês consideram pouco utilizadas hoje. Verifiquem quais delas vocês desconhecem o sentido e procurem chegar a uma conclusão a respeito de seu significado. Procurem também indicar formas atuais correspondentes a elas.

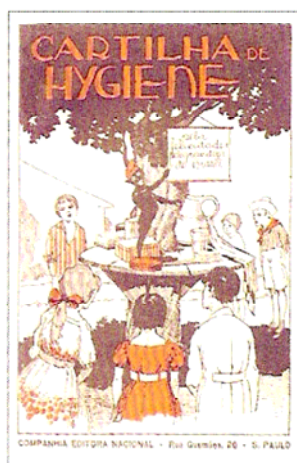
4.1.1.5 Coleção “Para viver juntos – português”

Quanto à coleção **Para viver juntos – português**, o estudo que se faz sobre a variação histórica é apresentado nos manuais do 6º e do 9º ano. O manual do 6º ano aborda o tema ao introduzir o estudo sobre letra e fonema com capas de livros do começo do século XX.

1 Observe a capa de livros escolares do começo do século XX.



Manoel Bomfim e Olavo Bilac. *Atravez do Brazil*: livro de leitura para o curso medio das escolas primarias. Pratica da lingua portuguesa. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1921.



A. de Almeida Júnior. *Cartilha de hygiene*: para uzo das escolas primarias. 10. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928.

- a) Qual é o título e o assunto de cada um dos livros? *Atravez do Brazil e Cartilha de Hygiene. O primeiro trata da História do Brasil e o segundo, dos cuidados com a hygiene.*
- b) Copie as palavras dos títulos que chamaram sua atenção. *Atravez, Brazil e hygiene.*
- c) Por que essas palavras chamaram sua atenção? *1c*
- d) Por qual motivo elas foram escritas dessa forma? *1d*
- e) Como você as escreveria utilizando a grafia atual? *Atraves, Brasil e hygiene.*

1c Porque essas palavras têm uma grafia diferente da utilizada atualmente.

1d Porque antigamente as regras ortográficas eram diferentes das atuais.

Fonte: Costa, Marchetti e Soares (2009, p. 41)

Já no manual do 9º ano, nas páginas 174 e 175, há um capítulo relacionado à oralidade que traz especificamente o estudo da variação histórica. Os autores trabalham com textos antigos para análise da ortografia.

Variação linguística: variedades históricas

D O texto a seguir foi tirado de um auto, um tipo de representação dramática. Nesta cena, um rico mercador chamado Todo o Mundo conversa com um homem pobre chamado Ninguém. Sem serem percebidos, dois demônios, Belzebu e Dinato, escutam a conversa. As falas das personagens foram escritas em versos. Leia-as observando a ironia do texto.



[...]

Ninguém: Como hás nome, cavaleiro?

Todo o Mundo: Eu hei nome Todo o Mundo e meu tempo todo inteiro sempre é buscar dinheiro e sempre nisto me fundo.

Ninguém: Eu hei nome Ninguém, e busco a consciência.

Belzebu: Esta é boa experiência: Dinato, escreve isto bem.

Dinato: Que escreverei, companheiro?

Belzebu: Que Ninguém busca consciência e Todo o Mundo dinheiro.

[...]

Todo o Mundo: E mais queria o paraíso, sem mo ninguém estorvar.

Ninguém: E eu ponho-me a pagar quanto devo para isso.

Belzebu: Escreve com muito aviso.

Dinato: Que escreverei?

Belzebu: Escreve

que Todo o Mundo quer paraíso e Ninguém paga o que deve.

Todo o Mundo: Folgo muito d'enganar, e mentir nasceu comigo.

Ninguém: Eu sempre verdade digo sem nunca me desviar.

Belzebu: Ora escreve lá, compadre, não sejas tu preguiçoso.

Dinato: Quê?

Belzebu: Que Todo o Mundo é mentiroso, e Ninguém diz a verdade.

[...]

Gil Vicente. *Auto da Lusitânia*. Apud: Massaud Moisés. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1997.

GLOSSÁRIO

Fundar-se: basear-se, ter como princípio.

- 1c Possibilidades: Como é seu nome, cavaleiro?/Como você se chama?/ Como o senhor se chama?
- a) A primeira fala de Ninguém é uma pergunta. O que essa personagem quer saber? Ele quer saber como é o nome de Todo o Mundo.
- b) Leia a resposta de Todo o Mundo. O que quer dizer *hei nome*? Literalmente, é "tenho nome", mas quer dizer "me chamo", "sou chamado".
- c) Esse auto foi escrito em 1532, em Portugal. Hoje em dia, de que formas uma pessoa poderia fazer a mesma pergunta feita por Ninguém no primeiro verso? 1c

Fonte: Marchetti, Strecker e Cleto (2009, p. 174)

Nas páginas 240 e 241, ainda relacionadas à oralidade, o estudo que se faz é sobre as gírias. O destaque está para as questões 2b e 2c, por trabalharem atividades diretamente relacionadas à mudança semântica da palavra "galera". Como explicitada pela atividade do manual, em outra época esse termo tinha a significação de "antiga embarcação de guerra" e, hoje, é um vocábulo usado para designar "roda de amigos, grupo". É o que pode ser observado nos excertos a seguir:

- b) A palavra *galera* tem outros sentidos. Pesquise-os no dicionário. **2b**
- c) Qual das opções abaixo explica o surgimento da gíria *galera*?
- Palavra já existente que passa a ser usada com um sentido novo.
 - Palavra nova, inventada para traduzir um sentido específico.
- Palavra já existente que passa a ser usada com um sentido novo.

Fonte: Marchetti, Strecker e Cleto (2009, p. 240)

2b 1. Antiga embarcação de guerra. 2. Navio de vela. 3. Forno de fundição. 4. Carroça para transporte de bombeiros em serviço de incêndio.

Fonte: Marchetti, Strecker e Cleto (2009, p. 240)

4.1.1.6 Coleção “Português – a arte da palavra”

Em relação à coleção **Português – a arte da palavra**, o manual do 6º ano traz algumas atividades que abordam o tema da variação histórica. Nas páginas 76 e 77, com o foco na escrita, os autores trabalham com um anúncio publicitário datado de 1889 e discorrem sobre a questão da ortografia da época e acordo ortográfico.

Falar e escrever

1. Leia o anúncio ao lado, publicado no jornal *A Província de São Paulo* em 1889.

2. Você notou que algumas palavras estão escritas de forma diferente da que se usa atualmente. Com a ajuda do dicionário, reescreva o anúncio em seu caderno, escrevendo as palavras como se faz hoje.

Podemos ver que desde 1889 até hoje, a maneira de escrever as palavras mudou bastante. Isso acontece porque tudo na língua é dinâmico, ou seja, está em permanente transformação, de acordo com o uso que dela fazem os falantes. Com a escrita não é diferente. Ao longo da formação da língua portuguesa as palavras vão mudando – entram e saem novos sons, muda-se a maneira de pronunciar-las e mesmo o seu significado – e a maneira de escrever as palavras também.

Diante dessas transformações em cada período se busca uniformizar a escrita. Mas por que isso é necessário? Será que não poderíamos escrever cada um à sua maneira, usando as letras que bem entendêssemos?

Algumas situações práticas do cotidiano já nos mostram que não. Como seria possível procurar um nome na lista telefônica ou pesquisar num dicionário ou numa enciclopédia se as palavras não seguissem uma regra para serem escritas? Apesar de não atentarmos para isso, a utilidade e a necessidade de um acordo sobre o modo de grafar as palavras é evidente em nosso dia a dia.

Vamos imaginar uma situação. Você está fora de casa e precisa usar o banheiro. Entra em uma lanchonete, o balconista aponta onde ficam os banheiros e ao chegar lá você vê duas portas, cada uma com uma placa: numa está pendurada uma placa verde, noutra uma placa amarela. E agora? Qual é o banheiro feminino e qual é o masculino?

O GRANDE REMEDIO ALLEMÃO.
PARA CURAR COM PROMPTIDÃO
O RHEUMATISMO,
NEURALGIA, GOTA,
SCIÁTICA E DOR NAS COSTAS,
QUINQUANIAS, INFLUAÇÕES,
DORES
da Garganta, do Cabeço, Dentas e Ovidos
DELOCAÇÕES E CONTUSÕES
e todas.

Toda a especie de Dores e Pontadas.
À venda em todas as Boticas e Pharmacias
Do Brasil. Fabricado por
A. VOGELER & CIA.,
BALTIMORE, Md., E. U. A.

DEPÓSITO
8 A. RUA DA CANDEIARIA, 8 A
W. R. CASSELS & C.
RIO DE JANEIRO
180—10

A Província de São Paulo, 12/11/1889

76

Fonte: Oliveira, Rodrigues e Campos (2009a, p. 76)

Essa dúvida ocorre porque o dono da lanchonete não seguiu um acordo, ou código, amplamente compartilhado para diferenciar banheiros: placas com os dizeres "masculino" e "feminino" ou "homens" e "mulheres" ou com desenhos de um homem e de uma mulher ou uma cartola e uma flor ou o que quer que seja que indique a diferenciação. Ao adotar um signo novo, que ninguém conhece, o dono da lanchonete fracassou em sua intenção de comunicação.

Guardadas as diferenças, quanto à ortografia algo semelhante acontece. Devido ao grande volume de textos escritos a que somos expostos, que temos que ler e escrever e que circulam na sociedade, é preciso um acordo sobre como escrever as palavras, para não criar uma tremenda confusão ou até mesmo impedir a comunicação.

Até o século XVI a grafia das palavras era extremamente influenciada pela pronúncia, pois não havia um consenso sobre como escrevê-las. Isso levava a uma grande variedade de grafias para a mesma palavra.

Entre o século XVI e o começo do século XX, o costume era escrever as palavras de acordo com sua suposta origem. São dessa época formas como *pharmacia*, *chimica*, *theologia*.

No começo do século XX iniciou-se a procura por um sistema que uniformizasse a escrita das palavras em Portugal e no Brasil.

Em 2009 entrou em vigor um novo Acordo Ortográfico, que busca uniformizar a ortografia entre os países de língua portuguesa.

Ortografia é um conjunto de regras que determina a maneira correta de escrever as palavras de acordo com a site padrão.

O sistema ortográfico envolve uma espécie de pacto que os usuários da língua fazem para escrever as palavras da mesma forma. O melhor jeito de aprender ortografia é ler e escrever. Durante a leitura, aprendemos, pela repetição, a forma de escrever as palavras. Na escrita, procuramos reproduzir essas formas. Assim nossa memória vai sendo treinada e vamos dominando a ortografia de um número cada vez maior de palavras.

Além do trabalho com a leitura e a escrita, devemos nos familiarizar com alguns padrões que orientam a ortografia das palavras.

Neste livro, a cada capítulo, vamos apresentar alguns desses padrões, para que você saiba como escrever da maneira que é convencional.

3. Como dissemos, a forma de escrever as palavras também varia, de acordo com a situação de comunicação.

a. Você lembra de situações em que intencionalmente não se atende às regras ortográficas? Traga exemplos.

b. Já em outras situações ficamos atentos para seguir as convenções ortográficas. Dê exemplos de situações em que tomamos cuidado com a grafia correta das palavras.

2
Óleo de São Jacob.
O grande remédio alemão para curar com prontidão o reumatismo, neuralgia, gota, ciática e dor nas costas, queimaduras, inchações; dores da garganta, de cabeça, dentes e ouvidos, deslocações e contusões e também toda a espécie de dores e pontadas. À venda em todas as boticas e farmácias do Brasil.

3a. Resposta pessoal. Exemplos: MSN e e-mail; torpedo; telegrama; nomes de lojas; nomes de produtos.

3b. Resposta pessoal. Exemplos: em provas preenchendo documentos endereçando cartas

Você Sabia?
Com a entrada em vigor do atual Acordo Ortográfico, em 2009, Portugal, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor Leste avançaram no sentido de se uniformizar a ortografia da língua portuguesa. Pelo Acordo, saíram de cena o trema (aqueles dois pontinhos que iam sobre a letra "u" de algumas palavras, como "freqüente") e alguns acentos. Como é enorme a quantidade de livros e textos publicados antes de sua entrada em vigor, você ainda vai ver muitas vezes palavras como "idéia", "freqüente", "línguïça" e outras escritas na forma anterior ao Acordo.

77

Fonte: Oliveira, Rodrigues e Campos (2009a, p. 77)

Na página 133, observa-se o comentário dado aos pronomes *você* e *tu*, como segue na ilustração:

O você e o tu

Um pronome que merece atenção é o *você*. Antigamente, usava-se a forma *Vossa Mercê*, que com o tempo passou para *vosmecê*, *vancê* até chegar ao atual *você*.

Apesar de designar a 2ª pessoa do discurso (com quem se fala), o "você", devido à sua origem, faz parte dos pronomes de tratamento, que gramaticalmente são de 3ª pessoa.

Podemos observar isso na conjugação dos verbos. Na frase "depois você me conta", o verbo "contar" está conjugado na 3ª pessoa, da mesma forma que na frase "depois ele me conta".

Atualmente, conforme a região do país, usa-se "tu" ou "você" para se dirigir ao interlocutor. Na língua falada observa-se, ainda, o uso simultâneo dos dois pronomes, em frases como: "se eu te contar, você não acredita". Na língua escrita, segundo a norma-padrão, é preciso optar por uma das formas: "se eu te contar, tu não acreditas" ou "se eu lhe contar, você não acredita".

Língua em Uso

Fonte: Oliveira, Rodrigues e Campos (2009a, p.133)

4.1.1.7 Coleção “Português – ideias e linguagens”

Na coleção **Português – ideias e linguagens**, o manual do 6º ano apresenta um capítulo específico sobre variação histórica. As páginas 30 e 31 trazem estudos sobre letra e fonema e questões de ortografia de épocas passadas.

Estudo da Língua:
Reflexão e uso

LETRA E FONEMA

Você se recorda que, nos primeiros textos da Unidade, falamos sobre como a representação dos **sons**, em vez da representação de palavras ou sílabas, contribuiu para simplificar e difundir a escrita? Vamos agora ver um pouco melhor em que consiste essa representação de sons por letras.

Seria interessante realizar este trabalho em grupos.

O nosso **alfabeto** é composto de 26 letras, cada uma delas com uma forma minúscula e outra maiúscula:

Alfabeto: Conjunto ordenado de letras de uma língua.

a	A	(á)	j	J	(jota)	s	S	(esse)
b	B	(bê)	k	K	(cá)	t	T	(tê)
c	C	(cê)	l	L	(ele)	u	U	(u)
d	D	(dê)	m	M	(eme)	v	V	(vê)
e	E	(é)	n	N	(ene)	w	W	(dáblio)
f	F	(efe)	o	O	(o)	x	X	(xis)
g	G	(gê)	p	P	(pê)	y	Y	(ípsilon)
h	H	(agá)	q	Q	(quê)	z	Z	(zê)
i	I	(i)	r	R	(erre)			

Observação: Os nomes das letras acima sugeridos não excluem outras formas de designá-las. Em algumas regiões do país, por exemplo, F é chamado de FÊ; L de LÊ...

Será que temos apenas 26 sons em nossa língua?

1. Observe, no quadro acima, as **vogais**.

a) Quais delas aparecem no selo reproduzido abaixo, impresso por volta de 1885? Todas elas: a, e, i, o, u.
A livraria Garnier, nele referida, foi uma das primeiras editoras importantes a se instalar no Brasil, em 1844.

LIVRARIA DE B. L. GARNIER
71, rua do Ouvidor, 71

Grande sortimento de Livros classicos.
**Medicina, Sciencias e Artes, Jurisprudencia,
Litteratura, Novellas, Illustrações, Educaçãõ,
Devoção, Atlas, Mappas geographicos, etc., etc.**

*Livros francezes, portuguezes, inglezes, italianos, etc.,
Encarregã-se de qualquer commissão de Livros.*

RIO DE JANEIRO

(Momentos do livro no Brasil. São Paulo, Ática, 1995. p. 17.)

b) Elas aparecem representando apenas cinco sons vocálicos? Dê exemplos.

Fazer com a classe uma das vogais. Depois, deixar que continuem em duplas: a = /ã/ (grande), /â/ (clássicos); e = ê (medicina), /é/ (novela), /ê/ (ciência); i = /i/ (livros), /î/ (ingleses); o = /ô/ (sortimento); u = u (ilustrações). Lembrar que também o u poderia representar som nasal: untar, por exemplo.

2. Observe agora estas palavras, retiradas do texto da página anterior.

Chamar a atenção dos alunos para o fato de a proparoxitona (clássicos) aparecer sem o acento no texto publicado no final do século XIX.

educação – clássicos – medicina

Que som as letras destacadas representam? Todas representam o mesmo som /S/.

3. Releia suas respostas nas questões anteriores. Tente responder, agora, à pergunta feita anteriormente: Será que temos apenas 26 sons em nossa língua? Justifique.

Não, temos muitos mais, pois é possível representar vários sons por meio de uma única letra.

4. Retome o texto e verifique:

a) Quantas palavras grafadas de forma diferente da que aparece hoje nos dicionários você encontra? Faça sua relação e depois compare-a com a de seus colegas.

clássicos, sciencias, jurisprudencia, litteratura, novellas, illustrações, mappas, geographicos, francezes, portuguezes, inglezes, commissão

b) Que tipo de diferença vocês encontraram?

De acentuação e de grafia (letras dobradas que desapareceram, sons /ff/, /z/) grafados de outra forma).

c) Vocês observaram como foram grafados os sons /z/ e /f/?

/f/ grafado com ph e o /z/, em palavras que hoje são grafadas com s, com z (francezes, inglezes, portuguezes)

d) Releia suas respostas em todas as questões anteriores desta seção. O que você observa agora em relação à representação dos sons por letras?

Observa-se que um mesmo som pode ser representado de maneiras diferentes ao longo do tempo, mesmo dentro de uma mesma língua.

5. Observe agora o trecho de uma carta escrita em Portugal, em 1920.

“Na sua carta é injusta para commigo, mas comprehendo e desculpo; de certo a escreveu com magua, mas a maioria da gente — homens e mulheres — escreveria em termos ainda mais injustos. Mas a Ophelinha tem um feitio optimo e mesmo a sua irritação não consegue ter maldade... Da minha parte, ao menos, fica uma estima profunda, uma amizade inalteravel.”

(Fernando Pessoa. *Cartas de amor*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1998.)

a) Há, nesse texto de 1920, palavras com grafia diversa daquela hoje adotada? Dê exemplos.

Sim: commigo, comprehendo, magua, Ophelinha, optimo, amizade, inalteravel.

b) Identifique, no caderno, as afirmações que considerar verdadeiras:

- ✗ O português não foi escrito sempre da mesma forma em diferentes épocas.
- ✗ “Ophelinha” e “amizade” são exemplos de que um mesmo som pode ser grafado de formas diferentes em diversos momentos históricos.
- “optimo”, “inalteravel”, “injustos” são exemplos de palavras que hoje recebem acento.
- ✗ A palavra “magua” teve ortografia e acentuação modificadas.

Só as duas primeiras: ótimo e inalterável.

Sim: magoa.

6. Observe agora:

casa – exame – amizade – resíduo – exílio – zebra – buzina

a) Essas palavras estão de acordo com a grafia considerada correta hoje? Sim.

b) Em todas as palavras as letras destacadas têm um mesmo som? Qual? Sim, som de /z/.

Ainda que numa mesma época, as palavras que contêm um mesmo som podem ter esse som grafado com diferentes letras.

c) O que você pode concluir das observações anteriores?

As unidades sonoras capazes de estabelecer diferença de significado são chamadas de **fonemas**. Em calo/caro, bola/rola, mato/rato, por exemplo, com apenas uma troca de fonema temos outra palavra. A representação escrita desses fonemas é chamada de **letra**.

Ver sugestão de leitura sobre fonemas no Manual do Professor (trecho de *Emília no País da Gramática*, de Monteiro Lobato.)

Da página 42 até a 45 está o capítulo intitulado “A língua e suas variedades”, que se dedica ao estudo da mudança da língua no tempo e aborda questões relacionadas a esse tipo de variação. Além do título, os autores trazem para a análise um trecho da crônica de Carlos Drummond de Andrade. Há, ainda, nas páginas 104 e 105, um projeto dedicado ao estudo da variação da língua no tempo e no espaço, que tem como objetivo a elaboração de um dicionário de diferenças regionais e temporais.

Variação da língua no tempo

Vamos ler agora um trecho de **Antigamente**, crônica escrita por Carlos Drummond de Andrade a partir de expressões populares muito usadas “antigamente”, mas hoje em desuso. Converse com seus pais, avós e pessoas idosas que conhece e tente descobrir o significado das expressões que destacamos no texto a seguir.

Fonte: Delmanto e Castro (2009a, p. 43)

Antigamente (II)

Antigamente, os **pirralhos dobravam a língua** diante dos pais, e se um se esquecia de **arear os dentes** antes de **cair nos braços de Morfeu**, era capaz de **entrar no couro**. Não devia também se esquecer de lavar os pés, **sem tugir nem mugir**. Nada de bater na cacunda do padrinho, nem de **debicar** os mais velhos, pois levava **tunda**. Ainda cedinho, aguava as plantas, ia ao **corte** e logo voltava aos **penates**. Não ficava **mangando** na rua nem **escapulua** do mestre, mesmo que não entendesse **patavina** da instrução moral e cívica. O verdadeiro *smart* calçava botina de botões para comparecer todo **liró** ao **copo-d'água**, se bem que no **convescote** apenas lambiscasse, para evitar flatos. Os **bilontras** é que eram um precipício, **jogando com pau de dois bicos**, pelo que carecia muita cautela e caldo de galinha. O melhor era **pôr as barbas de molho** diante de um **treteiro** de topete: depois de **fintar** e **engambelar os coiós**, e antes que se **pusesse tudo em pratos limpos**, ele **abria o arco**. O diacho eram os **filhos da Candinha**: quem somava a **candongas** acabava na rua da **amargura**, lá encontrando, **encafifada**, muita gente **na embira**, que não tinha nem para **matar o bicho**; por exemplo, o **mão de defunto**.

Bom era **ter costas quentes**, **dar as cartas** com a faca e o queijo na mão; melhor ainda, ter uma caixinha de pós de perlimpimpim, pois isso evitava de **levar a lata**, ficar na **pindaíba** ou **espichar a canela** antes que Deus fosse servido. Qualquer um acabava **enjerizado** se lhe **chegavam a urtiga ao nariz**, ou se o **faziam de gato-sapato**. Mas que **regalo**, receber de graça, no dia-de-reis, um **capado!** Ganhar **vidro de cheiro marca barbante**, isso não: a mocinha **dava o cavaco**. Às vezes, **sem tir-te nem guar-te**, aparecia um doutor **pomada**, todo **cheio de nove-horas**. (...)

Mas **até aí morreu o Neves**, e não foi no Dia de São Nunca de tarde: foi vítima de **pertinaz enfermidade** que zombou de todos os recursos da ciência, e acreditam que a família nem sequer **botou fumo** no chapéu?

(Carlos Drummond de Andrade. *Caminhos de João Brandão*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2002.)
© Graña Drummond – www.carlosdrummond.com.br

Fonte: Delmanto e Castro (2009a, p. 44)

1. Converse com pessoas mais velhas e relacione palavras e expressões que, como as que aparecem na crônica, não são mais usadas hoje em dia. Não se esqueça de anotar o significado de cada uma. Traga o resultado de sua pesquisa, apresente-o aos colegas e complete a sua relação com dados trazidos pela classe.

Fonte: Delmanto e Castro (2009a, p. 45)

Já no manual do 9º ano, na página 187, o trabalho é propor aos alunos um desafio relacionado ao estudo das gírias usadas por eles e pelos seus avós.

Gírias

Como você já viu anteriormente, **gírias** são palavras ou expressões utilizadas por um grupo de pessoas, em determinada época, de determinada região, profissão, classe social... O que caracteriza de modo especial essa variedade linguística é seu caráter passageiro e restrito. Dificilmente as gírias são entendidas por pessoas de outros grupos ou de outras gerações. Por exemplo, você praticamente não conhece as gírias do tempo de seus avós e eles dificilmente entendem as utilizadas pelos adolescentes de hoje.

Como você confirmará pelas atividades que faremos agora, a gíria cria significados novos, ainda que restritos e passageiros, para palavras que existem no idioma.

Desafio

1. Vamos fazer um teste? Verifique quais das gírias e expressões antigas abaixo você conhece e escreva o significado no caderno.

Veja um exemplo:

batuta: algo ou alguém legal.

cafundéu do Judas ou cafundó do Judas
quinto dos infernos
tempo do onça
patavinas
bolhufas
tirar as barbas de molho
botar as barbas de molho
serelepe
matar cachorro a grito
dose pra (elefante, leão)
chorumelas
fedelho
botar a boca no trombone
onde fui amarrar meu bode?
joinha
levada da breca
prafrentex

1) Muito longe. Semelhante a: "Onde Judas perdeu as botas", "Onde o vento faz a curva". / Lugar muito longe. O mesmo que "Onde o diabo perdeu as botas". / Algo muito antigo. / Nada ("não entendi patavinas"). O mesmo que "porcaria nenhuma", "nadica de nada", "necas de pitibiriba". / idem / Expressão dita para alguém que está há muito tempo parado: mexa-se! / Sossegar, parar definitivamente, aposentar-se, preparar-se para o que irá acontecer. / Agitado, esperto, alegrioso. / Estar desesperado, em uma situação muito difícil. / Algo difícil de fazer ou de suportar. O mesmo que "É fogo!". / Choro desnecessário, inventado, frescura. / Criança, alguém que "mal saiu das fraídas", pessoa infantil. / Fazer escarcéu, reclamar. / Expressão usada para mostrar arrependimento por algo. / Equivalente a "tudo bem". / Garota muito travessa. / Algo ou alguém moderno, avançado.

2. Que tal, agora, fazer uma lista de gírias utilizadas pela "galera"? Depois de pronta a lista, apresente-a a uma pessoa de mais idade para saber quais dessas expressões ela conhece. Comente os resultados com os colegas.

Fonte: Delmanto e Castro (2009b, p. 187)

4.1.1.8 Coleção “Português – uma proposta para o letramento”

No que se refere à coleção **Português – uma proposta para o letramento**, no manual do 7º ano, entre a página 68 e 71, a autora traz para discussão o texto *Nada de radicalismos*, de Sergio Nogueira Duarte, que trata a questão das línguas vivas e mortas. Nas páginas 104 a 106, apesar de não oferecer um capítulo com título específico sobre a variação histórica, observa-se a preocupação da autora em destacar este tipo de estudo. Nas atividades sobre vocabulário, Soares (2002a) propõe um trabalho com as palavras sinônimas do verbete *obsoleto* e com um fragmento da crônica de Carlos Drummond de Andrade.

VOCABULÁRIO
O objetivo é levar o aluno a perceber a **diferença** de sentido entre palavras ditas sinônimas, concluindo que sinônimos não expressam exatamente a mesma ideia, e desenvolver a habilidade de interpretar e usar as palavras com acuidade e precisão. Um segundo objetivo, propiciado pelos exemplos apresentados no verbete, é levar os alunos a conhecer a variação no uso da língua (neste caso, variações no léxico): dependendo de fatores históricos palavras que deixam de ser usadas, que caem em desuso, que são substituídas por outras.

Sugestão: Se houver disponível na biblioteca da escola ou na do professor um dicionário de sinônimos, será interessante mostrá-lo aos alunos, levando-os a compará-lo com um dicionário “geral”: se isso não for possível, levar os alunos a comparar a forma de apresentação dos verbetes estudados na unidade anterior (p. 13, 27 e 29) com a forma de apresentação do verbete reproduzido nesta atividade.

b. Resposta pessoal. Alhures: noutro lugar, noutra parte — Ele não está aqui, deve estar alhures. Maxambomba: o dicionário *Aurélio* apresenta quatro acepções; a mais difundida é veículo desconjuntado e velho, calhambeque.

Veja como são esclarecidas, num **dicionário de sinônimos**, as diferenças entre elas:

Antiquado, arcaico, desusado, obsoleto —
Antiquado é o que, além de antigo, saiu do uso geral, não obstante poder ser ainda usado pelos que gostam de velharias. *Arcaico* é o muito antigo. *Desusado* é o que saiu do uso geral, podendo ser antigo ou podendo até pouco tempo ter sido moderno. *Obsoleto* é antiquado, proscrito, excluído, substituído por outro preferível. O vocábulo *alhures* é antiquado. O vocábulo *samicas* é arcaico. O vocábulo *maxambomba* é desusado. O vocábulo *viso-rei* é obsoleto e foi substituído por *vice-rei*.

Dicionários de sinônimos apresentam não o significado de uma palavra, como os *dicionários gerais*; eles reúnem num verbete palavras que têm sentido aproximado. Alguns dicionários de sinônimos esclarecem a diferença de sentido entre os sinônimos, como no exemplo ao lado.

Antenor Nascentes, *Dicionário de sinônimos*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 85-86.

① Analise os exemplos dados no verbete:

a. O vocábulo *samicas* não é encontrado nos dicionários atuais; *samicas*, nos dicionários antigos, é definido como “homem pobre de espírito, maricas”.

- Por que *samicas* é um vocábulo *arcaico*?
Porque é muito antigo, já não é mais usado.

b. Vocábulo *antiquados* e *desusados* são, em geral, ainda encontrados nos dicionários atuais.

- Procure num dicionário e escreva, em seu caderno, o significado de *alhures*, vocábulo *antiquado*, e de *maxambomba*, vocábulo *desusado*. Construa uma frase com cada um desses vocábulos.

② Os exemplos dados no verbete mostram que a língua envelhece: há palavras e expressões que se usavam antigamente, hoje não são mais usadas, ou só são usadas “pelos que gostam de velharias”, como diz o verbete.

- ♦ Leia, na página seguinte, o início de uma crônica em que o grande poeta e escritor brasileiro *Carlos Drummond de Andrade* lembra palavras, expressões e modos de falar de antigamente:

Fonte: Soares (2002a, p.105).

Antigamente

Antigamente, as moças chamavam-se *mademoiselles* e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaios. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia.



Caminhos de João Brandão. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 110.

- a. Pesquise, consultando dicionários ou perguntando a pessoas idosas, o significado das palavras e expressões de antigamente que aparecem nesse texto e que você não conhece; escreva os significados em seu caderno. *Resposta pessoal. As palavras e expressões antigas do texto são ainda encontradas em dicionários modernos.*
- b. Para algumas palavras e expressões do texto, à sua escolha, escreva as palavras e expressões correspondentes no modo de falar de hoje. *Resposta pessoal.*

Fonte: Soares (2002a, p.106)

Em relação ao manual do 8º ano, nas páginas 61 e 62, no espaço dedicado à reflexão sobre a língua, as atividades referem-se ao estudo de expressões usadas por jovens e pessoas mais velhas.



Fonte: Soares (2002b, p. 61)



4.1.1.9 Coleção “Português – linguagens”

Na coleção **Português – linguagens**, os manuais do 6º e do 9º ano abordam o tema relacionado à variação temporal da língua. Na página 47 do manual do 6º ano, as atividades estão relacionadas ao estudo das gírias atuais e antigas; já na página 191, há um estudo sobre o pronome de tratamento *você* e *vossa mercê*. Como se observa nos seguintes excertos:

Gírias atuais e antigas

Atuais

alugar: pegar como vítima; perseguir alguém; zombar.
sem maldade: sem ofensa, sem preconceito.
paga-pau: aquele que admira as coisas dos outros; puxa-saco.
chegado: amigo.
antenido: ligado, atento às coisas atuais.
balada: festa.
irado: muito bom.
rolo: namoro sem compromisso.


Antigas

botar pra quebrar: agitar.
broto: garoto(a) novinho(a) ou bonito(a).
bacana: interessante.
é batata: é certeza.
supimpa: bom, interessante.
patota: turma de amigos.
papo-firme: alguém que é bom de conversa ou com quem se pode contar.

Fonte: Cereja e Magalhães (2009a, p. 47)

**Você é
Vossa Mercê?**

A língua sempre tende à economia e à simplificação. Antigamente, empregava-se *Vossa Mercê* como forma de demonstrar respeito ao interlocutor. Com o tempo, o pronome popularmente se transformou em *vosmecê*, posteriormente em *vancê*, até chegar à forma atual: *você*. E hoje já se começa a ouvir a forma simplificada *cê*. Em novelas e filmes que retratam o século XVI ou XVII, como *Desmundo*, é frequente as pessoas se tratarem por *vosmecê*.




Dir. Alain Fresco/Story

Fonte: Cereja e Magalhães (2009a, p. 47)

Já no manual do 9º ano, na página 156, há apenas algumas atividades relacionadas à etimologia da palavra *salário*, como se observa a seguir:

Leia o poema a seguir, de José Paulo Paes, e responda às questões de 1 a 3.

Etimologia
no suor do rosto
o gosto
do nosso pão diário
sal: salário
(Cp. cit., p. 156.)



1. Veja o que o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* informa sobre a origem da palavra **salário**:

salarium: quantia dada aos soldados para comprarem o sal; donde soldo, salário, ordenado, emolumentos.

Sabendo-se que a **etimologia** é o estudo da origem e da evolução das palavras, justifique o título do poema. O poeta utiliza a palavra *salário* com seu sentido etimológico, isto é, o sal que no passado se recebia como pagamento por um trabalho.

Fonte: Cereja e Magalhães (2009b, p. 156)

4.1.1.10 Coleção “Projeto Eco – Língua Portuguesa”

A coleção **Projeto Eco – Língua Portuguesa** traz no manual do 8º ano, nas páginas 131 até 138, um estudo do texto de uma peça teatral escrita no século XIX por Martins Pena. As atividades são de análise da linguagem e da grafia de algumas palavras usadas na época em que a peça foi escrita. Ao final do capítulo, na página 138, a questão 1 aborda claramente o tema da variação histórica, como pode ser observado com fragmento a seguir:

A LINGUAGEM *do texto*

1. Exemplos: “escusado”, “endefluxada”, “desazada”, “vintém”. Todas as línguas estão em constante evolução, pois são como organismos vivos. Assim, é natural que algumas palavras sejam incorporadas e outras deixem de ser usadas ou ainda tenham sua grafia alterada.

1. Algumas palavras do texto não são empregadas atualmente, pois caíram em desuso. Outras, ainda, apresentam uma grafia diferente daquela que conhecemos hoje, como “noute”, por exemplo. Encontre, na narrativa, exemplos dessas palavras e explique por que essas modificações ocorrem no léxico de uma língua.

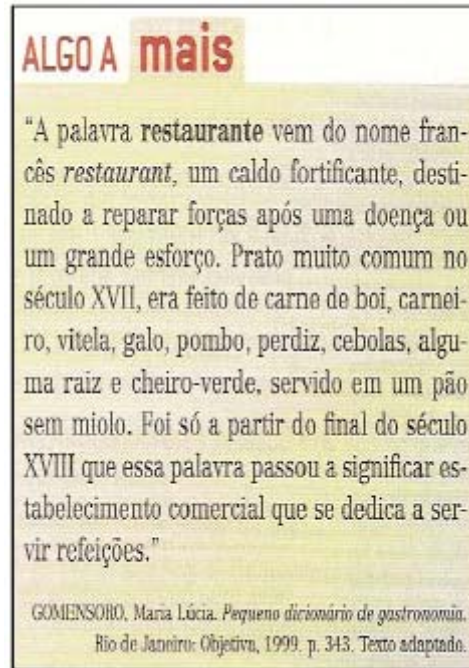
2. Que informações são dadas antes da primeira cena?

2. Inicialmente, informa-se que o texto é uma comédia composta de apenas um ato (cada uma das partes em que se divide uma peça teatral). Em seguida, são arrolados os personagens. Finalmente, faz-se uma descrição sucinta do cenário.

Fonte: Azeredo (2009, p. 138)

4.1.1.11 Coleção “Projeto Radix – Português”


Da coleção **Projeto Radix – Português**, o manual do 6º ano, na página 27, traz uma atividade de estudo do vocabulário sobre a etimologia da palavra *restaurante*. Na página 70, um comentário sobre o pronome de tratamento *ocê*.



Fonte: Terra e Cavalette (2009a, p. 27)

Vossa Mercê

A influência da língua falada sobre a escrita algumas vezes é tão forte que chega a provocar modificações em certas palavras. Um exemplo disso é o que aconteceu com o pronome de tratamento **você**. Ele nasceu **Vossa Mercê** e passou a **vossemecê** e **vosmecê** para chegar à forma atual. Dependendo da região e da época, é possível encontrar ainda registros como **mecê**, **vassuncê**, **vancê**, **ocê**. Interessante que esse processo de transformação não para e hoje, muitas vezes, na pressa da linguagem do dia a dia, ele se vê reduzido a um simples **cê**. Afinal quem nunca ouviu um “Não tenho opinião a respeito... **Cê** que sabe!”? Alguns verbos também passam por esse processo de redução na linguagem coloquial. Por exemplo: **tô**, no lugar de **estou**, e **tá**, no lugar de **está**, ou a forma **né?**, resultado de **não é?**.




Fonte: Terra e Cavalette (2009a, p. 70)

No manual do 8º ano, nas páginas 44 e 48, as atividades estão relacionadas à questão da ortografia do poema de Paulo Leminski. Os autores chamam a atenção do professor para discutir com os alunos a questão da mobilidade da língua.

1. Difícilmente. São raros os escritores que escrevem à mão hoje em dia.

2. É uma marca dos textos escritos apressadamente, à mão, em geral em anotações pessoais. Difícilmente encontramos essa palavra abreviada num texto impresso. **Professor(a):** Relacione esta pergunta ao texto *A menina que falava internetês* (p.22), já que ela toca na questão da linguagem abreviada, como a dos internetês, que utilizam esse tipo de escrita nos chats e nos e-mails. Aliás, recuperam não só as abreviações, mas também a oralidade. É interessante discutir esse fato, principalmente se na turma houver alunos internetês. 3. a) Ontem, dia sagrado pela República á comemoração dos precusores da independência, resumidos em Tiradentes, conservaram-se fechadas todas as repartições publicas federaes, estaduais e municipais. b) Ele escreveu *hontem* para reforçar a ideia de passado, pois a ortografia antiga da palavra era essa. Ele a usou com o sentido de "passado". **Professor(a):** Peça os alunos observarem as três palavras iniciadas pela letra h: o par *hoje/hontem* e o verbo *haver* (*haja*). c) Resposta pessoal. **Professor(a):** Espera-se que o aluno perceba a oposição passado/presente e o desejo do poeta de que aquele não se sobreponha a este.

44



LEMINSKI, Paulo. *La né en close*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 99.

PARA COMEÇAR

- 1 A página do livro em que está esse poema de Paulo Leminski reproduz um manuscrito do poeta. Seria fácil encontrar o manuscrito de um autor dos dias de hoje? Por quê?
- 2 A palavra **para** vem abreviada no texto: "p/". Essa é uma marca de que tipo de texto?
- 3 O jornal *O Estado de S. Paulo* mantém uma coluna cujo título é **Há um século**. Nela, são publicadas notícias de exatamente cem anos atrás. No dia 22 de abril de 2002, a coluna trazia a seguinte notícia: "Hontem, dia sagrado pela Republica á commemoração dos precusores da independencia, resumidos em Tiradentes, conservaram-se fechadas todas as repartições publicas federaes, estadoaes e municipaes". (22/4/2002. C2.)
Observe que a ortografia da época foi mantida.
 - a) Reescreva a notícia em seu caderno, atualizando a ortografia.
 - b) Paulo Leminski também escreveu *hontem*, e não *ontem*, apesar de seu texto ser moderno. Com que sentido essa palavra foi usada? Por que ele teria escolhido escrevê-la dessa forma?
 - c) Comente a ideia contida nesse poema.

Fonte: Terra e Cavalette (2009b, p. 44)

Professor(a): Discuta com os alunos o caráter vivo da língua, que se transforma e se renova constantemente. Da mesma forma que palavras caem em desuso porque os objetos que elas nomeiam desaparecem ou perdem a importância, outras se formam para dar nome a coisas novas. Com o

Fonte: Terra e Cavalette (2009b, p. 48)

Nas páginas 193 e 194, apresenta-se um estudo sobre o pronome de tratamento e o destaque é para o termo *vossa mercê*.

Os pronomes de tratamento (você, o senhor, senhorita, Vossa Senhoria, Vossa Excelência, Vossa Majestade) referem-se à segunda pessoa (a pessoa com quem se fala), mas a concordância gramatical deve ser feita com a terceira pessoa.

O pronome **Vossa Mercê** deu origem a **você** (Vossa Mercê > vossemecê > vosmecê > você) e, como os outros, também leva os verbos para a terceira pessoa:

“– Vossa Mercê **está** ferido? **Cavalga** meio de lado como se **sentisse** alguma dor.”

↓
↓
↓

verbo
verbo
verbo

3.ª p. sing.
3.ª p. sing.
3.ª p. sing.

Fonte: Terra e Cavalette (2009b, p.194)

4.1.1.12 Coleção “Trabalhando com a linguagem”

Na coleção **Trabalhando com a Linguagem**, no manual do 6º ano, páginas 152 e 153, há um espaço dedicado ao estudo da variação histórica. Nos textos apresentados estão um anúncio de jornal, datado de 1898, uma propaganda publicitária em uma revista do ano de 1937 e um fragmento da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade. Os textos trazem algumas terminologias de épocas passadas e, especificamente, o texto do Drummond, aborda algumas atividades de interpretação textual.

Diante das muitas possibilidades de classificação das variedades linguísticas, optamos pelo autor Roberto Gomes Camacho, citado na bibliografia específica de Análise Linguística no *SupORTE Pedagógico*, p. 23.

A LÍNGUA E SUAS VARIEDADES DE USO

A língua portuguesa, falada em todo o Brasil, apresenta diversas variações de uso. Fatores como o grupo social, a faixa etária, a época, a localização geográfica influenciam o uso da língua e suas formas de expressão nas inúmeras situações em que nos comunicamos no dia a dia. Vamos conhecer algumas dessas variações.

Variação histórica

A língua varia ao longo do tempo para se adaptar às necessidades de seus usuários e reflete, em sua escrita e recursos expressivos, características sociais e culturais da época em que é utilizada. Observe, por exemplo, a grafia das palavras e a linguagem nos textos a seguir, produzidos há muito tempo:

Solicitar que os alunos façam levantamento das palavras dos dois textos cuja ortografia variou no decorrer do tempo. Anotar no quadro de giz as formas antiga e atual. Explorar o significado dos homônimos concerto (no primeiro texto) e conserto.



Dentaduras de ouro e vulcanito

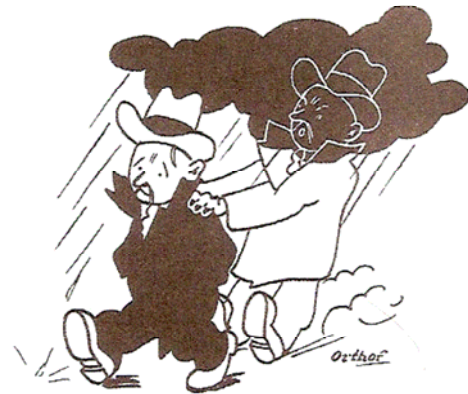
Concertam-se e collocam-se dentes em dentaduras em **24 horas**. -- Trabalhos solidos e garantidos por muitos annos e mais baratos que em qualquer outra parte; das 7 horas da manhan ao meio-dia, á rua Conselheiro Nebias, 42.

Anúncio do jornal *O Estado de S. Paulo*, de 1898.

Attenda ao Bom Senso!

Claro. Sair á rua desabrigado em um dia chuvoso e humido é imprudente. Isso, lhe diz o Bom Senso. No entretanto, o Senhor insiste e vae para o trabalho sem ao menos um guarda-chuva. A'

noite, anda o Senhor ás voltas com as consequencias: resfriado, febre, corpo cansado, larynge inflammada, quintas de tosse, etc. Então será hora de ouvir o conselho salvador do Bom Senso:



Em todas as affecções broncho - pulmonares — bronchite, laryngite - catarral, asma, coqueluche, tosse em geral — BROMIL é o remedio ideal porque:

- facilita a expectoração
- previne os accessos
- desinfecta a garganta
- atalha a tosse
- acalma a irritação
- descongencia os bronchios

TOSSE BROMIL

Geraldo Orthof. Publicidade para produto farmacêutico, Revista *O Cruzeiro*, fev. 1937.

1. Outros exemplos interessantes são encontrados neste trecho de uma crônica de Carlos Drummond de Andrade. Leia e responda às questões.

Antigamente

Antigamente, as
moças chamavam-se
mademoiselles
e eram tôdas
mimosas e
muito prendadas.
Não faziam anos:
completavam primaveras,
em geral dezoito.
Os janotas, mesmo
não sendo
rapagões,
faziam-lhes
pé de alferes,
arrastando a asa, mas ficavam
longos meses debaixo do balaio.
E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo
da chuva e ir pregar em outra freguesia (...).

Carlos Drummond de Andrade. *Seleção em prosa e verso*.
Rio de Janeiro, José Olympio, 1971. p. 3.



1. a) Sugestão de resposta: Porque apresenta o comportamento dos jovens aliando a descrição com expressões linguísticas de muito tempo atrás (séc. XIX).
- b) Pessoal. Explorar as expressões utilizadas pelo autor promovendo consulta ao dicionário e confrontá-las com as de sua região.
- c) Sugestões de respostas: *mademoiselles* - tratamento dado à mulher solteira em linguagem de cortesia social; janotas - que ou quem chama a atenção pela elegância; pé de alferes - ato de namorar, de cortejar; arrastar a asa - paquerar, dar em cima, azarar; levar tábua - levar fora, quebrar a cara; pregar noutra freguesia - cantar em outra freguesia, cantar de galo em outro terreiro.
- d) Sugestão de resposta: Antigamente os rapazes faziam-lhes pé de alferes, ou seja, paqueravam assim como hoje, mas de forma mais discreta e recatada. Pessoal.
- e) Pessoal. Promover a socialização dos textos dos alunos.

- a) Por que o título do texto é **Antigamente**?
- b) Quais expressões do texto você conhece? Quais são usadas na região em que você mora?
- c) Quais expressões são usadas de modo diferente hoje em dia, mas com o mesmo significado?
- d) Como era a conduta dos rapazes em relação às moças, antigamente? Hoje continua igual? Comente.
- e) Reescreva o texto a partir do título "Atualmente".

Solicitar aos alunos que coletem textos de épocas passadas, como cartas familiares, documentos, escritos literários, letras de músicas etc., para que a classe analise as mudanças linguísticas verificadas.

Fonte: Ferreira et al. (2009, p.153)

4.1.1.13 Coleção “Trajetórias da palavra – Língua Portuguesa”

Na coleção **Trajetórias da palavra – Língua Portuguesa**, o tema da variação histórica é abordado nos manuais do 8º e 9º ano. No manual do 8º ano, o capítulo 4 traz um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha para análise linguística. A atividade 1 da página 99 destaca as diferenças sintáticas e lexicais encontradas no texto.

1 > Como você provavelmente percebeu durante a leitura da carta de Pero Vaz de Caminha, de 1500 para cá muita coisa mudou, não só no mundo, mas também em nossa língua. Naquela época a comunicação a distância só poderia se feita por meio de cartas. No caso, a carta de Caminha deveria ser um registro, o mais preciso possível, para o rei, de toda a viagem. Por esse motivo, o escrivão faz descrições bem detalhadas de todas as novidades encontradas na linda terra desconhecida dos portugueses. Podemos perceber na carta de Caminha algumas diferenças no uso da língua portuguesa em relação ao que estamos acostumados atualmente. Por exemplo:

a) diferenças sintáticas, como demonstram os seguintes trechos:
“Fez o capitão suas diligências [...]”
“[...] se perdeu da frota Vasco de Ataíde [...]”.
 Hoje em dia é bem mais usual a construção sintática em que o sujeito vem antes do verbo que o acompanha.

b) diferenças lexicais, pois há palavras e expressões que praticamente não são mais empregadas, como vergonhas, quartejados, aformosear, horas de véspera, houvemos vista de terra etc.

Encontre no texto outros exemplos de diferenças sintáticas e lexicais em relação aos usos que fazemos atualmente da língua portuguesa.

Fonte: Diaféria e Pinto (2009a, p. 99)

No manual do 9º ano, as atividades estão relacionadas à leitura e reflexão sobre a língua. O texto de introdução do estudo é do século XIX e foi escrito por Artur de Azevedo. Trata-se de fragmentos de cenas extraídas da peça *Amor de anexins*. Destaque para a atividade 1 da página 238.

1 > A linguagem dessa peça é própria do século XIX, por isso podemos perceber certas marcas lexicais que mostram algumas diferenças entre o uso da língua naquela época e seu uso hoje. Você usa, já leu ou ouviu as palavras: **anexins, cáustico** (no sentido usado no texto), **jarreta, algibeira, amortalhado, aviado, vossemecê, púcaro**? Se souber o significado dessas palavras, escreva em seu caderno. Se não souber, procure-o no dicionário.

Fonte: Diaféria e Pinto (2009b, p. 238)

4.1.1.14 Coleção “Tudo é linguagem”

Na coleção **Tudo é Linguagem**, somente no manual do 6º ano encontramos uma atividade, relacionada à ortografia, que aborda a questão da variação histórica.

- 1 As palavras da língua portuguesa não foram sempre grafadas da forma como as conhecemos hoje.
Observem o anúncio publicitário a seguir:



Cem anos de propaganda. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 9.

Façam em seu caderno uma lista das palavras do anúncio que **NÃO** estão grafadas como vocês as conhecem.

- Comparem sua lista com a de outras duplas.
- Como podemos saber quais as palavras do anúncio que não são mais grafadas na forma como se apresentam?
Consultando um dicionário, uma gramática ou a lei que ordena o padrão ortográfico da língua. Prof./a: é importante que os alunos saibam que há uma lei que estabelece o padrão ortográfico da língua.
- Rescrevam com a ortografia de hoje as palavras encontradas com a grafia antiga. Consultem um dicionário em caso de dúvida.

Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi (2009a, p. 240)

4.1.1.15 Coleção “Viva Português”

A coleção **Viva Português**, última analisada, apresenta no manual do 7º ano algumas atividades que abordam a questão da variação histórica. Na página 39, mesmo sem trazer alguma atividade específica, o texto é muito sugestivo para o estudo histórico da língua, como se vê no excerto abaixo:

APOGEU E DECLÍNIO DA LÍNGUA GERAL

Paulo Bearsoti

Como se sabe, até 1530 a Coroa portuguesa não se interessou pela colonização do Brasil. Foram implantadas apenas algumas feitorias comerciais. Nesses locais, homens de origem europeia viviam em meio a um número muito maior de povos indígenas e desposavam índias. O natural, portanto, é que adotassem o idioma indígena e não o português como língua geral de comunicação.

No século 16, a costa brasileira era predominantemente habitada pelos índios tupis, que falavam um idioma com pouca variação dialetal. Contrariando o Concílio de Trento, de 1562, que impunha o uso do latim nas liturgias católicas, os jesuítas adotaram o tupi como língua oficial para a catequese. Esse fato, associado à forte presença populacional indígena, fez com que o tupi, e não o português, predominasse como língua geral para a comunicação.

Nas regiões em que o processo colonial se desenvolveu mais rapidamente, a presença da língua portuguesa era mais intensa já desde o século 17. Na maioria dos lugares, porém, a língua predominante era mesmo o tupi, e assim continuou até o século 18.

Tal situação não estava relacionada apenas às camadas populares. O bandeirante Domingos Jorge Velho, conhecido pelo massacre do Quilombo de Palmares, era descendente da melhor elite europeia, mas quando foi conversar com o bispo de Pernambuco precisou de intérprete, porque não falava português.

Está claro que o tupi influenciou no português do Brasil. Apesar das controvérsias, é possível dizer, por exemplo, que essa influência esteja na base do chamado “r caipira” (um /r/ retroflexo), ou nas vogais abertas na fala nordestina.

O mais conhecido é a presença de termos tupis no vocabulário cotidiano, principalmente nomes de lugar, em sua maioria atribuídos não por índios, mas por bandeirantes. Os exemplos são inúmeros: Cuiabá, Maceió, Ipanema e outros.

Em 1757 e 1758, o marquês de Pombal editou leis que tornavam obrigatório o emprego da língua portuguesa. Tal medida e o desaparecimento da população indígena explicam a razão de hoje não sermos um país bilíngue.

Adaptado da revista *Discutindo Literatura*, ano 1, n. 1, 2005.



COLEÇÃO BEATRIZ E MAÍRO PIMENTA CAMARGO, SP

Fonte: Campos, Cardoso e Andrade (2009, p. 39)

Nas páginas 76, 77 e 78 as autoras apresentam três textos produzidos em épocas diferentes. Há algumas atividades relacionadas à mudança da ortografia no decorrer do tempo.

- 1 Leia a seguir dois textos retirados do jornal *O Estado de S. Paulo* e compare-os com a reportagem da revista *História Viva*:

Há um século

1º de agosto de 1904 (segunda-feira)

Se percorrermos as estatísticas de um grande numero de annos anteriores, verificaremos que, mesmo naqueles em que se póde dizer que não houve epidemia de febre amarella, ou em que ella não foi officialmente declarada, nunca, num prazo equal, em seis mezes que abrangem uma parte da estação mais propicia á expansão dessa epidemia foi tão restricto e tão insignificante o numero de obitos por ella causados. É preciso, porém, que as medidas postas em pratica continúem a ser executadas.

Fonte: Campos, Cardoso e Andrade (2009, p. 76)

Há dez anos

1º de agosto de 1994 (segunda-feira)

Lisa Marie Presley confirmou hoje que se casou com o superstar Michael Jackson numa cerimônia secreta fora dos Estados Unidos há 11 semanas. A confirmação foi feita através de um comunicado divulgado pela companhia produtora de Michael, MJJ Productions. O comunicado foi passado por fax pelo vice-presidente da companhia, Bob Jones, para as agências de notícias, incluindo a Reuters. No comunicado, Lisa afirmou: "Meu nome de casada é senhora Lisa Marie Presley Jackson".

O Estado de S. Paulo, 1/8/2004.

O Rio de Janeiro em pé de guerra

Há um século, o povo do Rio de Janeiro pegou em armas contra a vacinação obrigatória. Quase um ensaio de golpe militar, o movimento recebeu o apoio de positivistas e do Exército.

Moacyr Scliar

Tudo começou no dia 10 de novembro de 1904 com uma pequena manifestação: estudantes — não raro são eles que começam estes movimentos — saíram às ruas gritando temas de protesto, entoando canções satíricas. Houve confronto com a policia, violência, prisões. No dia seguinte, novas manifestações, agora com troca de tiros, indicavam que o conflito se ampliava. No dia 12, o número de pessoas nas ruas cresceu consideravelmente. Em passeata, os manifestantes dirigiam-se ao Palácio do Catete, sede do governo federal. Tiros foram disparados contra o carro do comandante da Brigada Policial, o general



A Revolta da Vacina em charge da época.

Fonte: Campos, Cardoso e Andrade (2009, p. 77)

Piragibe. O Exército entrou de prontidão. No domingo, dia 13, estava caracterizada a rebelião. O centro da cidade do Rio de Janeiro e os bairros adjacentes, Tijuca, Gamboa, Saúde, Laranjeiras, Botafogo, Rio Comprido, Catumbi e Engenho Novo, transformaram-se em campo de batalha. Bondes eram virados e incendiados, os lampiões de gás eram quebrados e começavam a surgir barricadas.

Cem anos depois dessas manifestações de violência, o modo costumeiro de explicá-las ainda é a rejeição popular à vacina contra a variola. Como veremos, porém, essa interpretação é no mínimo simplista. Sim, a denominação de Revolta da Vacina ficou na história. Sim, havia resistência contra a vacina. Mas a Revolta foi mais, muito mais do que isso.

[...]

Revista *História Viva*, 11/9/2004.

Responda no caderno:

a) Quais textos tratam do mesmo assunto? O primeiro texto do jornal (texto de 1904) e o da revista (do ano de 2004).

b) A língua não é rígida, ela se modifica vagarosamente com o passar do tempo. Qual dos textos lhe causou estranhamento em relação à grafia e à acentuação das palavras? Escreva as palavras que sofreram mudanças. Como você as escreve hoje?
estatísticas, número, anos, pode, amarela, oficialmente, igual, meses, à, restrito, óbitos, ela, prática, continuam

c) Que mudança se observa na acentuação das palavras proparoxítonas? Explique por meio da regra de acentuação. Hoje, as palavras proparoxítonas são sempre acentuadas e, em 1904, não eram. Professor, se achar necessário, escreva na lousa algumas palavras proparoxítonas (têmpora, cânfora, metáfora, apóstrofo, termômetro, taxímetro, pêndulo, etc.), para que os alunos infram a regra.

d) Que verbo poderia substituir o verbo **haver** nos títulos “Há um século” e “Há dez anos”, sem alterar o sentido deles? Como ficariam esses títulos? O verbo fazer: “Faz um século”, “Faz dez anos”.

Fonte: Campos, Cardoso e Andrade (2009, p.78)

Das páginas 161 até a 165, o trabalho volta-se para o estudo do pronome de tratamento *tu* e *você*. As atividades de interpretação textual são feitas a partir de um trecho da peça *O curupira*, de Roger de Mello, e estão relacionadas ao uso do antigo pronome *vossa mercê*.

Como o *tu* virou *você*?

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, o tratamento **Vossa Mercê** era dado ao homem mais respeitável da nação, o rei. Mas esse tratamento acabou se estendendo a todas as pessoas de bem. O rei passou a ser chamado de **Vossa Excelência** ou **Vossa Majestade**, e **você** passávamos a ser todos nós, já que **Vossa Mercê** acabou diminuindo por causa do uso:

vossa mercê > vossemecê > vosmecê > você

Fonte: Revista *Discutindo Literatura*, ano 1, n. 2, 2005.

Fonte: Campos, Cardoso e Andrade (2009, p. 162)

Exercícios de fixação

O texto a seguir é um trecho de uma peça de teatro. É fim de tarde, e Teobaldo sabe que está na hora de voltar para casa. Mas Jeremias quer pegar uma coruja e fica por ali. Sozinho, Jeremias acaba perdido na floresta. Leia para responder às questões de 1 a 7:

O Curupira

Roger Mello

Jeremias: Escureceu tão rápido... Acho que fui eu que me embrenhei no mato. Nunca vi árvore tão alta assim.

(*Assovio.*)

Jeremias (*procurando*): É coruja? É bacurau? É bicho da noite? Que dia é hoje?... Ontem teve feira, amanhã tem pescaria... Teve feira ontem? Ou será que foi anteontem?

[...]

Jeremias: Tem alguém aí? (*para si mesmo*) Nunca ouvi ave tão esganiçada.

Jeremias: Acho que me perdi... (*Divagando.*) Lugar que não conheço.

Mal se vê o céu, de tão grandes que são as árvores. (*Troveja.*) Onde

é que vim me enfiar? Só faltava agora chover, só faltava!

(*Surge um velho maltrapilho de olhos esbugalhados.*)

Velho: Quem é vossa mercê?

Jeremias: Ê, susto!

Velho: Vossa mercê é de paz? Vem da capital ou dos arredores?

Trouxe aí um queijinho? Ai, um queijinho...

Jeremias: Queijinho... Eu quero é sair daqui!

Velho: Vossa mercê é bem novo, logo se vê.

Jeremias: Pode me dizer o caminho?

Velho: Sem queijinho, eu não começo a falar.

Jeremias: Não tenho queijo nenhum.

Velho: Salame?

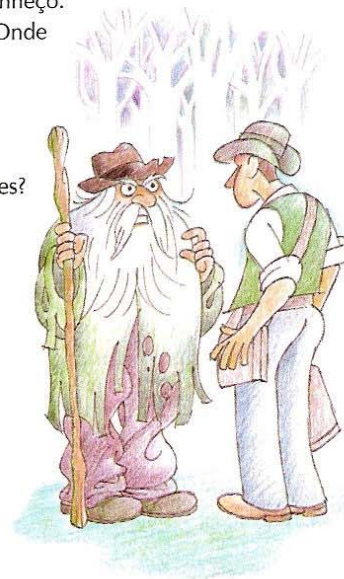
(*Jeremias faz que não.*)

Velho: Carne de sol?

(*Jeremias faz que não.*)

Velho: Pé de moleque?

[...]



ILUSTRAÇÕES: GILMAR DE GODOVÃO/INOVA DA EDITORA

Roger Mello. *O Curupira*. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

- Jeremias não é muito respeitoso com o Velho. Que pronome de tratamento ele deveria usar para se dirigir a uma pessoa mais velha? *Ele deveria usar o pronome de tratamento senhor.*
- Rescreva as falas de Jeremias modificando a forma de tratamento dada por ele ao Velho, de modo a torná-las polidas, educadas.
Que susto o senhor me deu! Senhor, eu não tenho queijinho... Eu quero é sair daqui! O senhor poderia me dizer o caminho? Já disse ao senhor que não tenho queijo. Professor, aceite outras respostas.
- Com que forma de tratamento o Velho se dirige ao menino? *Vossa mercê.*

Unidade 3

164

Capítulo 1

- Essa forma de tratamento é usada habitualmente ainda hoje? Com base nela, podemos dizer que a ação da peça se passa em um tempo atual ou mais antigo?
Professor, converse com os alunos sobre a questão. O pronome de tratamento vossa mercê praticamente não é usado hoje em dia. Isso permite pensar que a ação se passa em um tempo mais antigo. Entretanto, esse pronome e suas reduções e variações vosmecê, vassuncê, permaneceu em uso no campo e nas pequenas cidades por muito mais tempo do que nas cidades grandes. O emprego de vossa mercê sem dúvida caracteriza o velho como uma pessoa da roça.
- Em vez de **vossa mercê**, que pronome de tratamento seria mais atual?
Você.
- Com qual fala o Velho insinua que o menino é meio malcriado? *"Vossa mercê é bem novo, logo se vê."*

Fonte: Campos, Cardoso e Andrade (2009, p. 164-165)

Há ainda três manuais que, embora não tenham sido citados no quadro 2, é necessário destacá-los pelo fato de trazerem em seu conteúdo didático imagens que poderiam ter sido mais bem exploradas para o estudo da variação histórica, mas os autores não o fazem. É o caso dos manuais do 8º ano das coleções “Linguagem – criação e interação”, “Português – a arte da palavra” e “Tudo é linguagem”, que trabalham com anúncios publicitários antigos e oferecem um vocabulário rico que reflete uma época significativa da ortografia da língua portuguesa. Essa época, já mencionada em capítulo anterior, é conhecida como o Período Pseudo-Etimológico que, de acordo com Coutinho (1976), teve início no século XVI e perdurou até 1904. De acordo com o autor, “o que caracteriza este período é o emprego de consoantes geminadas e insonoras, de grupos consonantais impropriamente chamados gregos, de letras como ‘y’, ‘k’ e ‘w’, sempre que ocorriam nas palavras originárias” (COUTINHO, 1976, p. 72). Os excertos a seguir servem para ilustrar essa observação:



Fonte: Souza e Cavéquia (2009a, p.103)



Ginger Rogers (1935).

Fonte: Borgato, Bertin e Marchezi (2009b, p. 212.)



Fonte: Oliveira, Rodrigues e Campos (2009b, p. 239)

A análise desenvolvida com os manuais didáticos aqui explicitada deixa evidente a importância em ampliar o estudo da variação histórica direcionado para a educação básica. Tal posicionamento é justificável pelo fato de que, ao analisarmos os 60 livros aprovados e que estão disponíveis ao ensino público do Paraná, constatamos que 22 deles dedicam-se ao estudo desse tipo de variação, porém, de forma sucinta e pouco inovadora. Desses 22 manuais, como explicitado no quadro 2, 18 coleções abordam o tema da variação histórica, mas não trabalham

especificamente com a questão. Já os 4 manuais restantes trabalham com a variação histórica e dedicam um capítulo específico para abordar o tema.

As atividades dos 18 manuais que apenas abordam a questão da variação histórica restringem-se, de modo geral, a questões de interpretação textual e, por vezes, chamam a atenção do aluno para a grafia das palavras em épocas passadas.

As atividades dos 4 manuais que dedicam um capítulo específico para o estudo da variação histórica também estão relacionadas às questões de interpretação textual e grafia das palavras. Os textos que introduzem as atividades para o trabalho com este tipo de variação são, na maioria das vezes, repetitivos, trabalham com textos publicitários como anúncios antigos e poemas, em especial, o poema *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade. Não devemos, porém, deixar de ressaltar a validade das propostas sugeridas pelos autores. Embora sejam atividades que, de forma geral, prendem-se ao estudo do léxico, são questões de grande relevância para o estudo da língua portuguesa.

Ao analisarmos os documentos antigos para então propor atividades didáticas que fugissem do tradicional, ou que ao menos diferenciassem daquilo que os livros didáticos já traziam, pudemos constatar a difícil tarefa para tal função. Não há dúvidas de que a mesma dificuldade que encontramos para executar este estudo, os autores analisados tenham encontrado, pois se trata de um trabalho custoso, árduo, porém, muito gratificante.

4.2 PROPOSTA DE ATIVIDADES

Pretendemos, nesta seção, apresentar as cinco cópias digitalizadas dos manuscritos do século XVIII que serão a base da análise para a elaboração das atividades relacionadas à variação histórica. Os documentos em questão, já mencionados em momento anterior, pertencem à então Vila de Guaratuba/PR e foram encontrados no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Tais documentos foram publicados pelo projeto de pesquisa *Para a História do Português Paranaense: estudos diacrônicos em manuscritos dos séculos XVII a XIX*, vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina, e compõem a obra *Scripturae nas Villas de São Luiz de Goaratuba e*

Antonina: manuscritos setecentistas e oitocentistas (AGUILERA; ALMEIDA BARONAS, 2007).

Os documentos a serem analisados são os de número 01 [153], 06 [160], 09 [165], 10 [166], 12 [168]. Os números que se encontram fora de colchetes, representam a numeração em que foram publicados no livro de Aguilera e Almeida Baronas (2007), já os números que se apresentam dentro dos colchetes constituem a numeração do arquivo do projeto PHPP.⁷

As atividades propostas buscam abordar aspectos textuais, lexicais, semânticos, morfológicos e sintáticos e foram elaboradas com o intuito de atender ao público do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano. Nas atividades, não são especificadas as séries que deverão ser trabalhadas, ficando a cargo do professor sua adequação aos diferentes níveis de ensino.

4.2.1 Atividades

Nesta unidade apresentamos cópias digitalizadas de manuscritos encontrados no Arquivo Público do Estado de São Paulo, datados do século XVIII, da época em que o Brasil era ainda colônia de Portugal. Trata-se de documentos oficiais que representam a correspondência entre a Câmara dos vereadores de uma das primeiras vilas fundadas no litoral paranaense, a então Villa de Sam Luiz de Goaratuba, às autoridades da época, como governantes e bispos.

De acordo com Mafra (1952), a criação do município de Guaratuba se deu por volta de 1765, ocasião em que o governador de São Paulo, Dom Luís, julgou importante povoar o território entre a Vila de Paranaguá e do Rio São Francisco, com o intuito de proteger a costa brasileira das expedições estrangeiras. Guaratuba era ainda vinculada à província de São Paulo e era oportuna ao enriquecimento, pois o porto era abundante de peixes e havia o indício da existência de ouro. Assim, Dom José I, rei de Portugal, preocupado com uma possível perda, ordenou o início da povoação. Dessa forma, casais apresentaram-se ao Sargento Mor das ordenanças e receberam ferramentas para o cultivo da terra.

⁷ Para a impressão deste trabalho, optou-se por colocar o manuscrito no verso da página à esquerda e a transcrição na página à direita (texto normal), sem, porém, numerar a página do manuscrito, por se tratar de uma ilustração dos dados analisados.

O nome Guaratuba tem origem indígena: “guará” significa **aves de plumagem vermelha** e “tuba” significa **quantidade excessiva, abundância**. (MAFRA, 1952, p. 17).

Os textos que se seguem correspondem, primeiramente, à cópia do documento original e, em seguida, à edição semidiplomática⁸ de cada documento.

⁸ Pode-se dizer que há, neste tipo, um *grau médio de mediação*, pois, no processo de reprodução do modelo, realizam-se modificações para o tornar mais apreensível por um público que não seria capaz de decodificar certas características originais, tais como os sinais abreviativos (CAMBRAIA, 2005, p. 95).

Unidade 1

Guaratuba

Almo Ex. Sr Dom Bernardo Torre de Lorenna
 Arde 17 de Apr 1791 12-6-1

A nossa obediencia a V. Ex.ª, e os Casgos que no presente
 anno servimos n'este Senado foyrem de m.ª. no veyta
 moz obrigados a diremos a V. Ex.ª que em dia do mes
 de Junho foymos n'esta V.ª Capitania e Miguel de
 Miranda Coutinho. Director e Comandante da
 mesma, quando ed. porto vago, e este povo sem
 ed. seu Com. Com. bapt. pelas nosas por sua conduta
 honrra, e capacid. Damos a V. Ex.ª esta p.ª, por que
 nos parecis necessario e que podera ser util a bem
 publico, e Sr. V. de sua Mag. elogiamos a V. Ex.ª q. dia
 foyr nosa impericia, e mandamos seus ordenz
 nos Exorcar nos com sua Excluzã. Doy f.ª de
 a V. Ex.ª por m.ª. ann. 7. de Guaratuba 17 de Agosto
 de 1791



Bejão de Mag. de V. Ex.ª

Os seus mais umiloz Subditos, e f.ª

Manuel de Brito

Antonio Carrasco

João Miranda

Nº Doc: 01 [153]
Composição: fól. 1r
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 14/Agosto/1793
Assunto/resumo: Informações sobre o falecimento do diretor e comandante da vila e sobre a atual situação do posto.
Autores: Manoel de Miranda Coutinho, Antônio Carvalho Bueno, João de Miranda Coutinho e Francisco de Miranda Coutinho.

[[Guaratuba]]

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Dom Bernardo loze de Lorena

[[ord. 17 Agost 1791 12-6-1]]

A nossa obediencia a *Vossa Excelencia*; eos cargos que no prezente anno servimos neste senado fazem com *que* nos veja mos obrigados a dizermos a *Vossa Excelencia* que em dias do mes de Junho faleço nesta *Villa* oCappitaõ Miguel de Miranda Coutinho. Director eCommandante da mesma, ficando odito posto vago, eeste povo sem odito seu *Commandante* com *bastante* pezar nosso por sua conduta Honrra; eCapacidade Damos a *Vossa Excelencia* esta *parte*, por que nos paresseo nessessaria eque poderá ser util aobem publico, eserviço deSua Magestade erogamos a *Vossa Excelencia* *queira* dis farçar nossa impericia, emandarnos suas ordens *para* nos exforçar-mos emSua Execussaõ Deos *Guarde* a *Vossa Excelencia* por *muitos* annos *Villa* de Guaratuba 14 de Agosto de 1793

Bejaõ as Maõs de *Vossa Excelencia*

Os seus mais umildes subditos, e Criados

Manuel de Miranda Cojttinho

Antonio Carvalho Bueno

João de Miranda Coutinho Francisco de Miranda Coutinho

NÍVEL TEXTUAL

- Ao lermos um texto antigo, podemos perceber que em muito se diferencia de um texto atual. Há palavras ou construções que, em épocas passadas, eram comuns, no entanto, hoje foram substituídas por outras ou simplesmente deixaram de ser usadas. Quando uma palavra cai em desuso, constitui um arcaísmo. De acordo com Cardoso e Cunha (1978, p. 193), “Arcaísmos são palavras ou expressões, formas e tipos de construção sintática que não são mais correntes em determinada fase da língua.”
- Os arcaísmos podem ser divididos em: arcaísmos léxicos e semânticos (quando atingem o vocabulário), arcaísmos flexionais (quando afetam a morfologia) e arcaísmos sintáticos (quando interferem na estrutura de construção da língua).

Observe a transcrição do manuscrito e responda as seguintes questões:

1)- Há quanto tempo foi escrita esta carta? Qual é o assunto em questão e quem são os prováveis autores?

R: *Foi escrita há mais de 200 anos, em 14 de agosto de 1793. Trata-se de informações sobre o falecimento do diretor e comandante da vila, o Capitão Miguel de Miranda Coutinho, e sobre a atual situação do posto; os prováveis autores da carta são: Manoel de Miranda Coutinho, Antônio Carvalho Bueno, João de Miranda Coutinho e Francisco de Miranda Coutinho.*

NÍVEL LEXICAL

1)- O texto foi escrito em uma linguagem diversificada, sem as regras ortográficas atuais. Ao ler o texto, é possível encontrar palavras ou construções que não são comuns hoje em dia. Identifique as palavras grafadas de forma diferente da época atual.

R: *Illustrissimo, obediencia, Excelencia, prezente, anno, mes, faleçeo, Villa, Cappitaõ, Director, Commandante, pezar, Honrra, Capaçidade, paresseo, nessessaria, util, publico, impericia, Execussaõ, Deos, annos, Bejaõ, maõs, umildes, subditos.*

2)- Como você as escreveria atualmente?

R: *Ilustríssimo, obediência, Excelência, presente, ano, mês, faleceu, Vila, Capitão, Diretor, Comandante, pesar, Honra, Capacidade, pareceu, necessária, útil, público, imperícia, Execução, Deus, anos, Beijam, mãos, humildes, súditos.*

▪ Ismael de Lima Coutinho (1976, p. 71-72) divide a história da ortografia portuguesa em três períodos: fonético, pseudo-etimológico e simplificado. O período fonético teve início com os primeiros documentos escritos em português e se estendeu até o século XVI; neste período a língua era escrita para o ouvido, ou seja, escrevia-se como se ouvia a palavra. É importante destacar que, de acordo com Massini-Cagliari (1998), o termo “fonético” só pode ser usado em oposição ao “etimológico”, pois é preciso considerar que a língua portuguesa não possui um sistema fixo, invariável na relação entre a letra e o fonema. Isso significa que, na língua portuguesa, uma letra nem sempre representa o mesmo fonema e, da mesma forma, um fonema nem sempre é representado por uma única letra. Podemos citar, por exemplo, o caso da letra “x”, que pode representar vários fonemas, como no caso de enxuto, exame, êxtase, unissex, e ainda o fonema /j/ que pode ser representado por “x” ou por “ch” como em “chave” e “enxuto”. Dadas tais considerações, utilizamos, neste estudo, a classificação do período fonético como oposição ao período pseudo-etimológico, o qual teve início no século XVI e chegou a 1904, época em que aparece a obra *Ortografia Nacional de Gonçalves Viana*. Este período é conhecido pelo emprego de consoantes geminadas e insonoras originárias da palavra. Já o período simplificado iniciou em 1904, com a publicação da *Ortografia Nacional de Gonçalves Viana* até os nossos dias.

3)- Com base na divisão da ortografia da língua portuguesa estabelecida por Coutinho, identifique os vocábulos de acordo com os períodos:

a)- Período Fonético: *prezente, faleceo, pezar, Honrra, paresseo, Bejaõ.*

b)- Período Pseudo-etimológico: *Ilustrissimo, anno, Villa, Cappitaõ, Director, Commandante, Deos, annos , subditos.*

c)- Há alguns vocábulos que não se encaixam em nenhum dos períodos. Identifique-os.

R: *obediencia, Excelencia, mes, Capacidade, nessessaria, util, publico, impericia, execuçaõ, mãos, umildes.*

Observação: Os vocábulos que não se encaixam em nenhum dos períodos estabelecidos por Coutinho provavelmente são resultantes da falta de familiaridade do escriba com a ortografia, pois, na época em que esses documentos foram escritos, não havia se estabelecido uma ortografia nacional e somente algumas pessoas sabiam ler ou escrever. Há ainda a questão da convenção ortográfica, a qual define que certas palavras devem ser redigidas desta ou de outra maneira.

NÍVEL MORFOLÓGICO

Processo de Formação das Palavras

Derivação

▪ O processo de formação das palavras por derivação acontece quando os afixos (prefixo/sufixo) se unem a um radical para formar uma nova palavra. A junção desses afixos ao radical serve para acrescentar uma ideia.

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Radical: Parte invariável de uma palavra. • Sufixo: Afixo que se pospõe ao radical. | <ul style="list-style-type: none"> • Prefixo: Afixo que antecede a raiz. |
|--|---|

Fonte: Ferreira (2004)

● **Derivação Prefixal:** quando um prefixo é adicionado à palavra primitiva.

Ex: IN-voluntário, DES-leal.

● **Derivação Sufixal:** quando um sufixo é adicionado à palavra primitiva.

Ex: voluntari-ADO, leal-DADE.

● **Derivação Prefixal e Sufixal:** quando um prefixo e um sufixo são adicionados à palavra primitiva em tempos distintos. Neste caso, significa que a derivação prefixal ocorreu antes da sufixal, ou vice-versa.

Ex: IN-voluntaria-MENTE, DES-leal-DADE.

- **Derivação Parassintética:** quando um prefixo e um sufixo são adicionados à palavra primitiva ao mesmo tempo.

Ex: EN-cadern-AR (o prefixo En- mais o sufixo –AR foram acrescentados ao vocábulo *caderno*)

EN-rij-ECER (o prefixo EN- mais o sufixo –ECER foram adicionados ao vocábulo *rijo*, que e perdeu a vogal temática -o. Observe que, ao eliminar um dos afixos, a palavra perde o sentido.

- 1)- Dadas as considerações sobre o processo de formação das palavras por derivação, observe alguns vocábulos extraídos do manuscrito.

“Illustrissimo, Excelentissimo, Excelencia, capacidade, imperícia.”

- a)- Identifique quais são os processos para a formação dos vocábulos citados:

R: *Derivação sufixal = Illustrissimo, Excelentissimo, Excelencia, capacidade.*

Derivação Prefixal = impericia.

Estrutura e Formação de Palavras

- Para formar uma palavra, é necessária a junção de certos elementos formadores, os quais são unidades mínimas de significação que distinguem e dão sentido à palavra. A esses elementos formadores damos o nome de morfema. Vejamos os Morfemas Desinenciais Nominais e Verbais.

- **Nominais** – indicam gênero (menino/menina) e número (meninos/meninas).

Em nomes terminados em -r e -z, a desinência de plural é -es (lar/lares, luz/luzes).

- **Verbais** – indicam modo, tempo, número e pessoa dos verbos.

- 1)- Observe a palavra em destaque e responda:

[...], emandarnos suas ordens para
nos **exforçar-mos** emSua Execussaõ Deos *Guarde*
a *Vossa Excelencia* por *muitos* annos *Villa* de Guaratuba 14 de Agosto
de 1793

a)- O vocábulo está grafado de maneira diferente da atual. Como seria escrito hoje?

R: *Esforçarmos.*

b)- Houve uma confusão ao grafar este vocábulo. Explique.

R: *A confusão se deu ao empregar o elemento **mos**, que é um morfema desinencial número-pessoal, como o pronome pessoal **nos**.*

NÍVEL SINTÁTICO

Pronomes

Os pronomes servem para acompanhar ou substituir o nome (substantivo), relacionando-o à pessoa do discurso e podem ser classificados em pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, relativos, indefinidos e interrogativos. Os pronomes pessoais podem ainda ser subdivididos em: pronomes de tratamento, oblíquos e retos.

Pronomes de Tratamento

▪ Ao nos dirigirmos a uma pessoa de nível hierárquico mais elevado, devemos usar uma linguagem mais formal, adequada à situação. Essa adequação deverá ser feita tanto na oralidade quanto na escrita.

1)- Observe a frase: “*Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Dom Bernardo Iozé de Lorena*”

a)- Informe os pronomes utilizados e comente o motivo da escolha?

R: *Illustrissimo, Excelentissimo e Senhor. Essas expressões de tratamento foram utilizadas porque o documento em questão é uma carta oficial destinada a altas autoridades.*

2)- Há outros pronomes de tratamento explícitos no documento? Destaque-os.

R: *Há o pronome de tratamento **Vossa Excelencia**. (**Excelência**)*

3)- Esses pronomes ainda são usados nos dias atuais? Em que situação?

R: *Sim, em situações em que se exige uma linguagem mais formal, como por exemplo, ao dirigir-se a altas autoridades dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.*

Colocação Pronominal

Os pronomes oblíquos átonos (me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes) podem ocupar três posições em relação ao verbo:

- Próclise – antes do verbo (ex: Sempre **te** amarei)
- Ênclise – depois do verbo (ex: Amar-**te**-ei eternamente)
- Mesóclise – no meio do verbo (ex: Amo-**te** há tempos)

1)- Observe a transcrição do manuscrito e responda o que se pede:

a)- Há no documento alguns dos pronomes mencionados? Se sim, destaque a ocorrência. Para facilitar seu trabalho, enumere as linhas do texto.

R: *Sim, há o pronome **nos**. Linha 5 (**nos** vejamos – próclise); Linha 14 (**mandarnos** – ênclise); Linha 15 (**nos** exforçar-mos – próclise).*

▪ Observe que, ao grafar o vocábulo “**mandarnos**”, houve uma confusão com o elemento -**nos**, que, ao invés de ser grafado como pronome, foi grafado como morfema. Ressalta-se que é comum nos documentos a presença de palavras coladas, isto é, o escriba une termos linguísticos, resultando em uma só forma.

b)- Considerando a informação exposta, qual seria a escrita da forma padrão para este pronome?

R: *Mandar-nos.*

2)- No texto, alguns pronomes aparecem antepostos ao verbo, outros, no entanto, aparecem pospostos ao verbo. Qual é a colocação pronominal preferida nesse documento?

R: *A próclise.*

Unidade 2

12 Junho 1797

12-6-5

Mmo Dmo
Mo. e Ex. Senhor

Comenda de Salama que V. Ex.
 mandou reger com data de 24 de Junh. para
 nombrarmos Sarg. e Mor para esta Villa
 e facerem a Ignacio Jozé Cardoso o Cap.
 Manoel de Miranda Coarinho e ao
 M. Manoel Gomes e Marzagão
 pessoas mais benemeritas que há nesta
 Villa; e devemoz dizer a V. Ex. que o pri
 meiro nomiado he em quem com comen
 todas as boas Sincronias para ex
 ercer esse posto pelo muito que se tem
 reia para augmento desta Villa como he
 comtance. V. Ex. podem mandara vq
 for servido. com a Sentença do Sr.
 Cap. desta Villa de S. Luis de Guara
 tuba em Camara de 12 de Maio
 de 1797

Antonio dos Santos Amal

Ignacio Jozé Cardoso:

Luiz de Faria Faria:

Joaquim Viana da Silva

Manuel Viana de Matos.



Nº Doc: 06 [160]
Composição: fól 1r
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 12/Março/1797
Assunto/resumo: Comunicado sobre a nomeação do Sargento Mor da Vila.
Autores: Antonio dos Santos Amaral, Inácio José Cardozo, Lourenço Leite Tavares, Jolião Vieira da Silva e Manuel Vieira do Nascimento.

Illustrissimo eExcelentissimo Senhor

[[12 Março 1797

12-6-5]]

Emvertude dacarta que *Vossa Excelencia*
nos deregio comdata de 24 deJaneiro para
nomiarmos Sargento Mor para esta Villa
ofazemos a Ignácio lozé Cardozo, o *Capitam*
Manoel de Miranda Coutinho eao
Alferes Manoel Gomes Marzagaõ
pessoas mais benameritas que há nesta
Villa; edevemos dizer a *Vossa Excelencia* que opri
meiro nomiado hé emquem com correm
todas as boas Sirconstancias para ex
erçer este posto pelo muito que seemte
reça para o aumento desta Villa como hé
constante. *Vossa Excelencia* poremandará oque
for servido comaSistencia donovo
Capitam mor nesta Villa deSam Luis de Guara
tuba emCamara de 12 de Março
de 1797-

Antonio dosSantos Amaral

Ignacio Jozé Cardozo

Lourenso Leite Tavares

Joliaõ Vieira da Silva

Manuel Vieira do Nasimento

NÍVEL TEXTUAL

1)- O texto que você leu é a transcrição de um documento oficial.

a)- Há quanto tempo foi escrito?

R: *Foi escrita há mais de dois séculos, especificamente em 12 de março de 1797.*

b)- Qual é o assunto?

R: *Trata-se de um comunicado sobre a nomeação do Sargento Mor da Vila.*

c)- Quem assina a carta e o que fazem?

R: *Os autores são: Antonio dos Santos Amaral, Inácio José Cardozo, Lourenço Leite Tavares, Jolião Vieira da Silva e Manuel Vieira do Nascimento. Eles são provavelmente vereadores da Câmara de Guaratuba.*

NÍVEL LEXICAL

1)- Em relação à ortografia, observe que o texto foi escrito em linguagem diferente, sem as regras ortográficas atuais. Ao ler o texto, é possível encontrar palavras ou construções que não são comuns hoje em dia. Identifique as palavras grafadas de forma diferente da época atual.

R: *Illustrissimo, Excelentissimo, vertude, Excelencia, deregio, nomiarmos, Villa, Capitam, benameritas, nomiado, He, com correm, Sirconstancias, exerçer, emtereça, porem, aSistençia, Sam Luis de Guaratuba, Camara.*

2)- Como você as escreveria hoje? (3. Acentuação / ç)

R: *Ilustríssimo, Excelentíssimo, virtude, Excelência, dirigiu, nomearmos, Vila, Capitão, beneméritos, nomeado, é, concorrem, Circunstâncias, exercer, interessa, porém, assistência, São Luis de Guaratuba (Guaratuba), Câmara.*

3)- Há no texto algum vocábulo que não seja conhecido por você?

R: *Resposta pessoal. Espera-se que os alunos mencionem o termo Sargento Mor e Capitam Mor e Alferes.*

4)- No texto aparecem três categorias de patentes militares: Sargento Mor, Capitam Mor (Capitão Mor) e Alferes. Você sabe qual é a classificação hierárquica de cada um deles? Faça uma pesquisa e discuta com seus amigos.

R: *Resposta pessoal. Segue uma orientação ao professor.**

* *Alferes – sm2n. No exército do Brasil colonial e imperial, militar que detinha o posto correspondente hoje a segundo-tenente. (cf. FERREIRA, 2000, p. 31).*

Capitam Mor – (Capitão-mor) sm. 1. Autoridade que, numa cidade ou vila, comandava a milícia chamada ordenança. 2. Título que tinha os donatários das capitanias. (cf. FERREIRA, 2000, p. 129).

Sargento Mor – sm. Ver hierarquia militar. (cf. FERREIRA, 2000, p. 624).

Hierarquia militar – Ordenação da autoridade em diferentes níveis, dentro da estrutura das forças armadas. [No exército, Marinha de Guerra e Aeronáutica brasileiros existem hoje, respectivamente, os seguintes postos e graduações, aqui citados em ordem decrescente: marechal, almirante, marechal-do-ar (preenchidos apenas em épocas excepcionais); general-de-exército, almirante-de-esquadra, tenente-brigadeiro; general-de-divisão, vice-almirante, major-brigadeiro; general-de-brigada, contra-almirante, brigadeiro-do-ar; coronel, capitão-de-mar-e-guerra, coronel aviador; tenente-coronel, capitão-de-fragata, tenente-coronel aviador; major, capitão-de-coveta, major aviador; capitão, capitão-tenente, capitão-aviador; primeiro-tenente (nas três armas); segundo-tenente (nas três armas); aspirante-a-oficial, guarda-marinha, aspirante-a-oficial aviador; subtenente, suboficial; primeiro-sargento (nas três armas); segundo-sargento (nas três armas); terceiro-sargento (nas três armas); cabo (nas três armas); soldado, marinheiro, soldado. No Exército do Brasil colonial e imperial, a hierarquia militar era a seguinte: marechal-de-exército; tenente-general; marechal-de-campo; brigadeiro, mestre-de-campo, ou coronel; tenente-coronel; sargento-mor ou major; ajudante ou capitão; tenente; alferes; primeiro-cadete; segundo-cadete; primeiro-sargento; segundo-sargento; furriel; cabo-de-esquadra; anspeçada; soldado; e na Marinha de Guerra: almirante; vice-almirante; chefe-de-esquadra; chefe-de-divisão; capitão-de-mar-e-guerra; capitão-de-fragata; capitão-tenente; tenente-do-mar ou primeiro-tenente; segundo-tenente; guarda-marinha; aspirante; primeiro-sargento; segundo-sargento; quartel-mestre; cabo; marinheiro. Em Portugal, atualmente, existem, no Exército e na Aeronáutica, os postos seguintes: marechal, general, brigadeiro, coronel, tenente-coronel, major, capitão, tenente e alferes; e na Marinha de Guerra: almirante, vice-almirante, contra-almirante, comodoro, capitão-de-mar-e-guerra, capitão-de-fragata, capitão-tenente, primeiro-tenente, segundo-tenente, subtenente e guarda-marinha (equivalentes).] (cf. FERREIRA, 2000, p. 364)

5)- Com base na divisão da ortografia da língua portuguesa estabelecida por Coutinho (conteúdo abordado na unidade 1), identifique os vocábulos de acordo com os períodos:

a)- Período Fonético:

R: *nomiarmos, nomiado.*

b)- Período Pseudo-etimológico:

R: *Illustrissimo, Villa, Capitam, hé.*

c)- Há alguns vocábulos não se encaixam em nenhum dos períodos. Identifique-os.

R: *Excelentissimo, vertude, Excelencia, deregio, nomiarmos, benameritas, nomiado, com correm, Sirconstancias, exercer, emtereça, porem, aSistença, Camara.*

Hipercorreção

▪ Bortoni-Ricardo (2004, p. 28) define hipercorreção ou ultracorreção como um “fenômeno que decorre de uma hipótese errada que o falante realiza num esforço para ajustar-se à norma-padrão. Ao tentar ajustar-se à norma, acaba por cometer um erro.” De acordo com a autora, alguns exemplos desse tipo de fenômeno são: “previlégio”, imaginando que “privilégio” é errado, “bandeija” no lugar de “bandeja”, “telha de aranha” no lugar de “teia de aranha”.

1)- A propósito dos dois fragmentos retirados do manuscrito, observe as palavras destacadas e responda:

<p>Emvertude dacarta que Vossa Excelencia nos deregio comdata de 24 deJaneiropara nomiarmos Sargento Mor para esta Villa [...]</p>	<p>[...] todas as boas Sirconstancias para exercer este posto pelo muito queseemte reça para o aumento desta Villa [...]</p>
---	--

a)- Por que você acha que elas foram escritas desta forma?

R: *Resposta pessoal.* Espera-se que o aluno seja capaz de perceber que, por se tratar de um documento antigo, da época em que ainda não havia uma ortografia estabelecida da língua portuguesa, muitos equívocos ocorriam. Às vezes, com o intuito de acertar e se ajustar ao padrão, o escriba acabava por cometer erros. Em relação ao próprio fenômeno, é comum a troca do “e” pelo “i” e do “o” pelo “u” (fenômeno do alçamento), e, como o falante é geralmente corrigido ao realizar tal fenômeno, acaba por considerar errada toda pronúncia de “i” e de “u” em contextos semelhantes aos que fora corrigido. Hoje também se faz a mesma confusão.

2)- Reescreva os fragmentos de acordo com a norma padrão.

R: “*Em virtude da carta que Vossa Excelência nos dirigiu com data de 24 de janeiro para nomearmos Sargento Mor para esta Vila [...]*”

“*[...] todas as boas circunstâncias para exercer este posto pelo muito que se interessa para o aumento desta Vila [...]*”

3)- Você conhece outras palavras decorrentes de hipercorreção?

R: *Resposta pessoal. Alguns exemplos: adevogado (advogado), galfo (garfo), cadalço (cadarço).*

NÍVEL SINTÁTICO

1)- Observe o texto: *Illustrissimo eExcelentissimo Senhor*
 [[12 Março 1797 12-6-5]]
 Emvertude dacarta que Vossa Excelencia nos deregio comdata de 24 deJaneiropara nomiaromos Sargento Mor para esta Villa ofazemos a Ignação Jozé Cardozo, o Capitam Manoel de Miranda Coutinho eao Alferes Manoel Gomes Marzagaõ pessoas mais benameritas que há nesta Villa; edevemos dizer a Vossa Excelencia que opri meiro nomiado hé em quem com correm todas as boas Sirconstancias para ex erçer este posto pelo muito que seemte reça para o aumento desta Villa como hé constante. Vossa Excelencia poremandará oque for servido comaSistençia donovo Capitam mor nesta Villa deSaõ Luis de Guara tuba emCamara de 12 de Março de 1797-

Antonio dosSantos Amaral

Ignacio Jozé Cardozo

Lourenso Leite Tavares

Joliaõ Vieira da Silva

Manuel Vieira do Nasimento

a)- Qual é o sujeito dos verbos: *deregio* (dirigiu), *nomiarmos* (nomearmos), *com correm* (concorrem)?

R: ***deregiu*** - *Vossa Excelencia*, ***nomiarmos*** – *nós (a desinência verbal permite a identificação do sujeito oculto)*, ***com correm*** – *todas as boas Sirconstancias*.

b)- Por que o verbo *haver* mantém-se no singular no trecho: “*personas mais benameritas que há nesta Villa*”?

R: *Porque, neste caso, haver é impessoal, pois, está sendo utilizado com o sentido de “existir”.*

1)- Observe este fragmento e responda:

“*nos deregio com data de 24 de Janeiro para nomiarmos Sargento Mor para esta Villa ofazemos a Ignácio Jozé Cardozo, [...]*”.

a)- Há no documento alguns dos pronomes mencionados? Destaque a ocorrência.

R: *Sim, há o pronome **nos** (*nos deregio*) e o pronome **o** (*ofazemos*).*

Professor: comentar com os alunos que o pronome “o” foi escrito junto ao verbo como se fosse um só vocábulo porque na época, para economizar e aproveitar melhor a tinta, uniam-se muitas palavras. O pronome átono se apoia no verbo.

b)- Qual é a colocação pronominal preferida nesse documento? Justifique sua resposta.

R: *A próclise, pois os pronomes aparecem sempre antes dos verbos.*

Unidade 3

Paraná

20 - out. 1798

Ilmo. Sr. Senhor

Guaratuba

12-6-8

Recebemos duas del. Ex.ª datadas
 de 16 de Agosto, e de 16 de outubro, com aquelle respeito de-
 vido. Cujas materias fizo gravada a memoria pra
 ra pella prompta execução. Foyz foyz odisaradamente
 de foyz de foyz de sua Magestade, e por meio de executor
 de la orden Superior. Quanto ao uso do Arado,
 Ex.ª Senhor, aue foyz aue foyz de foyz de foyz de foyz
 e montuosidade, parese difficuloso, porque varios ja nos
 tempos passados quise usar dello, e ultimamente por
 estar de foyz de foyz de foyz de foyz de foyz de foyz
 maritona de ligencia de foyz de foyz de foyz de foyz de foyz
 objectos de foyz de foyz de foyz de foyz de foyz de foyz
 remeteremos as informaçoes, que constao da memoria
 que V. Ex.ª nos envia. D.ª quarta de foyz de foyz de foyz
 m. m. a. Guaratuba em Camera de Do de Outubro 1798

Ex.ª Sr. Antonio Manoel de Mello
 Contra Alcaide

Bejaõ armador de foyz de foyz de foyz de foyz de foyz
 Reverente officio Substituto
 Antonio Santos Silva
 Joao de Araujo Cermea

Victoriano Joze da Costa
 Joao Joze Ferraz Cortes

Manoel Antonio Barata



Nº Doc: 09 [165]
Composição: fól 1r
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 20/Outubro/1798
Assunto/resumo: Informação de recebimento de cartas e comentários sobre a dificuldade do uso agrícolas: arado e charrua.
Autores: Antônio dos Santos Silva, João Araújo Ferraz, Victoriano José da Costas, Inácio José Ferreira Coutinho e Manoel Antônio Barata.

[[Paraná]]

Illustrissimo eExcelentissimo Senhor

[[20-out.1798]]

[[Guaratuba]]

[[12-6-8]]

Recebemos duas de *Vossa Excelencia* datadas a 14 de Agosto, a 16 de outubro, com aquelle respeito devido. Cujas materias ficaõ gravadas namemoria pa ra a sua prompta execusaõ; pois temos o desvanicimento de fieiz Vassallos de sua Magestade, e promptos executores das ordeñs superiores. Quanto ao uso do Arado, *Excelentissimo* Senhor ou charrua pello escabroco das terras do Paiz, e montuosidade, parese difficultozo; porque varios já nos tempos pasados quiseraõ usar delle, eultimamente por estes dous principios o largaraõ. Ficamos *Excelentissimo* Senhor na zeloza deligencia de promover aos habitantes os demais objectos das respeitaveis letraz de *Vossa Excelencia*, e compromtidaõ remeteremos as informaçoerñs, qui constaõ da memoria, que *Vossa Excelencia* nos-envia. *Deus* guarde a *Vossa Excelencia* feliz mente *muitos anos* *Guaratuba* em Camera de 20 de Outubro 1798 *Excelentissimo* Senhor Antonio Manoel deMello Castro, eMendoza

Bejaõ as maoñs de *Vossa Excelencia* seos

Reverentes, e fieiz subditos

Antonio dosSantos Silva

João de Araujo Ferras

Victorianno lozê dasCostas

Ignacio loze Ferreira Coitinho

Manoel Antonio Barata

NÍVEL TEXTUAL

1)- O texto que você leu é uma carta oficial.

a)- Há quanto tempo foi escrita?

R: *Foi escrita há mais de dois séculos, especificamente em 20 de Outubro de 1798.*

b)- Qual era o assunto em questão?

R: *Trata-se de informação sobre o recebimento de cartas e comentários sobre a dificuldade do uso agrícolas: arado e charrua.*

c)- Quem são os signatários da carta? Quem eles são?

R: *Os autores são: Antonio dos Santos Silva, João Araujo Ferraz, Victorianno Jozê da Costas, Ignacio Joze Ferreira Coitinho e Manoel Antonio Barata. Eles eram vereadores da Câmara de Guaratuba.*

NÍVEL LEXICAL

1)- Em relação à ortografia, observe que o texto foi escrito em uma linguagem diferente, sem as regras ortográficas atuais. Ao ler o texto, é possível encontrar palavras ou construções que não são comuns hoje em dia. Identifique as palavras grafadas de forma diferente da época atual. Separe em dois grupos: 1) os referentes à acentuação, e 2) os referentes à ortografia.

R: *1) Referentes à acentuação: Illustrissimo, Excelencia, materias, memoria, execusaô, fieiz, varios, já, principios, deligencia, respeitaveis, promptidaô, informaçoeñs, Camera, maoñs, subditos.*

2) Referentes à ortografia: Illustrissimo, aquelle, ficaõ, pronpta, execusaô, desvanicimento, fieiz, Vassallos, prompts, ordeñs pello, Paiz, parese, difficultozo, pasados, quiseraô, delle, dous, largaraô, zeloza, deligencia, objectos, letraz, promptidaô, constaô, Bejaô, maoñs, seos, subditos.

Observação: Os vocábulos “Illustrissimo, execusaô, fieiz, deligencia, promptidaô, fieiz, subditos” podem ser relacionados aos dois grupos, pois, apresentam inadequações tanto na acentuação como na ortografia.

2)- Como você as escreveria hoje?

R: *Ilustríssimo, Excelência, aquele, matérias, ficam, memória, pronta, execução, desvanecimento, fieis, Vassallos, prontos, ordens, pelo, País, parece, dificultoso, vários, já, passados, quiseram, dele, dois, princípios, largaram, zelosa, diligências, objetos, respeitáveis, letras, prontidão, informações, constam, Câmera, Beijam, mãos, seus, fiéis, súditos.*

3)- Há no texto algum vocábulo que não seja conhecido por você?

R: *Resposta pessoal. Acredita-se que os alunos não reconheçam os antigos vocábulos “charrua” e “escabroco”.*

4)- Pesquise num dicionário o seu significado.

R: *Charrua: arado grande de ferro; (cf. FERREIRA, 2000, p. 149)*

Escabroco (escabroso): pedregoso, difícil, árduo. (cf. FERREIRA, 2000, p. 278)

5)- Com base na divisão da ortografia da língua portuguesa estabelecida por Coutinho (conteúdo abordado na 1ª unidade), identifique os vocábulos de acordo com os períodos:

a)- Período Fonético:

R: *ficaõ, Paiz, quiseraõ, largaraõ, zeloza, letraz, informaçoeñs, qui, constaõ, Bejaõ, maoñs.*

b)- Período Pseudo-etimológico:

R: *Ilustríssimo, aquelle, pronpta, vassallos, promptos, pello, difficultozo, delle, dous, objectos, subditos.*

c)- Há alguns vocábulos que não se encaixam em nenhum dos períodos. Identifique-os.

R: *Excelencia, materias, memoria, execusaõ, desvanicimento, ordeñs, parese, varios, já, pasados, principios, deligencia, respeitaveis, prontidaõ, Camera, seos, fieiz.*

Hipercorreção

- Rever comentários da unidade 2

[...]. Ficamos *Excelentíssimo Senhor*
na zelosa **deligencia** de promover aos habitantes os demais
objectos das respeitaveis letraz de *Vossa Excelencia*, [...]

1)- Observe a palavra em destaque e informe por que ela foi escrita desta forma.

R: *Resposta pessoal.* Espera-se que o aluno seja capaz de perceber que, por se tratar de um documento antigo, da época em que ainda não havia uma ortografia estabelecida da língua portuguesa, nem altos níveis de escolaridade dos responsáveis pela escrita, muitos equívocos ocorriam. Às vezes, com o intuito de acertar e se ajustar ao padrão, o escriba acabava por cometer erros. Em relação ao próprio fenômeno, é comum a troca do “e” pelo “i” e do “o” pelo “u” (fenômeno do alçamento), e, como o falante é geralmente corrigido ao realizar tal fenômeno, acaba por considerar errada toda pronúncia de “i” e de “u” em contextos semelhantes aos que fora corrigido.

2)- Reescreva o fragmento de acordo com a norma padrão.

R: *[...]. Ficamos, Excelentíssimo Senhor, na zelosa diligência de promover aos habitantes os demais objetos das respeitáveis letras de Vossa Excelência, [...]*

3)- Analise o contexto e diga qual é o significado da palavra “diligência”? Utilize um dicionário se necessário.

R: *Neste contexto, diligência significa “cuidado ou rapidez em executar os serviços incumbidos a eles”.*

4)- Você conhece outras palavras decorrentes de hipercorreção?

R: *Resposta pessoal.* Alguns exemplos: *adevogado (advogado), galfo (garfo), cadalço (cadarço).*

NÍVEL MORFOLÓGICO

1) Observe a estrutura “*Ilustríssimo eExcelentíssimo Senhor*”.

a) Os vocábulos “*Ilustríssimo e Excelentíssimo*” se originaram a partir de quais palavras?

R: *Ilustre e Excelente.*

b) -íssimo é um morfema sufixal que foi unido aos radicais “*Illustr-* e *Excelent-*” para intensificar significação. Que efeito de sentido acrescentam a cada palavra?

R: *Esses elementos aumentam a intensidade do adjetivo: muito ilustre, muito excelente.*

2) Observe a palavra em destaque:

[...] pois temos o **desvanecimento**
de fieis Vassallos de sua Magestade, e promptos executores
das ordeñs superiores.[...]

- Esta palavra foi formada pelo processo parassintético, ou seja, exigiu a presença obrigatória e simultânea de um prefixo e um sufixo ao verbo *vanescer*. Neste caso, se um dos afixos for retirado da palavra, perde-se o sentido.
- Etimologicamente, o verbo “*vanescer*” veio do latim “*vanescere*” e significa desaparecer.

Ao acrescentar o prefixo *des-* (que indica negação) causa um efeito contrário, não desaparecer, ou seja, ficar em evidência, destacar, fazer aparecer.

O sufixo **-mento** foi adicionado ao verbo *vanecer* para transformá-lo em substantivo.

a)- De acordo com o contexto, o vocábulo “**desvanecimento**” expressa como os fieis vassallos se sentiam honrados em servir prontamente as ordens de sua Majestade. Sendo assim, qual o sentido dado ao vocábulo **desvanecimento**?

R: *O termo ‘desvanecimento’ (desvanecimento) é um deverbais do verbo desvanecer, que significa envaidecer-se, ou seja, sentir-se orgulhoso. (cf. FERREIRA, 2000, p. 231)*

b) Crie novas palavras utilizando o processo parassintético.

R: *Resposta pessoal. Alguns exemplos: noite: a- noit –ecer, louco: en- louq –ecer, cabelo: des- cabel -ado.*

NÍVEL SINTÁTICO

1)- Observe o fragmento:

[...] e comprometidaõ

remeteremos as informações, **qui** constaõ da memoria [...]

▪ O elemento destacado é um pronome relativo invariável e possui como função sintática dentro da estrutura retomar um termo da oração antecedente.

a) Qual o elemento retomado pelo pronome relativo “que”?

R: *as informações (informações)*

▪ Professor, leve os alunos a observarem que, em um documento oficial, como é o caso desta carta, a linguagem deve ser formal, portanto, o pronome relativo “que”, o qual foi grafado como “qui”, deve ser substituído por “que”.

Unidade 4

M^{ms} e Exp^{ta} Sr. Antonio Manoel de Melo Castro e Mendonça

27 - out. / 1798

12-6-9
Paraná

Camara de.

Recebemos com o maior con-

tentamento e honrera e estimada Carta de V. Ex^{ta} de 22 de Junho, a 8 do Corrente, conjuntamente acco-
das privilegios concedidas por Sua Mag. F. da Offi-
cil, e estatutos das Com^{as} Militares, e executan-
do o que V. Ex^{ta} namosma nos Ordena, fizo le-
gitalidade no Livro de Registas desta Camara co-
mo melhor vera V. Ex^{ta} da Certidão que junta
oferecemos.

Essendo obrigados a
Representarmos a V. Ex^{ta} a quora ventura ser defi-
camos não aver no distrito desta Villa Compa-
nhas de Milicia, pella pouca gente que tem
estã ha hã Com^{as} de Ordenanças.

He que sobre este Objeto se-
nos oferece Representar a V. Ex^{ta} e fuzimos lo-
gando a M. G. e M. A. sobre o que V. Ex^{ta}
por m. a. m. Villa de S. Luiz de Maranhão
em Camara de 27 de Set. de 1798 a

Deva Ex^{ta}

Obedientes e Amallos Subditos



O Juiz Presidente

O Vereador mais velho

O Vereador mais novo

O Procurador

Manoel Jomey Maranhão
Manoel de S. Thiago
Antonio de S. Bento
Miguel G. Lopes

Nº Doc: 10 [165]
Composição: fól 1r
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 20/Outubro/1798
Assunto/resumo: Informação de recebimento e registro de cartas, além de informação sobre a ausência de companhia de milícias na vila.
Autores: Antonio dos Santos Silva, João Araújo Ferraz, Victoriano José da Costa, Inácio José Ferreira Coutinho e Manoel Antonio Barata.

Illustrissimo eExcelentissimo Senhor Antonio Manoel de Melo Castro eMendoça

[[27-out-1798]]

[[12-6-9]]

[[Paraná]]

[[Camara M.]]

Recebemos com o mayor contentamento a honrosa e estimada Cartã de *Vossa Excelencia* de 22 de Junho, a 8 do corrente, ejuntamentes a copia dos privilegios concedidos por Sua Magestade *Fidelissima* aos Officiaes, e Soldados das Tropas Milicianas, e executando o que *Vossa Excelencia* namesma nos Ordena, ficão registados no Livro de registos desta Camera como melhor vera *Vossa Excelencia* da Certidão que junta oferecemos. E sendo obrigados a representarmos a *Vossa Excelencia* apura verdade sertificamos não aver no distrito desta Villa Companhias de Milícia pela pouca gente que tem e não há huã Companhia de Ordenanças.

He o que sobre este Objecto se nos oferece representar a *Vossa Excelencia* e ficamos rogando a *Deus Guarde* a, Illustrre pessoa de *Vossa Excelencia* por muitos annos Villa de *Sam Luiz* de Goaratuba em Camera de 27 de outubro de 1798 anno

Devossa *Excelencia*

Obedientes e Umildes Subditos

O Juiz Prezidente - Manoel Gomes Mazagam
O Vereador mais velho- Manuel de Miranda Coittinho
O Vereador mais mosso- Antonio dos Santos Bueno
O Procurador- Miguel Gonsalvez Lopes

NÍVEL TEXTUAL

1)- Leia a transcrição do manuscrito do século XVIII.

a)- Em que data foi redigido?

R: *Em 20 de Outubro de 1798.*

b)- De que assunto se trata neste documento?

R: *Trata-se de informação sobre o recebimento e registro de cartas, além de informação sobre a ausência de companhia de milícias na vila.*

c)- Quem são os autores? Quem são eles?

R: *Os autores são: Manoel Gomes Marzagam, Manuel de Miranda Coittinho, Antonio dos Santos Bueno, Miguel Gonsalvez Lopes. Eles são vereadores da Câmara Municipal de Guaratuba.*

NÍVEL LEXICAL

1)- Em relação à ortografia, é possível encontrar palavras ou construções que não são comuns hoje em dia. Identifique as palavras grafadas de forma diferente da época atual.

R: *Illustrissimo, Excelentissimo, mayor, honroza, Excelencia, justamentes, copia, privilegios, Officiaes, ficaõ, registados, registros, Camera, vera, Certidaõ, representarmos, serteficamos, naõ, aver, destrito, Villa, sô, ha, huã, He, Objecto, oferece, representar, Illustre, annos, Sam Luiz de Goaratuba, Umildes, Subditos, Prezidente, mosso.*

2)- Como você as escreveria hoje?

R: *Ilustríssimo, Excelentíssimo, maior, honrosa, Excelência, justamente, cópia, privilégios, Oficiais, ficam, registrados, registros, Câmara, verá, Certidão, representarmos, certificamos, não, haver, distrito, Vila, só, há, uma, É, Objeto, oferece, representar, Ilustre, anos, São Luiz de Guaratuba, Humildes, Súditos, Presidente, moço.*

3)- Com base na divisão da ortografia da língua portuguesa estabelecida por Coutinho (conteúdo abordado na unidade 1), identifique os vocábulos de acordo com os períodos:

a)- Período Fonético:

R: *honroza, ficaõ, reprezentarmos, reprezentar, Prezidente.*

b)- Período Pseudo-etimológico:

R: *Illustrissimo, mayor, Officiaes, Villa, huã, He, Objecto, Illustre, annos, Subditos.*

c)- Há alguns vocábulos que não se encaixam em nenhum dos períodos. Identifique-os.

R: *Excelentissimo, Excelencia, justamentes, copia, privilegios, Camera, registados, registos, vera, Certidaõ, serteficamos, naõ, aver, sô, ha, ofereçe, Umildes, mosso.*

Hipercorreção

- Rever comentários da unidade 2.

[...] naõ aver no **destrito** desta Villa Comp
nhias de Milícia pela pouca gente que tem
esô há huã *Companhia* de Ordenanças.

1)- Observe a palavra em destaque e informe por que ela foi escrita desta forma.

R: *Resposta pessoal.* Espera-se que o aluno seja capaz de perceber que, por se tratar de um documento antigo, da época em que ainda não havia uma ortografia estabelecida da língua portuguesa, muitos equívocos ocorriam. Às vezes, com o intuito de acertar e se ajustar ao padrão, o escriba acabava por cometer erros. Em relação ao próprio fenômeno, é comum a troca do “e” pelo “i” e do “o” pelo “u” (fenômeno do alçamento), e, como o falante é geralmente corrigido ao realizar tal fenômeno, acaba por considerar errada toda pronúncia de “i” e de “u” em contextos semelhantes aos que fora corrigido.

2)- Como seria a grafia correta desta palavra?

R: *distrito.*

3)- Você conhece outras palavras decorrentes de hipercorreção?

R: *Resposta pessoal. Alguns exemplos: galfo (garfo), cadalço (cadarço), telha (de aranha), melha (meia).*

NÍVEL MORFOLÓGICO

Pronomes de Tratamento

▪ Ao nos dirigirmos a uma pessoa de nível hierárquico mais elevado, devemos usar uma linguagem mais formal, adequada à situação. Essa adequação deverá ser feita tanto na oralidade como na escrita. Os pronomes de tratamento indicam a pessoa com quem falamos, ou seja, a segunda pessoa do discurso. Também, o verbo que acompanha o pronome deve estar sempre na terceira pessoa do singular ou do plural.

1)- Observe a transcrição do manuscrito do século XVIII e responda:

a)- Quais são os pronomes de tratamento presentes no texto?

R: *Ilustríssimo, Excelentíssimo, Senhor, Vossa Excelencia, Sua Magestade.*

b)- Você sabe o motivo de esses pronomes terem sido utilizados?

R: *Trata-se de um gênero que exige formalidade, e os pronomes foram utilizados porque o documento em questão é uma carta oficial destinada a autoridades governantes.*

c)- Para quem se destinam os pronomes de tratamento “Vossa Excelência” e “Vossa Majestade” e “Senhor”?

R: *Vossa Excelência – usado para dirigir-se a altas autoridades dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, como por exemplo, Presidente da República, Senadores, Ministros, Governadores, Deputados, Prefeitos, Embaixadores, Cônsules, Chefes das Casas Cívicas e Militares; Vossa Majestade - usado para reis e rainhas; Senhor – é um tratamento mais cerimonioso, usado para pessoas de um modo geral, com quem não se tenha intimidade.*

d)- Esses pronomes ainda são usados em dias de hoje? Em que situação.

R: *Sim, em situações em que se exige uma linguagem mais formal, como por exemplo, ao dirigir-se a altas autoridades dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.*

NÍVEL SINTÁTICO

1)- Observe a transcrição do manuscrito e responda:

a)- Há no documento alguns dos pronomes mencionados? Destaque sua ocorrência. Para facilitar seu trabalho enumere as linhas do texto.

R: *Sim, há o pronome **nos**, na linha 10 (**nos** Ordena) e na linha 19 (**nos** oferece).*

b)- Qual é a colocação pronominal que ocorre em cada caso identificado?

R: *Ocorre a próclise nos dois casos.*

Unidade 5

M^{ms} Ex. Sr. Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça

Coito do corrente Recebemos aon

roza, estimada Carta de V. Ex.^a com data de 14 de Agosto, avendo com toda atencão o que S. Mag. F.^{da} foi servida ordenar a V. Ex.^a abenefício de seus fieis vassallos, cuja memoria juntam^{tes} Recebemos; fuamos pejsos domayor contentam^{to} ea Legria, o confiar V. Ex.^a desta Camara, Objectos de semelhantes sir cunstancias; em Relação junta acharã V. Ex.^a as verdadeiras em formaçoes que nos parecu justas por rapozencia de V. Ex.^a

Emquanto as estradas na mesma Relação explicamos a V. Ex.^a ser m^{to} util a brice ocaminho para Serra a Sima, e Rogamos a V. Ex.^a se sir va facultar L.^{ca} para o dito fim. Tã bem somos obrigados, apor rapoz.^{ca} de V. Ex.^a que em outros tempo se duvidava ser a Barra desta Villa sufficiente para poder entrar Embarcacões; porem ja estamos izontas desta duvida, porque examinamos a Barra se achou nos bancos da mesma com a baixamar 16 palmos de aq^{ta} q^{ta} que com 8 que nasce de das mares aum. f^{as} 24 fundo sufficiente de poder navegar qual quor Cru seta, e depois deste exame tem entrado e saido sin co em barcacoes carregadas de madeiras, emais tonas entrado, e depois que se publicou o Bando por or dem de V. Ex.^a nas deixacom os que usavam de Serrarias, de continuar; e como esta hera unica carga que se convidava viram; por nas aver com abundancia de tro genero de e feitos de que podem carregar, pe Los



Nº Doc: 12 [168]
Composição: fól. 1r
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 27/Setembro/1798
Assunto/resumo: Pedido de licença para a abertura de novos caminhos pela serra do mar, e para a entrada de embarcações no porto.
Autores: Manoel Gomes Marzagam, Manuel de Miranda Coutinho, Antônio dos Santos Bueno e Miguel Gonçalves Lopes.

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Antonio Manoel de Mello Castro e Medonça

ã oito do corrente Recebemos a on
 rroza, e estimada Carta de *Vossa Excelencia* com data de 11 de Agosto,
 evendo com toda atenção o que *sua Magestade Fidelissima* foi servida orde
 nar a *Vossa Excelencia* a beneficio de seus fieiz vassalos, cuja memo
 ria juntamente recebemos; ficamos xeyos do mayor con
 tentamento e alegria, o confiar *Vossa Excelencia* desta Camera, Objetos
 desemeihantes sircunstancias; ena relação junta acharã
Vossa Excelencia as verdadeiras emformaçoins que nos pareceu justas
 por naprezença de *Vossa Excelencia*.

Emquanto as estradas na
 mesma relação explicamos a *Vossa Excelencia* ser muito util abrice
 o caminho para serra a sima, e rogamos a *Vossa Excelencia* se sir
 va facultar *Licenca* para odito fim. Taõ bem somos
 obrigados, apor naprezenca de *Vossa Excelencia* que em outro tempo
 seduvidava ser a Barra desta Villa soficiente para
 poder entrar Embarçaçoins, porem ja estamos izentos
 desta duvida, porque examinandoçe abarra seachou
 nos bancos damesma com abaixamar 16 palmos dea
 goã que com 8 que nacrecente das mares aumenta faz
 24 fundo soficiente depoder navegar qualquer Cru
 veta, edepois deste exame tem entrado esaido sin
 co em barçaçoins carregadas demadeiras, emais teriaõ
 entrado, sedepois que sepublicou o Bando por or
 dem de *Vossa Excelencia* naõ deixaçem os que uzavaõ de serrari-
 as, decontinuar; e como esta hera aunica carga que
 as convidava virem; pornaõ aver com abundancia ou
 tro genero de efeitos deque poçam carregar, pelos

Poucos moradores que vivem
 estes amajorr p.^{to} m.^{to} pobres epecies de baiva esfera sem
 estimulos de Onra e adiantam.^{to} Objeto que mais afervo-
 riza Ohomem para o trabalho e aum.^{to} proprio; temo Seado
 adita navegacao, nao por causa da barra e sim por falta de
 Carga, isto causa bast. desgosto e em comado aos morado-
 res que tem alguns efeitos para vender, que lhes he porci-
 za conduzirem ou p.^o a Villa de Parana em carras & Leguas
 de paya the oportual onde embarcando em canoas tem 2
 Leguas de mar the chegar adita Villa onde vaõ vender,
 ou para a Villa do Rio de S. Francisco com a mesma pençã
 emisco, o que nao aconteceria se houve abundancia de
 moradores, estes; Lavradores, e principalmentes das Illhas
 os quais são o mais agil e activos, para a Agricultura, fa-
 bricas de engenhos, e Feiras.

He quanto nos pareceu
 com verdade por rapres.^{ca} de V. Ep.^o para providencias co-
 mo melhor lhe parecer. Ficamos rogando a D. Pella
 vna e saude da Magestade p.^o de V. Ep.^o e como Sr.
 S. a V. Ep.^o por m. adm. Villa de S. Luiz de Goara
 tuba Concavura de 27 de 8 br. de 1798.

Deusca Ep.^o

Comais Obedientes e Amittes Subditos

O Suij Presidente
 O Escrivador maior velho
 O Escrivador maior novo
 O Procurador

Manoel Gomes e Paraguan
 Manuel de Alva
 Antonio de Santo Bueno
 Miguel de S. Lopes



Nº Doc: 12 [169]
Composição: fól. 1v.
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 27/Setembro/1798
Assunto/resumo: (continuação) Pedido de licença para a abertura de novos caminhos pela serra do mar, e para a entrada de embarcações no porto.
Autores: Manoel Gomes Marzagam, Manuel de Miranda Coutinho, Antônio dos Santos Bueno e Miguel Gonçalves Lopes.

Poucos moradores que izistem,
eestes amayor parte muito pobres epecoas debaixa esfera sem
estimulos de Onrra e adiantamento Objeto que mais afervo-
riza O homem para o trabalho eaumento proprio;tem seçado
adita navegação, não por cauza da barra e sim por falta de
carga, eisto cauza bastante disgosto eemcomado aos morado
res que tem alguns efeitos para vender, que lhes he perci-
zo conduzirem ou para a Villa de Parnagoâ em carros 8 Leguas
depraya the o pontal onde embarcando em canoas tem 2//
Leguas demar the chegar a dita Villa onde vão vender;
ou para a Villa do Rio de Saõ Francisco comamesma penção
errisco, o que não aconteçeria seouveçe abundancia de
moradores, eestes; Lavradores, eprincipalmentes das Ilhas
os quais são osmais agil eactivos, para a Agricultura, fa-
bricas de engenhos, e Teares:

He o quanto nos pareceu

Com verdade por napresenca de Vossa Excelencia para providenciar co-
mo melhor lheparecer. Ficamos rogando aDeus pella
vida eSaude dallustre peçoa de Vossa Excelencia eomesmo Senhor
Guarde a Vossa Excelencia por muitos annos Villa de Sam Luiz de Goara
tuba Emcamera de 27 de outubro de 1798 anno

Devossa Excelencia

Osmas Obedientes eUmildes Subditos

O Juis Prezidente —	<u>Manoel Gomes Marzagam</u>
o Vereador mais velho —	<u>Manuel deMiranda Coittinho</u>
o vereador mais moço —	<u>Antonio dosSantos Bueno</u>
o Procurador —	<u>Miguel Gonçalvez Lopes</u>

NÍVEL TEXTUAL

Os textos expostos correspondem a um documento composto por duas páginas. Observe a transcrição do manuscrito e responda as seguintes questões:

1)- Há quanto tempo foi escrita esta carta? Qual era o assunto em questão e quem são os autores?

R: *Foi escrita há mais de 200 anos, em 27 de setembro de 1798. Trata-se de um pedido de licença para abertura de novos caminhos no porto; os autores da carta são: Manoel Gomes Marzagam, Manuel de Miranda Coittinho, Antonio dos Santos Bueno e Miguel Gonçalves Lopes.*

NÍVEL LEXICAL

1)- O texto foi escrito em uma linguagem diversificada, sem as regras ortográficas atuais. Ao ler o texto, é possível encontrar palavras ou construções que não são comuns hoje em dia. Identifique as palavras grafadas de forma diferente da época atual.

R: *Illustrissimo, Excelentissimo, ã, onroza, Excelencia, fieiz, xeyos, mayor, sircunstancias, acharã, emformaçoins, prezença, Emquanto, abrirce, asima, Taõbem, Villa, soficiente, embarcaçoins, porem, ja, izentos, duvida, examinandoçe, agoã, fas, sinco, teriaõ, deixaçem, uzavaõ, hera, aver, poçam, izistem, pecoas, Onrra, seçado, cauza, emcomado, he, percizo, Parnagoã, praya, the, rrisco, aconteçeria, ouveçe, activos, pareçeo, pella, peça, annos, Sam Luiz de Goaratuba, camera, Umildes, Subditos, Prezidente.*

2)- Como você as escreveria atualmente?

R: *Ilustríssimo, Excelentíssimo, há, honrosa, Excelência, fiéis, cheios, maior, circunstancias, achará, informações, presença, enquanto, abrir-se, acima, também, vila, suficiente, embarcações, porém, já, isentos, dúvida, examinando-se, água, faz, cinco, teriam, deixassem, usavam, era, haver, possam, existem, pessoas, honra, cessado, causa, incômodo, é, preciso, Paranaguá, praia, até, risco, aconteceria, houvesse, ativos, pareceu, pela, pessoa, anos, São Luiz de Guaratuba, câmara, humildes, súditos, Presidente.*

3)- Pesquise no dicionário o significado do vocábulo Cruveta (também grafado como Corveta em alguns dicionários).

R: *Pequeno navio.*

4)- Com base na divisão da ortografia da língua portuguesa estabelecida por Coutinho (conteúdo abordado na unidade 1), identifique os vocábulos de acordo com os períodos:

a)- Período Fonético:

R: *onroza, emformaçoins, prezença, Taõ bem, soficiente, Embarçaõins, izentos, examinandoçe, teriaõ, uzavaõ, izistem, Onrra, cauza, percizo, Parnagoã, rrisco, Prezidente.*

b)- Período Pseudo-etimológico:

R: *Illustríssimo, mayor, Villa, he, praya, the, activos, He, pella, Illustre, annos, subditos.*

c)- Há alguns vocábulos não se encaixam em nenhum dos períodos. Identifique-os.

R: *Excelentissimo, ã, Excelencia, atençaõ, beneficio, fieiz, memoria, xeyos, Camera, circunstancias, relaçaõ, acharã, Emquanto, util, abrice, a sima, pore, ja, duvida, agoã, fas, saida, sinco, naõ, deixaçem, hera, unica, aver, abundancia, genero, poçam, pecoas, estímulos, proprio, seçado, navegaçaõ, emcomado, vaõ, pençaõ, aconteçeria, ouveçe, saõ, fabricas, pareçeu, peço, Umildes.*

Hipercorreção

▪ Rever comentário da unidade 2.

1)- Observe a palavra em destaque e responda:

[...], eisto cauza bastante disgosto **eemcomado** aos morado
res que tem alguns efeitos para vender, [...]

a)- Por que ela foi escrita desta forma?

R: *Resposta pessoal.* Espera-se que o aluno seja capaz de perceber que, por se tratar de um documento antigo, da época em que ainda não havia uma ortografia estabelecida da língua portuguesa, muitos equívocos ocorriam. Às vezes, com o intuito de acertar e se ajustar ao padrão, o escriba acabava por cometer erros. Em relação ao próprio fenômeno, é comum a troca do “e” pelo “i” e do “o” pelo “u” (fenômeno do alçamento), e, como o falante é

geralmente corrigido ao realizar tal fenômeno, acaba por considerar errada toda pronúncia de “i” e de “u” em contextos semelhantes aos que fora corrigido.

2)- Reescreva o fragmento de acordo com a norma padrão.

R: “[...], e isto causa bastante desgosto e **incômodo** aos moradores que têm alguns efeitos para vender, [...]”.

3)- Você conhece outras palavras decorrentes de hipercorreção?

R: *Resposta pessoal.* Alguns exemplos: adevogado (advogado), galfo (garfo), cadaço (cadarço).

NÍVEL SEMÂNTICO

[...] edepois deste exame tem entrado esaido sinco em barcaçoins carregadas demadeiras, emais teriaõ entrado, sedepois que sepublicou o Bando por ordem de *Vossa Excelencia* naõ deixaçem os que uzavaõ de serrarias, decontinuar; [...]

1)- Releia este trecho da transcrição do manuscrito e observe o sentido dado ao vocábulo “*Bando*”. De acordo com o contexto qual é o seu significado:

- () – Grupo de pessoas ou animais.
- () – Pessoas que representam um partido ou facção.
- (x) – Anúncio de uma lei ou decreto.

Como se observa no documento, **bando** originalmente significava “aviso público”. Vejamos algumas acepções:

- Bluteau (1712, p. 31): ao afirmar que “Derivase do antigo vocábulo Alemão *Bam*, que significa pregão; do *Bam* dos Alemaens fizeram os Italianos o seu *Bandire*, que quer dizer *Publicar por bando*, como quando se declara publicamente hum decreto, huma ley”.
- Morais Silva (1949, p. 361): *bando* significa “Pregão Público pelo qual se anuncia alguma ordem ou decreto e se denuncia, talvez guerra, proclamação”.

- Ferreira (2004, p. 262): “Pregão Público; proclamação”.

Entretanto, de acordo com alguns dicionaristas contemporâneos, a acepção atribuída ao vocábulo *bando* mudou semanticamente.

- Houaiss; Villar (2001, p. 395): há várias acepções para o vocábulo: ¹*bando*: 1 ajuntamento de pessoas ou de animais, 2 os integrantes de um partido ou facção, 3 grupo de pessoas que atua em atividades ilegais ou anti- sociais; quadrilha, 4 reunião de quatro ou mais pessoas com a finalidade de praticar crime(s), 5 conjunto de famílias, permanentemente associadas, que vive em determinada região, com cultura e tradições comuns. ²*bando*: anúncio público; proclamação.

2)- Com base nas acepções, explique o que ocorreu com o vocábulo **bando** com o decorrer do tempo.

R: *O vocábulo **bando** mudou de sentido. Antigamente significava “aviso público” ou “Proclamação de uma lei”, atualmente é usado com outros sentidos, dentre eles, “grupo de pessoas que atua em atividades ilegais ou anti-sociais”.*

Poucos moradores que izistem,
 eestes amayor parte muito pobres epecoas debaixo esfera sem
 estímulos de Onrra e adiantamento Objeto que mais afervo-
 riza O homem para o trabalho eaumento proprio;

3)- Neste trecho as palavras “**adiantamento**” e “**afervoriza**” foram empregadas com que sentido? Pesquise em um dicionário e dê seu significado de acordo com o contexto.

R: *Adiantamento: desenvolvimento; Afervoriza: encher (se) de fervor, dedicação e zelo.*

NÍVEL MORFOLÓGICO

1)- Observe alguns vocábulos extraídos do manuscrito e informe o processo de formação das palavras.

“*Illustrissimo, Excelentissimo, Fidelissima, contentamento, juntamente, embarçaõs, adiantamento, afervoriza, navegaçaõ, embarcando, principalmentes*”.

R: *Derivação sufixal = Illustrissimo, Excelentissimo, Fidelissima, contentamento, juntamente, adiantamento, navegaçaõ, principalmentes.*

Derivação parassintética = afervoriza, embarcando, embarçaõs.

NÍVEL SINTÁTICO

1)- Observe a transcrição do manuscrito e responda o que se pede:

a)- Há no documento alguns dos pronomes mencionados? Se sim, destaque a ocorrência. Para facilitar seu trabalho enumere as linhas do texto.

R: *Sim, há os pronomes se e nos. Linha 9 e 44 (nos pareceu – próclise); Linha 12 (abrirce – ênclise); Linha 13 (se sirva – próclise); Linha 16 (seduvidava – próclise); Linha 18 (examinandoçe – ênclise, seachou – próclise); Linha 24 (sepublicou – próclise); Linha 27 (as convidava – próclise); Linha 35 (Ihes he percizo – próclise); Linha 46 (Ihe parecer – próclise).*

▪ O termo “**se**”, redigido de forma aglutinada aos verbos, resulta de fatores característicos da época em que foram escritos os manuscritos, dada a escassez de tinta e papel. Observe que, do jeito que está escrito, o pronome se confunde com um possível morfema.

2)- No texto, alguns pronomes aparecem anteposto ao verbo, outros, no entanto, aparecem posposto ao verbo. Qual era a colocação pronominal preferida nesse documento?

R: *A próclise.*

Pronomes Relativos

1)- Observe o segmento do manuscrito e responda:

[...] a *Vossa Excelencia* a beneficio de seus fieiz vassalos, cuja memoria juntamente recebemos; ficamos xeyos do mayor contentamento e alegria, o confiar *Vossa Excelencia* desta Camera, Objetos desemeelhantes circunstancias; ena relaçaõ junta acharã *Vossa Excelencia* as verdadeiras emformaçoins que nos pareceu justas

por naprezença de Vossa Excelencia.

a)- Quais pronomes relativos estão explícitos?

R: *O pronome cuja e o pronome que.*

b)- Identifique no texto quais são os termos que estabelecem relação com os pronomes em questão.

R: *O pronome cuja se relaciona com o termo memória, já o pronome que está relacionado como o termo emformaçoins.*

▪ Atualmente o pronome relativo “**cujo**” está caindo em desuso e é quase inexistente na oralidade.

Concordância Nominal e Verbal

▪ Ao estudarmos as regras de concordância da Língua Portuguesa, classificamos em dois tipos: **Concordância Nominal e Concordância Verbal.**

1)- Leia o fragmento abaixo e responda:

“Lavradores, eprincipalmentes das ilhas os quais são osmais agil e activos, para a Agricultura, fabricas, e Teares:”

a)- Na frase há alguma falta de concordância? Justifique.

R: *Sim, há problemas de concordância nominal, pois o adjetivo agil deve concordar com o sujeito Lavradores.*

b)- Reescreva a frase de acordo com a norma padrão:

R: *Lavradores e, principalmente, das ilhas, os quais são os mais ágeis e ativos para a agricultura, fábricas e teares.*

2)- No trecho a seguir há um desvio da norma padrão relacionado à concordância.

“[...] ena relação junta acharâ Vossa Excelencia as verdadeiras emformaçoins que nos pareceu justas por naprezença de Vossa Excelencia.”

a)- Identifique qual tipo de concordância está inadequada e comente.

R: *Concordância verbal, porque, de acordo com a norma padrão, o verbo parecer deveria estar no plural concordando com o vocábulo emformaçoins.*

b)- Reescreva o trecho fazendo a correção, seguindo a norma padrão e adequando à norma ortográfica atual.

R: *[...] e na relação junta achara Vossa Excelência as verdadeiras informações que nos pareceram justas por na presença de Vossa Excelência.*

Estrutura Textual

O texto que você leu é uma carta oficial redigida em nome dos vereadores da então Villa de Sam Luiz de Goaratuba, destinado ao Senhor Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça, governador da província de São Paulo, solicitando a licença para a abertura de novos caminhos na serra do mar e a entrada de embarcações no porto.

▪ Requerimentos são instrumentos feitos com certas formalidades legais destinados às autoridades ou órgãos públicos, com o intuito de requerer, ou solicitar algo.

1)- Ao compararmos esta carta oficial do século XVIII com uma atual, podemos depreender algumas mudanças. Observe os documentos.

CÂMARA MUNICIPAL DE XXX – ESTADO DO PARANÁ

XXX, 03 de abril de 2006.

Senhor Secretário,

Em virtude do estado lastimável que a estrada encontra-se no trecho de XXX a XXX, onde são constantes as reclamações, e impossível a sua manutenção; vimos por meio deste solicitar de Vossa Senhoria que seja objeto de Licitação a pavimentação asfáltica de 09 quilômetros, no trecho da PR XXX – entroncamento da BR XXX à XXX.

Outrossim, colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Sem mais para o momento, e na certeza de uma boa acolhida, antecipo meus sinceros agradecimentos.

Respeitosamente,

XXX
Vereadora/Representante da Comunidade de XXX

**AO
SECRETÁRIO DE TRANSPORTES
Avenida Iguaçu, 420 –
CEP 80230-020 - Curitiba - Paraná - Brasil**

▪ Este documento foi usado com a intenção de exemplificar um documento mais recente. Trata-se de uma cópia verdadeira, mas sem as pistas linguísticas que identifiquem o lugar ou as pessoas envolvidas.

a)- Quais mudanças mais evidentes você percebe?

R: *Resposta pessoal.* Espera-se que os alunos atentem para a grafia da época, a forma que o documento foi redigido à mão, com letra cursiva muito bem desenhada, diferentemente dos documentos redigidos no computador, como é feito hoje em dia.

b)- Houve alguma alteração na forma de fazer o pedido?

R: *Sim, pois a linguagem hoje é mais clara, mais direta, Há mais objetividade, o que facilita a compreensão.*

CONCLUSÃO

Este estudo se principiou com a proposta de analisar o atual estado do ensino da variação linguística presente nos manuais didáticos e de sugerir atividades didáticas sobre a variação histórica que possam ser úteis para o estudo no ambiente escolar. A partir disto, nosso esforço recaiu, primeiramente, na análise das coleções de livros didáticos aprovadas pelo PNLD/2011 – Plano Nacional do Livro Didático, com o objetivo de verificar as formas de propostas de estudos sobre variação linguística encontradas nessas coleções. Em parceria com o projeto *PHPP – Para a História do Português Paranaense* e em posse das cópias digitalizadas e transcritas dos manuscritos setecentistas, elaboramos atividades didáticas relacionadas à variação histórica.

Para credibilizar o trabalho, a fundamentação teórica se fez totalmente relevante e necessária para o estudo do tema. Nesta etapa, abordamos questões sobre história da língua portuguesa no Brasil, variação linguística, arcaísmos e variação e o ensino.

Sobre a língua portuguesa, traçamos um breve perfil histórico desde a chegada da língua em terras brasileiras até o século XVIII. Através das explanações, pudemos verificar que, como parte do processo de posse da terra descoberta, os portugueses impuseram seu idioma sobre a linguagem dos nativos que aqui já existiam. Além disso, ainda na época da colonização, muitos africanos que aqui chegaram, por consequência do tráfico negreiro, trouxeram suas particularidades linguísticas e, desse contato, as línguas indígenas, sobretudo o tupi, tiveram grande influência no léxico do português brasileiro; já línguas africanas contribuíram não só no nível lexical, mas também no nível semântico, prosódico e sintático. O contato étnico de culturas tão peculiares foi fundamental para a caracterização do português brasileiro, pois a mistura dos idiomas indígena, europeu, africano, entre outros, aliada aos fatores históricos, sem dúvida, culminou na formação do português que é hoje tipicamente brasileiro.

Para entender a atual diversidade linguística encontrada no Brasil, procuramos fazer um levantamento dos diferentes níveis de variação. Discutimos as variedades linguísticas decorrentes dos aspectos geográfico, social, estilístico, diamésico e de canal, e histórico. Quanto ao quesito da geografia brasileira,

verificamos que, sobretudo pela grande extensão do território brasileiro, seria impossível encontrar uma linguagem única, homogênea, pois cada região possui um comportamento linguístico que identifica e distingue os membros de uma e de outra comunidade. Observamos, ainda, que as variantes linguísticas relacionadas ao aspecto geográfico podem ser sentidas no nível lexical, morfológico, fonológico e sintático. Também discorremos sobre os importantes trabalhos na área da Dialetoлогия. No tocante à variação social, verificamos que este fenômeno é decorrente de questões ligadas a fatores de ordem sociocultural, socioeconômica (nível de renda familiar, grau de escolaridade) e sociobiológica (indivíduo, sexo). Quanto à variação estilística, identificamos estar diretamente relacionada às formas de linguagem empregadas pelos indivíduos a depender do contexto de interação, podendo ser mais elaborada em situação que exija um grau maior de formalidade ou menos formal, em situações cotidianas. Sobre a variação diamésica e de canal, constatamos que ambas estão associadas aos diversos meios ou gêneros que veiculam a língua. Por fim, sobre a variação histórica, constatamos que se trata das transformações ocorridas na língua ao longo do tempo; cabe ressaltar que essas mudanças são condicionadas principalmente por fatores sócio-históricos, fatores estes que definem as variantes comumente usadas e as que deixam de ser empregadas por certa comunidade em determinado tempo.

Em relação aos arcaísmos, discutimos os principais processos que podem levar ao desaparecimento, ou arcaização, dos vocábulos. Percebemos que os motivos que levam as palavras a tornarem-se obsoletas decorrem de diversos fatores que podem estar relacionados ao desaparecimento de instituições, costumes, objetos, degradação de sentido, neologismos, homonímia, etc. Também verificamos que as mudanças linguísticas resultantes dos fenômenos de arcaização podem ser observadas no nível lexical, semântico, sintático e morfológico. Ressaltamos, no entanto, que é preciso ter cautela ao considerar determinado termo como arcaico, pois uma palavra pode deixar de ser usada em uma região, e em outro lugar pode ainda estar ativa.

Sobre a relação entre variação linguística e ensino da língua portuguesa, constatamos que há muito a fazer pela educação brasileira sob o ponto de vista sociolinguístico. O ensino institucionalizado da língua preconiza um padrão linguístico avesso à realidade das salas de aula encontradas em todo o país e

representa um grande desafio para o professor de Letras. Além disso, a dificuldade de adotar metodologias que atendam a toda essa diversidade linguística se deve, em grande parte, à deficiência da formação docente. De acordo com as explicações, verificamos que a crise no ensino é decorrente de fatores que estão relacionados à própria mudança na sociedade brasileira, na problemática de estabelecer uma teoria gramatical que reconheça a língua como um fenômeno heterogêneo e na formação do profissional que atua diretamente com a linguagem do alunado.

A análise do *corpus* atual desenvolvida na presente pesquisa demonstrou que as propostas sobre variação histórica presentes nos manuais dos livros didáticos são ainda realizados de forma secundária e sem muita relevância, visto que, em sua maioria, o estudo da variação está voltado para as perspectivas geográfica, estilística e social. As 15 coleções analisadas são compostas por 4 manuais cada, totalizando 60 livros. Dos 60 livros, 18 trabalham com a variação histórica, mas não oferecem um espaço próprio para o estudo do tema; 4 manuais, no entanto, preocupam-se mais com a questão e disponibilizam um capítulo à parte para esse estudo.

Em relação às propostas didáticas, foram elaboradas especificamente com o intuito de atender ao público do 6º ao 9º ano e oferecem questões que abrangem os níveis textual, lexical, semântico, morfológico e sintático. Optamos por não direcionar as atividades aos níveis de educação, deixando a critério do professor sua adequação aos diferentes níveis de ensino e aos objetivos pretendidos.

Desse modo, o presente trabalho vem ao encontro da expectativa inicial de ampliar o estudo da variação histórica da língua portuguesa nos manuais de livros didáticos por considerar a necessidade de disponibilizar um banco de dados com atividades didáticas para o Ensino Fundamental.

Não há dúvidas de que os manuscritos aqui analisados são uma fonte riquíssima para o estudo da linguagem, assim como os livros didáticos representam um importante instrumento de apoio aos professores. Esperamos que o presente estudo, embora pequeno diante dos estudos já realizados por autores renomados, possa colaborar, mesmo que sutilmente, para uma nova fase de ensino da língua, em que a diversidade seja percebida e estudada na escola.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade; ALMEIDA BARONAS, Joyce Elaine de (Orgs). **Scripturae nas Villas de Goaratuba e Antonina**: manuscritos setecentistas e oitocentistas. Londrina: Eduel, 2007.

AZEREDO, Cristina Soares de Lara. **Língua portuguesa**. 8º ano. Manual do professor. Curitiba: Positivo LV, 2009. (Projeto Eco).

BELTRÃO, Eliana Lúcia Santos; GORDILHO, Tereza Cristina S. **Diálogo**: língua portuguesa. 9º ano. Manual do professor. renov. São Paulo: FTD, 2009.

BLUTEAU, Padre Raphael. **Vocabulário português e latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. **Tudo é linguagem**: língua portuguesa. 6º ano. Manual do professor. 2. ed. São Paulo: Ática, 2009a.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. **Tudo é linguagem**: Língua Portuguesa. 8º ano. Manual do professor. 2. ed. São Paulo: Ática, 2009b.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Guia do livro didático**. Disponível em: <<http://www.fnnde.gov.br/index.php/pnld-guia-do-livro-didatico>>.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Guia de livros didáticos PNLD 2011**. 2010. Disponível em: <<http://www.fnnde.gov.br/index.php/pnld-guia-do-livro-didatico/2349-guia-pnld-2011>>.

CAMACHO, Roberto Gomes. A variação linguística. In: SÃO PAULO. Secretaria de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para os 1º e 2º graus**: coletânea de textos. São Paulo: SE/CENP, 1988. v. 1. p. 29-41.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 49-75.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática:** referente à língua portuguesa. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1976.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPOS, Elizabeth Marques; CARDOSO, Paula Marques; ANDRADE, Silvia Letícia de. **Viva Português:** 7º ano. Manual do professor. 2. ed. São Paulo: Ática, 2009.

CARDOSO, Wilton; CUNHA, Celso. **Estilística e gramática histórica.** Português através do texto. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. O Português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. **Linguística românica.** São Paulo: Ática, 1992. p. 237-269.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português.** São Paulo: Contexto, 1998.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma.** São Paulo: Loyola, 2002. p. 27-36.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, Yeda Pessoa. Dimensão dos aportes africanos no Brasil. **Afro-Ásia** (UFBA), Salvador, v. 16, p. 24-35, 1995.

CASTRO, Yeda Pessoa. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: SALVADOR. Prefeitura Municipal. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Pasta de texto da professora e do professor.** Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português:** linguagens. 6º ano. Manual do professor. 5. ed. reform. São Paulo: Atual, 2009a.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português:** linguagens. 9º ano. 5. ed. reform. São Paulo: Atual, 2009b.

COSTA, Cibele Lopresti; MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. Batista. **Para viver juntos:** Português. 6º ano. Ensino Fundamental. Manual do professor. São Paulo: Edições SM, 2009.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica.** 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso. O eixo e a roda. **Revista de Literatura Brasileira**, Belo Horizonte, v. 5, p. 199-230, nov. 1986.

DELMANTO, Dileta; CASTRO, Maria da Conceição. **Português: idéias e linguagens**. 6º ano. Manual do professor. 13. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2009a.

DELMANTO, Dileta; CASTRO, Maria da Conceição. **Português: ideias e linguagens**. 9º ano. Manual do professor. 13. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2009b.

DIAFÉRIA, Celina; PINTO, Mayra. **Trajetórias da palavra: língua portuguesa**. 8º ano. Manual do professor. São Paulo: Scipione, 2009a.

DIAFÉRIA, Celina; PINTO, Mayra. **Trajetórias da palavra: língua portuguesa**. 9º ano. Manual do professor. São Paulo: Scipione, 2009b.

ELIA, Silvio. **Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO JR., José Hamilton. **Língua portuguesa: linguagem e interação**. 7º ano. Manual do professor. São Paulo: Ática, 2009a.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO JR., José Hamilton. **Língua portuguesa: linguagem e interação**. 9º ano. Manual do professor. São Paulo: Ática, 2009b.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Givan et al. **Trabalhando com a Linguagem**. 6º ano. Manual do professor. atual. São Paulo: Quinteto Editorial, 2009.

GABAS JR., Nilson. Linguística histórica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 77-103.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos – a língua que falamos.** São Paulo: Contexto, 2006.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa: fonética ou ortográfica? **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 159-178, 1998.

MAFRA, Joaquim da Silva. **História do município de Guaratuba.** Guaratuba: [s.n.], 1952.

MARCHETTI, Greta; STRECKER, Heidi; CLETO, Mirella L. **Para viver juntos: português.** 9º ano. Ensino Fundamental. Manual do professor. rev. São Paulo: Edições SM, 2009.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas.** São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica – “ouvir o inaudível”.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MORAIS SILVA, Antônio de. **Grande dicionário da língua portuguesa.** Lisboa: Confluência, 1949.

MOREL PINTO, Rolando. **História da Língua Portuguesa IV.** Século XVIII. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos).

OLIVEIRA, Gabriela Rodella de; RODRIGUES, Flávio Nigro; CAMPOS, João Rocha. **Português: a arte da palavra.** 6º ano. Livro do professor. São Paulo: AJS, 2009a.

OLIVEIRA, Gabriela Rodella de; RODRIGUES, Flávio Nigro; CAMPOS, João Rocha. **Português: a arte da palavra.** 8º ano. Livro do professor. São Paulo: AJS, 2009b.

RAMOS, Jânia M. **O espaço da oralidade na sala de aula.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RIBEIRO, Laudicena de Fátima. **Regras básicas para apresentação formal de trabalhos.** jun. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/bc/portal/arquivos/apostila-normalizacao.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2012.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas.** São Paulo: Loyola, 1986.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

SOARES, Magda. **Português: uma proposta para o letramento. 7º ano. Manual do professor.** São Paulo: Moderna, 2002a.

SOARES, Magda. **Português: uma proposta para o letramento. 8º ano. Manual do professor.** São Paulo: Moderna, 2002b.

SOUZA, Cássia Garcia de; CAVÉQUIA, Márcia Paganini. **Linguagem: criação e interação. 8º ano. Manual do professor. 6. ed.** São Paulo: Saraiva, 2009a.

SOUZA, Cássia Garcia de; CAVÉQUIA, Márcia Paganini. **Linguagem: criação e interação. 9º ano. Manual do professor. 6. ed.** São Paulo: Saraiva, 2009b.

SPINA, Segismundo. **História da língua portuguesa III. Segunda metade do século XVI e século XVII.** São Paulo: Ática, 1987. (Série Fundamentos).

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística.** São Paulo: Ática, 1985.

TERRA, Ernani; CAVALLETE, Floriana Toscano. **Projeto radix: português. 6º ano. Manual do professor.** São Paulo: Scipione, 2009a. (Coleção Projeto Radix).

TERRA, Ernani; CAVALLETE, Floriana Toscano. **Projeto radix: português. 8º ano. Manual do professor.** São Paulo: Scipione, 2009b. (Coleção Projeto Radix).

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa. 2. ed.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; ROCHA, Maura Alves de Freitas; ARRUDA-FERNANDES, Vania Maria Bernardes. **A aventura da linguagem. 7º ano: manual do professor.** Belo Horizonte: Dimensão, 2009a.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; ROCHA, Maura Alves de Freitas; ARRUDA-FERNANDES, Vania Maria Bernardes. **A aventura da linguagem. 9º ano: manual do professor.** Belo Horizonte: Dimensão, 2009b.